

Oferta  
-0. NOV. 1998

ANO IV N. 160  
8  
JUNHO  
1944  
PREÇO AVULSO  
ESC. 1\$50

# Nunca tive uma intérprete como MARIA LALANDE!

Disse o encenador de "Ascensão de Joanhinha"  
(VEJA NA PÁGINA 8 UMA ENTREVISTA COM O DR. MEYENBOURG)



**VIDA  
MUNDIAL**

*O sr. Presidente da República esteve na festa de encerramento do ano lectivo no Colégio Militar*

# ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

## A ilusão da cidade

**S**ó o silêncio identifica o homem. Perdido no rumor, nesse acotovelamento febril da turba, o homem é obrigado a viver, intensamente, na febre dos sentidos.

Nada o detém — a mão magra, macilenta, que se abeira da esmola, causa-lhe repulsa; a criança esfarrapada, de olhos aguçados, confunde-se no rumor e o seu queixume é tão baixo, que não chega aos ouvidos. Apenas uma coisa domina o homem — chegar. Aonde? Nem ele sabe. O ritmo da vida é vertiginoso, célere, tem qualquer cousa de impulsivo que lhe arrasta os nervos. Nunca o homem olhou menos para trás que na hora presente. Os seus pés galgam léguas — devoram caminhos, numa ânsia de vencer, de transpor, com medo de ser o último daquela debandada. O tambor da fatalidade marca-lhe o ritmo; aquela toada tráz-la nos sentidos, no sangue, como ferroadas. Parece, que, alucinado, alcançou um objectivo — e afinal quanto mais foge, quanto mais anda — mais vontade tem de caminhar. Há os que tombam, os que ficam exangues, prostrados, vencidos — que mordem o pó dos caminhos e não mais se levantam. São os que fraquejam, os desiludidos, aqueles para quem a vida sorriu nas negações duma ilusão. E o que deseja o homem, no seu caminho? Conhecer a Felicidade.

Eles sabem que ela existe nos outros — em si, porém, nunca deram por ela. Nós somos felizes, conforme as circunstâncias. A felicidade dum mendigo pode estar na fôfa cama que o acolhe, por misericórdia, e no prato da sôpa, que lhe reconforta o estômago. Mas aquele que tem a sôpa e a cama — seria feliz se tivesse um automóvel — e um outro se lhe dessem um avião. Para alcançar a felicidade o homem luta, dá a volta ao mundo, inquieto e ansioso. E afinal, às vezes, volta desiludido — e encontra, por detrás da porta, aquilo que ele tanto procurava...

Vêm, das aldeias à cidade, os homens do campo. Deixaram por lá as várzeas cheias de sol, os lameiros, o repique doce dos sinos. As enxadas que revolvem o ventre da terra ficaram esquecidas a um canto — e nunca mais houve pinho na lareira. O sonho é a cidade, clara, risonha, barulhenta e enganosa. E os homens chegam — confundem-se, misturam no clamor o eco das suas vozes. Sômente a cidade, indiferente, sem dar por eles, nem lhes dá a saudação. A aldeia pertence a esses — a cidade é de todos. Cada palmo de terra, banhada de sol, vibra diante da enxada — e, aqui, as ruas só contam os sonhos que seriam desfeitos. É a rua que fala a melhor linguagem, quando o silêncio da noite identifica o homem e ele se debruça para a ouvir...

Que cortejos de lágrimas, que gritos e dores, preces e injúrias, ela tem visto deslizar, eternamente gerações sobre gerações!

Ruas estreitas de dois palmos — por onde cabem léguas de miséria, pátios e betesgas onde o infortúnio se anicha e o sol não entra — tudo quanto a cidade pode ter, como chagas, num corpo esplendoroso de cortezê desejada...

E as pobres ruas de aldeia — tão pequeninas, tão lavadas, tão cheias de sol e de alfazema, que até o sol brinca, contente, espalhando-se de luz...

A rua é um mundo — onde a vida se mostra e se esconde.

Felizes daqueles que sempre puderam olhar as ruas, nas noites frias de inverno, do alto das vidraças. E que elas são, muitas vezes, o leito daquêles que, sem eira nem beira se agasalham com as estrelas do céu!

MANUEL MARTINHO



## Era assim o Largo de S. Roque...

**S.** Roque é dos sítios que mais se prendem à história da capital. A Torre de Álvaro Pais, a porta do Condestável, que fechava a cricunvalação feita por el-rei D. Fernando, ficavam naquele largo, que a história tornou notável. Quando uma grande peste dizimou parte da população de Lisboa, no reinado de el-rei D. Manuel, um cemitério foi ali erigido. Também os jesuítas ali construíram o seu convento — lugar êrmo de estudo e meditação. Os descendentes de Vasco da Gama tiveram no Largo de S. Roque a sua residência palaciana. O Cardinal Patriarca habitava num rico edifício desse Largo, que já tinha uma capela e um teatro público. A colónia italiana em Portugal, quando foi do casamento de el-rei D. Luiz com a filha do rei de Itália, Victor Manuel, mandou levantar no Largo de S. Roque o padrão comemorativo daquela aliança matrimonial. O Largo sofreu grandes transformações com o correr dos séculos, e muitos projectos, como esse de Câmara que, em 1837,

quis ali fazer um grande mercado de flores, não chegaram a tomar corpo nem forma. Silva Túlio, ao referir-se ao cemitério que existiu no Largo de S. Roque, conta assim: «O cemitério data da peste que houve em Lisboa no tempo de el-rei D. Manuel. A Câmara de Lisboa, atendendo a que não chegavam os adros para enterrar os mortos da peste que rebentou no ano de 1506, mandou fazer cemitérios fora das portas da cidade. Um deles foi no monte de S. Roque, encostado à muralha, onde se edificou uma ermida do Santo, que deu o nome a este monte.» E parece que ainda esses não bastavam para tanta mortandade, porque no livro I do provimento da saúde, que se guarda no arquivo municipal, lêmos, com assombro, que a Câmara ordenara «que os escravos mortos de peste se lançassem num poço, e se lhes deitasse cal virgem em cima.»

O marquês de Niza, D. Vasco Luiz de Sousa, do Conselho do Estado e do despacho do Infante D. Pedro, para concluir o palácio de S. Roque, onde

sempre viveu, teve que vender, por 16 mil cruzados, umas propriedades.

E, agora, uma das notas mais curiosas ligadas a este Largo: foi no teatro de S. Roque que estreou Almeida Garrett, com 22 anos, ainda estudante, na peça «Catão», de sua autoria, em que disse primorosamente o prólogo. Nessa mesma noite, subiu também à cena a farça «Corcunda por Amor», do mesmo poeta, que alcançou um êxito extraordinário.

A companhia era de curiosos, pois ainda havia poucos profissionais do palco.

Todavia, já se falava muito a sério na grande dama Bárbara Maria Cândida, o actor Mata, Borges Garrido, como figuras salientes da cena nacional.

Almeida Garrett, diante duma grande assistência, encantou e deixou prever que os seus 22 anos, moços e ardentes, caminhariam para a posteridade!

## FIGURAS DA MINHA RUA

**C**REIO que em tôdas as ruas de Lisboa, devem existir personagens semelhantes às que existem na minha rua. Trata-se apenas de as descobrir...

A primeira que conheci melhor foi a Micas, trapeira. Ela chamava-se Adelaide. Adelaide Roxo. Mas tôda a gente das vizinhanças a trata por Micas, nem sei porque razão.

Pois a Micas trapeira apareceu-me logo na altura da minha mudança para aquela rua. Estava ainda a mobília a ser acoitada para casa, quando ela se chegou a mim, para me dizer: «O cavalheirozinho guarde a papelada... Eu virei buscá-la tôdas as manhãs». E explicou-me. Já sabia que eu tinha muitos papéis, que escrevia. Portanto, cheirava-lhe que ali podia ter boa colheita.

E, de facto, quasi todos as manhãs lá tenho a Micas, trapeira a bater-me à porta. É uma mulher baixa, larga, com um ôlo

## ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Tomo a liberdade de apresentar um facto à censura e critério de quem dirige a secção: «Está de acordo com isto?»

Trata-se do seguinte: como todos sabem, existem uma simpática sala de espera na estação dos Correios, ali nos Restauradores. Essa sala, segundo se supõe, foi criada para fins absolutamente razoáveis: aquêles que esperam uma chamada interurbana, não hão-de ficar de pé até que do lado de lá do fio apareça a voz solicitada. Do mesmo modo, quem acompanha pessoa que vai fazer chamada local ou que pretende, por exemplo, deitar um telegrama, pressupõe-se que tenha o direito de esperar sentado. Simplesmente, o público, abusador, entendeu que aquela sala de espera — como a dos telefones, às vezes, no Rossio — deve ser local de colóquio, ponto de reunião de tôdas as naturezas... até as mais duvidosas.

Estará certo que assim seja? Estará certo que assim aconteça?

Creio que a Administração dos C. T. T. não teria grande dificuldade em vigiar o bom trânsito naquelas paragens, tanto mais que, aquilo às vezes fica tão mal frequentado que nem tôdas as senhoras se afoitam a investir por ali dentro... não obstante o local estar até policiado!

CARLOS DE PAIVA SOARES

Já não é a primeira vez que me sirvo desta secção para apresentar as minhas razões. Aqui estou, portanto, de novo, para fazer nova reclamação, ainda a propósito da rua da Ilha do Príncipe, ao Bairro das Colónias.

Em certo local, mesmo ao lado da casa que foi construída pela «Evas», abriram na colina uma bocarra enorme, destinada à construção de um prédio. Mas isto foi

há mais de um ano. Levantaram-se núvens de poeira, construiu-se uma barraca para depósito que a Câmara acabou por mandar destruir, visto as reclamações choverem de todos os lados — e tudo ficou na mesma. Quere dizer: na mesma, não — pior. A bocarra passou a ser um mictório público, local de despêjo, que sei eu! Só lhes posso dizer que, nestes dias de calor, o cheiro que se desprende e invade as casas das proximidades tem qualquer coisa de ser-tanejo, trágico e horrível. E não é tudo: há a praga dos mosquitos que entram pelas janelas, de dia, de noite, mordendo e envenenando o sangue das vítimas...

Tudo aquilo precisava de uma desinfecção, de ser aterrado e vigiado pela policia, pois não está certo que se transforme em mictório público uma artéria concorrida. Em nome da moral e da saúde dos moradores da rua Ilha do Príncipe apresento esta reclamação.

M. S. A.

Dizem que é prova de ignorância acreditar em bruxas. Mas a verdade é que um dia perguntei a uma delas quando acabaria esse negregado sistema dos contratadores e obtive esta resposta: NUNCA! Isto passou-se vai agora fazer quatro anos. Os contratadores continuam a existir e, o que é pior, a fazer cada vez mais negócio (pudera, se eles compram os bilhetes todos!...).

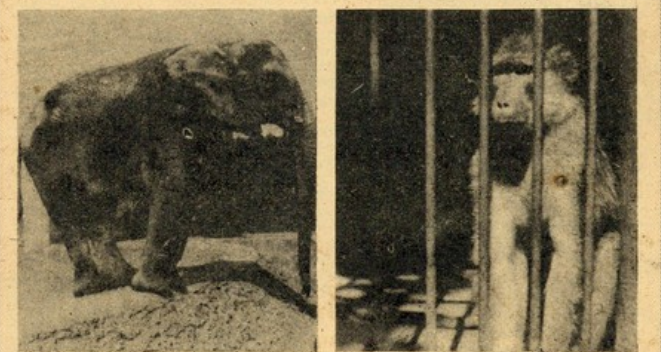
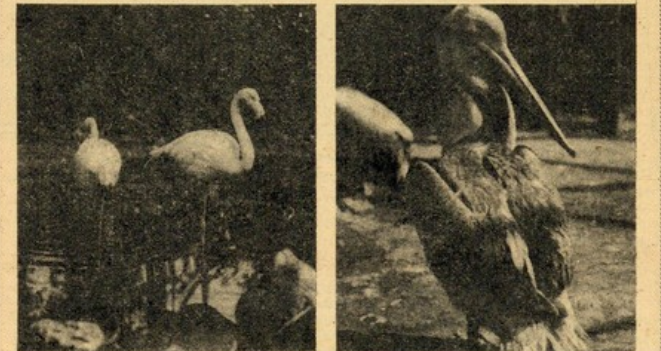
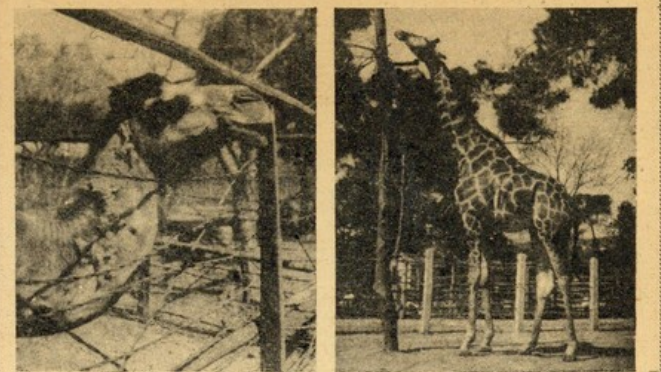
Em segredo vos digo, que diante desta verdade e do número cada vez maior de contratadores, começo a acreditar em bruxas. E não tenho razão?

R. COSTA E PINA

Há uma coisa que eu não compreendo: é a razão porque os borários da Carris estabelecem que saiam da Praça do Chile aos três e quatro de cada vez, para depois ficarmos 20 minutos à espera de nova fornada de «elétricos». Dêste modo, o que é que acontece? Quem perde um — perde todos os carros dessa leva, porque eles vão todos colados... Não seria possível fazer ver isto mesmo à empresa da Carris?

IVONE DO CARMO AMARAL — Rua da Palma, 112.

## NA GRANDE SELVA



**O** homem gosta de ter à mão ou à vista a imagem da sua força, a ideia de que domina ou de que é o rei da natureza. E, para isso — para isso e para colhêr uma noção prática do que é o mundo noutras paragens — fêz-se caçador e meteu em jaulas as feras que eram mais forte do que ele, embora não dispusessem do seu engenho. O nosso «Zoo», como outros — e o nosso é dos melhores do Mundo — dá-nos, assim, uma visão viva do que é a grande selva, onde os climas e as terras favorecem uma fauna e uma flora estranhas ao mundo civilizado. Aqui temos uma ideia do que é o nosso Jardim Zoológico, pela objectiva de um artista.

(Fotos João Martins)

## Quem não arrisca...

(Foto Seródio)



## A queda de Roma

**Q**UEM lê os comunicados sobre as operações de guerra nem sempre poderá dar conta da sua importância — e muitas vezes ficará a contá-las com a imaginação ao encontrar a menção de nomes de terras de que nunca ouviu falar. Em vão recorre aos mapas, de balde se socorre de dicionários. Não obstante, a importância dessas localidades desconhecidas — cujo nome, ao cabo de muitos dias, aparece decorado por toda a gente — deduz-se naturalmente da insistência com que, durante semanas e meses, aguerriados e bem apetrechados adversários se lançam uns contra os outros. Um pequeno esforço de imaginação pode levar-nos, entretanto, a compreender que uma pequena aldeia, sem indústria, nem atracção turística, nem realce nas cartas onde habitualmente nos apontam as terras de nomeada, possa constituir, pela sua localização e pela sua própria estrutura na morfologia do terreno, uma posição militar de primeira ordem: estação ou caminho, cruzamento de passagens ou altura donde se domina, pelo fogo, região onde se batalhe. Surgem, assim, como objectivos capitais, as povoações quase ignoradas nos mapas de toda a gente, mas que as cartas de estado-maior assinalam com círculos de especial destaque. Quando um destes objectivos é alcançado, os alto-comandos registam toda a importância do êxito, mas a multidão não combate e até mesmo a multidão dos homens que constituem não o cérebro, mas o corpo dos exércitos não pode acusar a mesma mentalidade nem dar conta do mesmo grau de receptividade. Em compensação, outros nomes grandes da geografia, verdadeiras tabletas luminosas da imaginação do viajante, nomes de que toda a gente fala e que toda a gente conhece — podem ter sob o ponto de vista militar, uma significação muito reduzida. É, de momento, o caso de Roma.

Sob o ponto de vista militar, com efeito, a capital italiana deixara de ter uma expressão digna de realce, pois que, embora oficialmente não tivesse sido declarada e aceite, de parte a parte, a condição de cidade aberta, a verdade é que em torno de Roma se reunia um conjunto de circunstâncias que levava a supor, mesmo independentemente das afirmações nesse sentido produzidas, que a cidade de Roma seria poupada à catástrofe de uma luta, a que, com o emprego do princípio espiritual do mundo ocidental, o serviço dos exércitos, dificilmente poderia sobreviver. De resto, os meios alemães tinham feito constar que saíram de Roma todas as unidades combatentes e que lá se não encontravam mais que as forças consideradas indispensáveis para a simples acção de polícia. Assim, a luta pela posse de Roma travou-se — não em Roma, mas ao longo de uma série de linhas de resistência, escalonadas em arcos de círculo concêntricos, ao longo de posições indicadas por alguns dos tais nomes geográficos que só a guerra é capaz de revelar... Isto quer dizer que, sob o ponto de vista militar, a conquista de Cassino, de Fondi, de Pontecorvo, Arce, Ceccano, Sezze, Cisterna, Velletri, Valmontone ou Frosinone pode considerar-se muito mais importante que a própria conquista de Roma, que foi, assim, uma consequência natural da queda das posições a que se tinha confiado a sua defesa.

Não obstante, a tomada de Roma tem uma alta significação moral e política — mesmo que se lhe não atribua importância militar. É, antes de tudo, a sede do mais importante princípio espiritual do mundo ocidental. É, além disso, a primeira capital do Eixo que está nas mãos dos exércitos das Nações Unidas. Sob o ponto de vista moral — é um nome que enche a boca dos soldados, um verdadeiro signo de vitória que se traduzirá numa onda de entusiasmo e de optimismo, evidentemente propício para novos cometimentos.

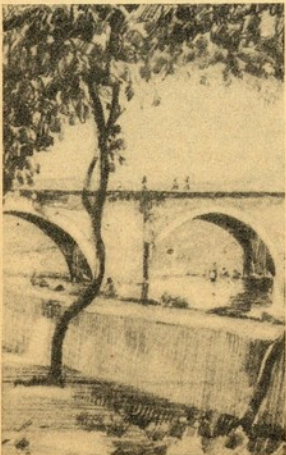
Será êsse, por assim dizer, o choque psicológico que o supremo comando aliado tem aguardado para abrir a série de grandes operações no continente europeu? Há muitos indícios de que deste modo se terá podido pensar nas altas esferas militares, designadamente no Quartel General de Eisenhower, onde tudo parece finalmente a postos para ser pôsto a funcionar todo o mecanismo militar anglo-americano armazenado na Grã-Bretanha. O último sinal revelado foi a declaração de que o generalíssimo Eisenhower, pelos seus delegados, assumiria o encargo da própria administração do território francês, à medida que for reconquistado — passando-se, assim, de certo modo, sobre as atribuições que naturalmente esperava ver para si reservadas a Comissão de Argel. Foram estas decisões tomadas por acôrdo com a missão do general Koenig, delegado de De Gaulle em Londres ou, precisamente, adotadas em consequência de não ter sido possível estabelecer, a tempo e horas, o acôrdo desejado? De um modo ou de outro, ao tempo em que o valor militar do soldado francês, tão pensamente abalado pelas condições dramáticas do desastre de 1940, recobra alta cotação pela bravura das tropas do general Juin na Itália, não deixa de impressionar que os reflexos das divisões políticas tenham levado a uma situação que, nem por deixar de ser transitória, deixa, ao mesmo tempo, de resultar em deslousor dos próprios franceses. Mas a guerra é a guerra. E, enquanto as operações decorrem, tudo tem de ser sacrificado às necessidades militares.

J. R. S.

## ITALIA

### AS PONTES ROMANAS RESISTEM...

**S**EGUNDO lemos num jornal francês, as pontes romanas man-



têm o segredo da sua segurança. Durante os últimos bombardeamentos, as forças aéreas aliadas tentaram destruir duas pontes de grande importância estratégica e que se espreguam ao longo de uma corrente de águas caudalosas.

O contraste entre as velhas e as modernas construções de engenharia são-nos dadas por este tópicu curioso:

«Uma das pontes, a de construção moderna, era larga e muito transitável; a outra, que era estreita e de aparência fraca, era de construção moderna. Uma expedição de forças aéreas danificou rapidamente a ponte moderna. A outra, porém, permaneceu intacta. O alto-comando enviou uma segunda expedição — mas, desta vez, com o encargo apenas de completar a destruição da ponte moderna. A outra deveria ser respeitada, porque — esclarecia o comando — representamos nós sabemos por experiência que este género de construções romanas resiste perfeitamente a todos os explosivos modernos».

É isto, de resto, em parte, que explica a resistência dos velhos monumentos da velha Roma. Que grande lição de ciência, de arte e de história eles não encerram, para que assim possam resistir às fúrias desta guerra!...

## CHINA

### OUANG-CHING-OUEI, o "Quisling" chinês



— Ouang-Ching-Ouei, o homem que a China nacionalista considera um traidor e o Japão considera o salvador da futura paz asiática, nasceu em 1885 e veio de família modesta. Uma bolsa de estudo permitiu-lhe, porém, que cursasse em Tóquio a Universidade de Hosé. Depois, em 1913, foi a França para estudar sociologia e literatura, donde regressou ao seu país feito parisiense com as idéias de Sun-Yat-Sen, fundador da República chinesa. No seu leito da morte, Ouang-Ching-Ouei ajudou-o a redigir as suas últimas vontades dirigidas ao povo chinês. Mais tarde, porém, ele havia de pactuar com os adversários de Sun-Yat-Sen, que eram os seus próprios inimigos, desde que Ouang se sentiu com direitos a chefia que lhe não foi concedida por Chang-Kai-Chek e seus partidários.

Aqui há tempos, fez uma visita aos territórios controlados pelo Japão, proclamando então que uma paz honrosa poderia ser concluída, pois Chang-Kai-Chek insistia numa campanha sem finalidade nem esperança de vitória, ao lado dos comunistas.

Anunciou, mesmo, que a guerra sino-japonesa é «fútil e sem significado» e que na paz com o Japão estaria a salvação da China. Estas afirmações públicas conquistaram, naturalmente, a simpatia dos japoneses que o chamaram para uma colaboração efectiva. Até então, Ouang-Ching-Ouei não ocupara cargo que o tornasse notável — não obstante ter sido proposto presidente de conselho, ministro, presidente do Yan executivo, deputado-presidente do Kuomintang, que dispôs sempre de uma boa parte da imprensa, para se impôr junto dos homens do Estado estrangeiros.

Chefe proposto por certos partidos da Nova China, Ouang-Ching-Ouei tem atrás de si lutas tremendas com Chang-Kai-Chek contra o qual esteve sempre, mesmo que da sua atitude pudesse resultar algo de perigoso para a China martirizada pelas ambições e discórdias políticas.

Em 1938 — a 20 de Dezembro — ao mesmo tempo que o príncipe Konoye fazia à China propostas de paz que não foram aceites — Ouang viu-se forçado a fugir... à «Intelligence Service» chinesa que descobriu a suas íntimas relações com o inimigo.

Refugiado na Indo-China, dali atacou então o governo chinês, chegando, a 29 de Dezembro do mesmo ano, a dirigir convite ao regime nacionalista, para que assinasse a paz com o Japão, à base das propostas apresentadas uma semana antes pelo príncipe Konoye.

Quais eram, pois, os princípios fundamentais desse tratado de paz?

Relações de boa vizinhança, política anti-comunista e pró-japonesa e finalmente, cooperação económica. Naturalmente, os chineses fizeram orelhas moucas às propostas apoiadas pelo patriótico desterrado — mas Ouang-Ching-Ouei não desanimou: dirigiu-se ao Japão, convervou com Konoye e com o barão Hiranouma,

então ministro dos Negócios Estrangeiros e, no regresso, organizou um congresso do Kuomintang, a que compareceram cerca de 400 delegados da China controlada pelo Japão. Nesse congresso, aprovou-se a recusa de reconhecer o governo de Chung-King, sob pretexto de que actuava dominado por Moscovo.

O poder militar do Japão e a sua intransigência no que diz respeito às exigências económicas tem feito o desentendimento dos sino-japoneses que bem de parte a parte desejariam a paz — mas só dentro do alcance dos respectivos objectivos em causa. A habilidade de Chang-Kai-Chek na condução da guerra e o «élan» formidável do povo chinês, por um lado, contra a força e a ambição pelo outro — não forneceram ainda a Ouang-Ching-Ouei o vento favorável às suas ambições. Ele governa, portanto — mas arbitrária e simbolicamente, nos estados controlados pelo Japão. Até ao fim da guerra, ou, antes, até à segurança dos vencedores, depois da paz, quantas vicissitudes e triunfos o aguardarão?

## FRANÇA

### A política de Vichy

**R**ECEMTEMENTE, Churchill falou nos Comuns das relações com a França. E teve ensejo de afirmar que, em caso algum, a Inglaterra trataria com Vichy, na altura em que os Aliados entrassem em França.

Esta afirmação não se revestiu de carácter sensacional, porque está absolutamente na ordem natural dos factos. Mas, precisamente, porque não seria natural e ninguém compreenderia que assim sucedesse — vir falar de uma coisa que não precisava de explicações. Simplesmente, elas vieram, porque a ofensiva e contra-ofensiva dos boateiros assim o provocaram. De facto, não se sabe como nem porquê, começara a correr em certos círculos que os Aliados, visto não reconhecerem como governo constitucional a comissão de Argel, se dispunham a negociar com o governo de Vichy, para os efeitos formado à base da Constituição francesa. Este boato provocou aquêle desmentido formal de Churchill que, aliás, era apenas o secundar de um repúdio norte-americano.

Não sabemos se a alguém teria passado despercebido o tom do protesto de Roosevelt. Para o caso, aqui lhe damos o texto, que é, de facto, enérgico e expressivo, em forma de nota:

«Nenhum partidário leal da causa dos Aliados poderia dirigir, contra o governo norte-americano, no momento em que este está a enviar forças militares e vastos fornecimentos em material de guerra, onde seja possível fazer guerra às potências do Eixo, a acusação ridícula de ter, ao mesmo tempo, relações ou entendimentos de qualquer natureza com o governo de Vichy, a menos que não seja para o suprimirmos.»



## YUGOSLÁVIA

O general Weise, comandante das forças alemãs.



O general Maitland Wilson, à direita, que é o comandante-chefe das tropas aliadas no Mediterrâneo, tem dado todo o apoio ao exército de libertação da Jugoslávia.

# Para onde vai a pátria do rei Pedro?

**N**O seu último discurso, proferido na Câmara dos Comuns, o sr. Churchill revelou que durante as últimas semanas tivera amigáveis conferências com os representantes do Exército de Libertação jugoslavo. Efectivamente, há cerca de um mês que se encontra em Londres uma missão jugoslava, constituída pelo general Vladimir Velebit e pelo major Vogelink. O primeiro destes oficiais, que antes de se iniciar a guerra actual era advogado em Zagreb, chefiara já a missão militar que, no outono do ano passado esteve no Cairo. Durante a sua actual estadia em Londres, o general Velebit e o major Vogelink têm sido acompanhados pelo famoso representante do governo britânico junto do quartel general do Exército de Libertação jugoslavo, o brigadeiro Mac Lean, um antigo deputado conservador que, certo dia, desapareceu misteriosamente da sua câmara e do seu clube para reaparecer, depois duma viagem aventureira, alguns meses depois no meio das guerrilhas de sérvios, croatas e eslovenos.

A presença desta missão jugoslava em Londres, depois de ter passado pelo Cairo, resulta da necessidade de acertar os planos a que terá de obedecer um possível desembarque dos Aliados nos Balcans e o prosseguimento de qualquer campanha militar a conduzir naquela região da Europa. Antes mesmo que esses planos sejam postos em prática, a colaboração entre os combatentes jugoslavos e o Comando Aliado tornou-se uma necessidade imperativa. No plano geral de dispersão das forças da Wehrmacht, encarado por aquele comando, a resistência na Jugoslávia representa um factor muito importante, pois ela serve para fixar catorze divisões, seis das quais constituídas exclusivamente por combatentes alemães enquanto as outras são compostas por búlgaros, húngaros, russos e partidários do general Neditch.

### O AUXÍLIO DOS ALIADOS

O auxílio dos Aliados ao movimento de resistência na Jugoslávia tem-se traduzido, até agora, principalmente pela cedência de armas, pelos bombardeamentos sistemáticos de formações e concentrações do adversário e pela actividade dos navios de guerra ingleses e americanos nas águas do mar Adriático atacando as zonas ocupadas pelos alemães e seus aliados.

O transporte de armas para o Exército de Libertação jugoslavo é

uma tarefa difícil e de resultados precários. A acção dos bombardeiros aliados que, partindo dos aeródromos italianos, atacam as tropas do Reich que se encontram na Jugoslávia, tem-se revelado decisiva. Por seu lado as forças navais anglo-americanas contribuem para perturbar e prejudicar, em grandes proporções, os serviços de abastecimento da Wehrmacht destacada para a península balcânica.

Esses serviços são de importância capital para a manutenção e eficiência das forças de ocupação que, como

dizemos, são calculadas em catorze divisões (seis alemãs, seis búlgaras, uma húngara e uma recrutada entre os russos do general Vlassov). Toda a estratégia alemã nos Balcans, cuja execução se encontra confiada a um dos mais categorizados chefes militares do Reich, o feld-marechal barão von Weichs, assenta na ocupação efectiva do território jugoslavo e na utilização eficaz das suas vias de comunicação sem as quais é impossível a conservação duma zona vital para a defesa do bastião europeu. As tarefas da ocupação são auxiliadas

pelas forças sérvias que, num total de vinte e cinco a trinta mil homens, obedeceu às ordens do general Neditch, antigo chefe do Estado-Maior do exército da Jugoslávia.

### OS EFECTIVOS DO EXERCÍTO DE LIBERTAÇÃO

Quais são os efectivos exactos do exército de libertação e quais são as suas possibilidades reais? Calcula-se que ele totalize actualmente cerca de duzentos e cinquenta mil homens, mas destes apenas cento e cinquenta mil possuem armas. Há quem fale da possibilidade de alargar o recrutamento até um total de seiscentos mil homens, mas, mesmo que isso fosse possível, o alargamento do exército de libertação não se compadeceria com as exigências de tempo que caracterizam a fase actual das operações.

No seu estado actual e com os meios de acção de que dispõe, o Exército de Libertação jugoslavo é considerado nos meios militares aliados como uma força apreciável à qual o comandante-chefe das forças aliadas da zona do Mediterrâneo, general Maitland Wilson, tem procurado dar todo o auxílio possível.

### A PARTE DO PAIS OCUPADA

Embora não seja rigorosamente conhecida a parte do território da Jugoslávia que actualmente é controlada pelo Exército de Libertação, é convicção geral que ela representa aproximadamente metade da antiga superfície daquele país.

Informações de origem neutral divulgadas recentemente, dizem que aquele exército está em condições de realizar, oportunamente, as seguintes tarefas: impedir o movimento ferroviário no território da Jugoslávia, o que tornaria difícil a posição das forças de ocupação que se encontram ali; bloquear a navegação no Danúbio, que é a via de trânsito para o petróleo de Floesti; ocupar os pontos estratégicos da costa do Adriático cuja posse é indispensável ao êxito de qualquer tentativa de desembarque na península dos Balcans.

A natureza e a importância destas missões justificam a atenção com que, nos meios aliados, se segue a evolução dos acontecimentos na Jugoslávia e a marcha dos acontecimentos políticos relacionados com a crise registada no seio do governo jugoslavo que se encontra no exílio.

## INGLATERRA

### REVOLUÇÃO NO PARLAMENTO

**E**STE ano de 1944, que está a correr há cerca de seis meses, foi e será fértil em acontecimentos. Pelo menos, em relação ao Parlamento britânico que, há muito, não registava tamanha actividade, e não obstante aquele alto poder depois da guerra, ter funcionado mais como órgão deliberativo e consultivo, do que legislativo. Em todo o caso, agora que as Nações Unidas se preparam para ganhar a paz — a guerra consideram-na ganha — o Parlamento começa a ocupar-se de leis e reformas, sem contudo se desinteressar pelos debates à volta da guerra.

Foram, para isso, nomeadas comissões, sub-comissões e secções especiais para estudo de projectos de lei — de que ninguém pode garantir a desactivação, no momento de se converterem em reforma social. O emprego dos homens e das mulheres desmobilizados é, desde já, uma preocupação para o Parlamento. Por outro lado, o projecto apresentado por Bevin, referente ao aproveitamento de inválidos de guerra, está também em estudo.

O ensino nas escolas primárias vai também sofrer grande remodelação. Assim, a partir de

1945, o período escolar irá até aos 15 anos e, mais tarde, até aos 16. Como consequência, logo que este plano de reorganização seja aplicado integralmente, o orçamento da Educação Nacional virá a ser de 200 milhões de libras esterlinas por ano — e que igualará o orçamento total da Grã-Bretanha em 1914.

Por motivo de medidas legislativas já aprovadas, serão adquiridos em condições especiais muitos terrenos destinados depois a construções. Um serviço especial de higiene e de saúde pública, e a aplicação de um sistema racional e completo de medidas sociais, contra a invalidez, doença e velhice — entrarão em vigor imediatamente à conclusão da paz, afim de que as perturbações a verificar-se então entrem num período de ordem, cada um regressando a lugar previamente indicado.

Porém, para que uma máquina tão complexa seja montada modeladamente — teóricamente... — são precisas ao Parlamento muitas mais horas de trabalho em sessões suplementares.

Como se vê, por tudo isto é árdua a tarefa dos membros do Parlamento britânico que, na guerra, trabalhando em paz, estão a fazer uma autêntica revolução... de costumes.



RAMO DE LOUREIRO

**Q**UANDO José Loureiro fez os seus primeiros vinte anos conheceu certa rapariga de teatro, a quem piscou demoradamente o olho. Ao cardenal Gonzaga foi certo ano, ao morrer, quem o fez cardeal; a José Loureiro foi certa «estrela», ao sorrir, que o fez empresário. Um belo dia (estas coisas acontecem) a rapariga foi-se — mas o empresário ficou. Há quarenta anos que Loureiro vem estendendo a sombra gloriosa do seu nome desde Portugal ao Brasil, e seria manifestamente injusto negar-lhe o que o teatro lhe deve — mesmo em dinheiro. Risonho, acolhedor, bonacheirão, um perfil de moeda, uma calva de comendador, possui uma grande qualidade: a franqueza. O que pensa — diz. Há quem afirme que, quando se zanga, deixa de ser um homem — para ser uma trovoadas. Mesmo que assim seja os seus raios são ainda de luz e os seus estrondos... de capitalista.

Côisa curiosa: tem a superstição dos gatos. Ao seu gabinete preside um gato de loiça. Ele próprio, quando uma peça lhe pinga na bilheteira, exclama:

— É canja!  
Quando a coisa murcha, murmura:  
— Que galinha!

A maneira de António Nobre

Felicidade! Felicidade!  
Ai, tá-la eu em mão de anéis!  
Não passar nunca da mocidade  
Dos vinte e cinco ou vinte e seis...

Não ter palácios, mas uma casa  
Quási um beiral com sol e ar...  
No lume, ao menos, ter uma brasa  
E um carapau... p'ra nela assar.

Não escrevinhar verso, nem prosa;  
Não dizer mal: só dizer bem;  
Usar lunetas — mas côr de rosa  
Que no nariz fazem «tem-tem».

Não ter fortuna: unicamente  
Muito dinheiro para gastar:  
E quanto a estudos saber sômente  
O A. B. C. — e multiplicar...

A CRISE DOS GATOS



Parece que os gatos estão desaparecendo da Europa. Um jornal francês calculava recentemente que só no sul da França tinham desaparecido, nos últimos tempos, cêrca de dez gatos... guisados. A guerra chega a todos. À falta de melhor, os gatos servem de manjar. Mas se os gatos desaparecem, quem nos garantirá contra as hostes de Radilláus, o famoso imperador? Quem sabe se os homens que hoje comem saborosamente os gatos não serão amanhã ingloriamente comidos pelos ratos? E nisto afinal é que está o «gato»!



TALLEYRAND



Este famoso diplomata francês, tão famoso que conseguiu sucessivamente os favores da República, do Império e da Restauração, está dando de novo que falar ou, melhor, que escrever. Desde o começo da actual guerra — ainda há pouco o notava um dos nossos mais ilustres jornalistas — já se publicaram cinco ou mais livros à cêrca da sua pessoa e da sua obra, porventura a recordar-nos que, se êle vivesse ainda, a Europa e o mundo não estariam talvez em guerra. Talleyrand ficou na história da diplomacia como exemplo do que vale, nos momentos graves, não apenas na existência dos homens, mas das nações, a fleugma e a serenidade. Um dia Napoleão, depois de o ter injuriado, perante alguns dignatários sorridentes, atirou-lhe esta afronta suprema:

— Porque não me disseste que tua mulher era amante do duque de São Carlos?

Logo Talleyrand, num sorriso:

— Porque não imaginei, Senhor, que êsse pormenor pudesse interessar à vossa glória e à minha?

Com uma simples frase, Napoleão fôra vencido.



GASPAR SIMÕES CRÍTICO



Como sabem, o Dr. João Gaspar Simões faz a crítica literária no «Diário de Lisboa» tôdas as quintas-feiras, uma larga página.

Uma senhora, aliás dada às letras, dizia-lhe uma tarde destas:

— O seu talento crítico aumenta todos os dias...  
— V. Ex.<sup>a</sup> exagera, minha senhora... — objectou o crítico.

— Sim, não será todos os dias: mas pelo menos tôdas as quintas-feiras...



CARAS PARECIDAS



Numa «réprise» do *Tim-tim por tim-tim*, de Sousa Bastos, o censor, reparando no actor Jorge Roldão, que imitava na peça o então ministro da Justiça, notou-lhe:

— O senhor tem de modificar a caracterização. Parece-me muito com o ministro. Corte o bigode e arranque o nariz...

Roldão fixou o censor com os seus olhos pequeninos e brilhantes, sorriu e respondeu:

— O bigode corto porque é do cabeleiro; agora o o nariz, desculpe V. Ex.<sup>a</sup>, mas não arranco: é uma recordação que me deixou o meu pai...



FÉRIAS



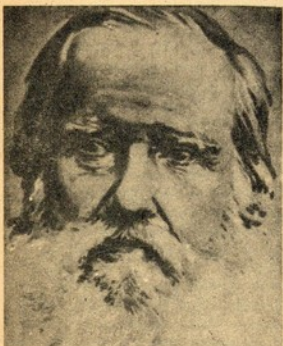
Eça de Queiroz passava uma manhã no Rossio, a caminho da estação, onde ia tomar o combóio para o Porto. Dirigia-se ao Minho, a passar uns dias de férias. Como o amigo que o encontrara naquela altura lamentasse a sorte dos que não têm possibilidades de ir para fora descansar à sombra das grandes árvores, Eça retorquiu, apontando para os quarteirões do Rossio:

— Deixe lá, meu amigo... Ainda não há árvores que dêem a sombra destes quarteirões...

E despediu-se.



Temos aqui a barba dum irreverente. Tristan Bernard. Ao feito dos patriarcas, descuidada, farta, a barba de Tristan Bernard é bem o exemplo daquelas que fazem a crítica dos costumes, dum maneira áustica, ainda que sorridente...



Uma barba venerável, a de D. Pedro II do Brasil. Muito branca, incutiu sempre respeito e a mesma admiração que D. Pedro II conquistara pela bondade...



A barba dum sábio. Cerrada, muito cerrada, formando quasi um bloco. Robert Koch, um dos maiores benfactors da humanidade, usava uma barba assim...

## CINCO BARBAS HISTÓRICAS!

«Cada queixo com a sua barba» — diz um velho ditado grego, cuja origem se perde no pó dos séculos. Eis porque apresentamos ao leitor cinco barbas históricas, cada uma com o seu significado, cada uma com o seu simbolismo.

E senão vejamos:



E agora, aqui está a barba dum tirano. Ela fala por si, tem qualquer coisa de hedónico que caracteriza bem a expressão feroz de Henri-que VIII...



E, finalmente, a barba dum intelectual, ou seja a barba académica do Claude Farrère, muito certa, muito bem tratada. Uma barba de elite...

### Museu de sinos

SÃO geralmente muito poucas as pessoas que conhecem a fundo a técnica dos sinos e que sabem, a sério, a idade e a origem dos sinos da sua terra natal. Assim, os sinos são considerados como os expoentes de cultura menos representados nos museus.

Pois bem, apesar de tudo isso, há no mundo um grande museu de sinos. Fica na Alemanha, na pequena cidade de Lauscha, à margem do Unstrut e perto de Naumburg (se por acaso já não foi destruído pelas bombas...).

O museu encontra-se instalado numa casa que serviu, durante duzentos anos, como oficina de fundição. Mais de mil sinos saíram dali para todas as partes do mundo, até que em 1911 morreu o último mes-

### Coisas da nossa terra...

HÁ coisas por este Portugal fora que nos enchem de pasmo e de surpresa. De quando em quando, conhecemos novidades que nos deixam absolutamente espantados.

Calculem os leitores que em Abrantes existe uma casa com este nome pomposo:

#### «RAPSDIA HUNGARA»

Que será? Um restaurante típico, rico de sugestões agradáveis? Um recanto romântico, próprio para juras eternas de namorados? Um salão de baile, onde se cruzem as mais belas melodias?

Não, leitor, nada disso. «Rapsódia Húngara» é apenas o título dum simples taberna de Abrantes...

#### COISAS DA NOSSA TERRA...

tre fundidor de Lauscha. Desde aí, a casa transformou-se, por completo, num raro e sugestivo museu.

## COCKTAIL

### KNUT HAMSUN

Recorda o tempo em que tinha fome!

**P**REMIO Nobel de Literatura, Knut Hamsun, o vigoroso escritor norueguês, teve uma vida repleta de luta e de sacrifício. Hoje, ele tem a glória dum nome feito e dum obra consagrada. Mas quantos e quantos tormentos não passou, numa vagabundagem triste, para conseguir alcançar o seu «lugar ao sol»? Eis um trecho das suas memórias, onde Knut Hamsun recorda o tempo horrível em que tinha fome...



«...E agora que a fome me torturava, que as tripas me arranhavam como vermes insaciáveis, ninguém tinha o direito de me deixar, também, sem comer naquele dia. E, com a fome, a minha maldade aumentava, cada dia que passava deixava atrás de mim um rasto das mais censuráveis acções. Mentia descaradamente e, às vezes, sem razão; deixava de pagar uns dias o aluguer do meu quarto, enganando com falsas promessas a dona da casa, tentava escamotear um cobertor a um amigo; insultava pessoas que nenhum mal me tinham feito e, tudo isso, inconscientemente, sem pesar nem remorso. Qualquer coisa no meu íntimo se quebrava, se desvanecia! E uma excrescência impura trasbordava de mim como um cogumelo venenoso que florescesse. E lá em cima, no céu, Deus, com os olhos postos em mim, via com toda a certeza como estava lavrando a minha condenação irremediável. E na mansão dos condenados, os demónios cubiçosos e impacientes espiariam o momento da irremediável consumação das minhas faltas, o instante em que, seduzido pelo crime, a justiça de Deus me atirasse para sempre aos abismos...

...A fome devorava-me implacavelmente, sem me deixar um instante de sossego. Engulia a saliva constantemente, encontrando assim um ligeiro alívio. Havia já muitas semanas que o meu estômago não se saciava e as minhas forças estavam depauperadas. Não seria possível, servindo-me de qualquer expediente, arranjar cinco coroas? Faminato como andava, não me seria fácil fazê-las durar muitos dias! O organismo ressentia-se de maneira visível; uma crescente opressão no peito obrigava-me a andar inclinado; mas o que me inquietava principalmente eram umas fortes dores nas costas; para a opressão do peito bastava-me encher de ar os pulmões e tossir, para encontrar um certo alívio; mas não conseguia achar remédio para as costas. Estava predestinado a uma morte próxima? E porque havia de ser eu justamente e não o antiquário Paschá ou o Hermechen, despachante de mercadorias? Pois não me concedera a Natureza um corpo de gigante e dois braços fortes para o trabalho? Seria eu preguiçoso e exigente? Não me oferecera para guarda-livros? Não pretendia insistentemente ingressar no Corpo de Bombeiros? Não fiz quanto pude para conseguir uma colocação? Não escrevi artigos? Não dediquei a minha juventude ao mais afincado estudo, lendo e estudando como um monomaniaco? Não me sujeitei sempre à mais moderada frugalidade, vivendo como um avarento, economizando o leite quando tinha pão e o pão quando tinha pouco? Vivera alguma vez num hotel, confiando num futuro incerto para saldar os meus compromissos?

Vivia num sótão, numa trapeira abandonada, sobre a qual Deus derramara a sua bênção, no inverno passado, inundando-a de neve. Em boa verdade, o rigor do meu destino era-me cada vez mais incompreensível.

E, enquanto caminhava, o meu espírito mergulhava-se nestas reflexões, mas sem a menor sombra de ironia, despeito ou amargura.»

## Uma agência original

NO dia 15 do passado mês de Maio criou-se em Hollywood uma nova agência. Mas não pensem que se trata de mais uma agência de criadas, ou de aluguer de casas, ou de outra qualquer dessas agências banais.

Pelo contrário. A agência é única no mundo e o seu proprietário, um senhor de lunetas, dá pelo nome de Tony Maawell.

Mas em que reside a excentricidade desta agência? Nada menos do que isto: indicar, por poucos centimos, a todos os clientes, onde podem encontrar esta ou aquela vedeta de cinema.

—Fazia tanta falta, no nosso país, uma agência desta ordem — declarou o senhor Maawell aos jornalistas — como as balas para as espingardas dos nossos soldados.

Os clientes da nova agência, que já se contam por algumas centenas,

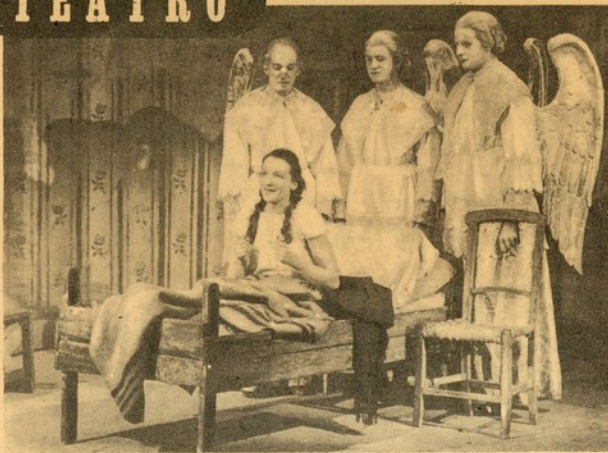
fazem uma assinatura de 50 ou 100 informações por ano. Basta telefonar:

—Allô, allô! — É o assinante número 158 que fala! Sabe dizer-me em que restaurante jantará esta noite Dorothy Lamour?

— Um momento, se faz favor. Uma das 30 empregadas consulta o ficheiro e a resposta vem imediatamente:

— Dorothy Lamour reservou uma mesa no «Twenty One», para as dez horas. Mas se o senhor for ao «Colonies» encontrará Bety Gable e possivelmente (ainda não temos confirmação) Gary Cooper.

Como estão vendo, nada mais simples nem mais rápido. E de esperar grande prosperidade à agência do senhor Maawell, porque doidos por vedetas de cinema contam-se por milhares...



AO ALTO — Uma cena de «A ascensão de Joanhina», tal como foi representada em Berlim. EM BAIXO — Meyenbourg, encenador da mesma peça, no Nacional.

O dr. Erwin Georg Meyenbourg foi o encenador dessa extraordinária peça de Hauptmann, «A ascensão de Joanhina», que subiu à cena no Teatro Nacional. É um homem ainda novo, quarenta e poucos anos, com um passado todo entregue ao teatro. Foi professor de história e de arte de representar, tanto na Alemanha como no estrangeiro, passou pelo Japão, pela América do Norte, a convite do governo americano e encenou dezenas e dezenas de grandes peças.

O repórter encontrou-o debruçado sobre a sua secretária, em volta de papéis, de livros e de discos de teatro. Erwin Meyenbourg foi, também o encenador da mesma peça de Hauptmann nos palcos de Berlim, que se chamou «A ascensão de Hannele». Estava, portanto indicado que a primeira pergunta recaísse sobre esse facto.

— Gostou de trabalhar com os artistas portugueses?

A resposta veio seguida e em tom exclamativo:

— Sim! Amélia Rey Colaço é uma artista de grande talento e possui fortes qualidades de organização, o que permite estabelecer na sua Companhia camaradagem tal que a transforma numa família. Foi uma honra para mim trabalhar com um elenco tão distinto.

O cigarro fica esquecido entre os seus dedos. O repórter faz outra pergunta:

## Nunca tive uma intérprete como Maria Lalande, diz Erwin Meyenbourg, numa entrevista em exclusivo para "Vida Mundial Ilustrada"

— Já dirigiu esta mesma peça com outros artistas, não?

— Sim, várias vezes.

Uma curta pausa, para exclamar, de súbito:

— Mas nunca tive nenhuma intérprete de «Joanhina» como Maria Lalande!

— Prosseguiu no mesmo tom entusiástico.

— Se Vívéssemos em tempos normais eu apresentaria Maria Lalande nos palcos da Alemanha!

Fala-se, depois sobre teatro em geral.

— Há a distinguir duas espécies de realização — diz Erwin Meyenbourg — a da palavra e a física.

Uma vez deve-se fazer sobressair a primeira, outras a segunda, e outras ainda elas devem estar harmoniosamente fundidas. Isto, naturalmente, depende das peças. «A ascensão de Joanhina», por exemplo, exige a preponderância da interpretação física, ou seja transportar as sensações psicológicas para o físico, de forma que os espectadores sintam e se emocionem. Todos os movimentos foram minuciosamente estudados e adaptados ao carácter dos artistas portugueses.

— E o trabalho satisfaz?

— Sim. Os artistas campenetraram-se bem dos seus papéis, executando todos os movimentos como se lhe fossem habituais.

O repórter acende um cigarro e pergunta:

— Quais as possibilidades do teatro no nosso país?

— O português, em si, é um ótimo artista. Deve, porém, abrandar um pouco a rigidez dos seus movimentos. Há muitos talentos no povo. Com um impulso, uma escola literária e uma escola de encena-

## O DIABO COMPERE DE REVISTA

UMA revista nova é sempre um pequeno acontecimento para as três centenas de pessoas que em Lisboa não perdem pitada destas coisas de teatro. Uma revista subscrita com os nomes de Ramada Curto e Luís de Oliveira Guimarães seria, evidentemente, por si só, um grande acontecimento. Dois nomes que chegavam para oferecer um opulento cartaz à curiosidade alfacinha.

\* \* \*

Ramada é o comediógrafo penetrante do «Caso do dia» e de «Sua Alteza», o comediógrafo das oportunidades em «Recompensa» e

na «Consciência», é também o comediógrafo desconcertante de «Madame Solange» — mas sempre um crítico de morrer. Oliveira Guimarães, com o seu sorriso delicado — um sorriso de pó de arroz — tem o talento de tudo emburhar nesse sorriso diabólico — e dizer tudo quanto quer com o ar mais inocente deste mundo... Dois revisteiros com todas as qualidades para o ser.

\* \* \*

De Ramada já tinhamos «O diabo em casa», tinhamos uma espécie de diabo na figura do comentador de «Colombina e o telefone»; de Oliveira Guimarães já se contava «O diabo, mestre de danças». Os dois juntos fizeram agora «O jogo do diabo». Há neste enunciado bibliográfico a possibilidade de distinguir um certo pendor verdadeiramente diabólico...

\* \* \*

Um público escolhido e atento, disposto a não deixar passar as esperadas subtilidades da linguagem — na revista, às vezes, não se procura mais que espectáculo para os olhos — foi capaz de sublinhar, logo nas primeiras cenas, alguns verdadeiros achados de «verve». O público, afinal, ainda tem este ponto de contacto com o diabo: não é tão feio como às vezes o pintam...

\* \* \*

De dois autores que estão fora das habituais parelhas de parceiros como deve esperar-se uma revista? De um modo geral, parece que por toda a parte apareceu a ideia de que uma revista tem de ser igual às outras, por um conjunto de circunstâncias, designadamente o público arde pela novidade. E foi a farejar a novidade que muita gente se precipitou à busca do acontecimento. Ao intervalo, um espectador sentenciava, com ar irremediavelmente catadrático:

— A revista é nos moldes clássicos. O que tem é mais espírito.

Para este varão, pelos vistos, o clássico é o que não tem sombra de espírito...

res, Portugal teria bastante que exibir.

De seguida, o repórter obriga Erwin Meyenbourg a fazer uma digressão pelo mundo.

— Sim, estive três anos no Japão e tive ocasião de verificar que o teatro japonês é completamente diferente do europeu. É uma arte característica, mas forte.

— E na América?

— Os americanos tendem para o sentimentalismo. Sobressal nêles, também, um grande desenvolvimento de técnica do palco. A arte de representar tende para a glorificação de «estrélas». Tudo fica à volta de um personagem. Em «A ascensão de Joanhina», ao contrário, todos os artistas tiveram e tinham de sentir a responsabilidade do papel que lhes cabia. Não há «estrélas». O conjunto é que garante o êxito.

— É supersticioso? — pergunta o repórter que vira um gato preto passear na janela em frente.

— Se o sou! Todo o artista de teatro é supersticioso. Aqui fazem o sinal da cruz. Na Alemanha cuspiamos três vezes «sobre o diabo».

— Porquê?

— Não vê que os artistas vivem um mundo de fanatismo, onde se movem os maus e os bons espíritos. É preciso subjugar os maus espíritos. Daí, os diferentes costumes entre os vários povos.

Outra pergunta:

— Conhece o teatro português?

(Continua na pág. 22)

Luís de Oliveira Guimarães, Rosa Mateus e Jaime Mendes fizeram, na véspera da estreia, os últimos retoques no «Jogo do Diabo»...



## Um concerto de Varela Cid e Silva Pereira



Brahms, César Franck e Beethoven tiveram no concerto realizado há dias por mestre Varela Cid e Silva Pereira três momentos musicais de raro brilho interpretativo. De facto, ambos os artistas — Varela Cid ao piano, o mago das mãos eburneas, donde se desprendem magníficas notas de cristal — Silva Pereira jogando com a sua flauta e com a sua arte grande parte da responsabilidade do concerto, deram-nos duas horas de música, em que não se soube que mais apreciar: se a técnica, individual, se a justiça do conjunto ou, ainda, se a arte interpretativa de cada um dos dois ilustres artistas.

O público — numeroso e do melhor — gostou, aplaudiu, e assim levou aos dois artistas o melhor estímulo para o seu progresso e a melhor razão que levou à apresentação dos dois concertistas.

# O pessoal da Carris também sabe representar

Os grandes sacrifícios dum Grupo Dramático que por bem fazer foi parar à cadeia



Durante um ensaio, o ponto ajuda os de menos memória

programa era tentador: sensacional reposição do apaixonante drama marítimo em 3 actos, «João, o Corta-Mar».

Para mais, segundo me tinham dito, havia um incêndio no 2.º acto, com labaredas autênticas que metiam medo e o cínico morria em cena, apunhalando-se numa espécie de «chara-quiri», com todos os requisitos fisionómicos, à maneira dos que fizeram correr rios de lágrimas na romântica platéia do teatro da Rua dos Condes.

O Seródio e eu, amadores destes velhos manjares, não podíamos resistir. Nessa noite tinha que ser. Ele encheu as algibeiras com pacotinhos de magnésio, pendurou ao ombro aquela máquina muito grande que parece uma metralhadora em segunda mão e, como quem vai descobrir o caminho marítimo para a Índia, lá fomos, os dois, em busca duma reportagem.

\* \* \*

Naquele velho casarão que foi solar de Senhores fidalgos — ali, ao cimo da Calçada do Combro, onde esteve instalada a redacção da «Batalha» — no alto do largo portão, donde escorrem carunchosas evocações, vê-se hoje, numa tabuleta pintada a óleo, um carro eléctrico sobre uma Cruz de Cristo. «Sindicato Nacional do Pessoal dos Carris Eléctricos do Distrito de Lisboa», gritam as iniciais, mas os seus componentes, que se contam por muitos milhares, baptizaram-no muito simplesmente de: «O Sindicato». É ali, também que funciona o pequeno teatro do pessoal da Carris — uma bela obra de compreensão social, como mais adiante se verá. O exterior destes velhos palácios é sempre semelhante. Um largo pátio empedrado, silencioso e triste, onde se aninham recordações de liteiras e cadeirinhas, uma escada de mármore, com muitas colunas, capitéis, janelas e tudo o que serviu de pano de fundo a todos os destinos claros e sombrios deste vestuário solar. O «Sindicato» fica instalado no 2.º andar.

Quando entrámos, já se ouviam no pátio as vozes amalgamadas dos espectadores pontuais. Apesar disso, dispusemo-nos a subir sossegadamente, sem pressas, espiando as sombras que nos vieram receber ao portão.

Mas ali... Quando chegámos lá acima esbarrámos com um grande letreiro que dizia assim:

**É EXPRESSAMENTE PROIBIDO JOGAR À BOLA NOS PATAMARES OU ESCADAS.**

...E as sombras românticas desapareceram, como por encanto, diluídas no gritante prosaísmo com que o senhorio consciencioso quis pôr termo nos ímpetos futebolísticos dos adeptos do Benfica...

\* \* \*

Quando chegámos, subia o pano. Homens do mar e raparigas do povo cantavam em coro, numa simfonia romaria, à Nossa Senhora da Bonança.

O palco, de pequeníssimo que era, tornava os homens muito grandes. As cabeças batiam nas nuvens. A pouco e pouco, o enredo foi-se desenvolvendo.

João, o «Corta-Mar», velho lóbo dos mares das Índias, homem estí-

mado e bemquisto, vem a saber que a deshonra acaba de lhe bater à porta. É Maria, sua filha, quem lho participa, logo às primeiras cenas, neste saboroso diálogo:

— «Ah! Perdão, perdão, meu pai, fui eu que não soube respeitar os seus cabelos brancos, a sua honra e a sua probidade».

O velho homem do mar fica fulminado, como se um raio o tivesse atingido em cheio.

E, em aparte, dirige-se respeitosa-mente à platéia:

— «O quê? pois foi ela? A mimosa flor que no jardim da vida parecia perfumar-me a existência?».

E logo, num grito de angústia, que lhe vem da alma, erguendo os punhos fechados, interroga o céu:

— «Porque não morri eu no meio dos temporais, tendo por esquite o meu navio, por sepultura o oceano e por mortalha a bandeira portuguesa?!».

Mas desajeito de saber a verdade, nua e crua, João, o Corta-Mar, quasi suplicante, pergunta à filha:

— «...Quem foi o homem que te perdeu?».

— «...O homem que me perdeu, o único que até hoje tenho amado, é Jorge de Castro, responde ela, com a maior humildade».

— «O filho do capitão de fragata!» exclama o Corta-Mar, com o maior espanto. «Que fizeste desgraçada?... não sabes que o pai é orgulhoso e que jamais consentirá que tu entres na sua família?».

E para remate, esta tirada fulminante:

— «Filha, minha filha, tu também és desgraçada»...

\* \* \*

Nos olhos dos espectadores despontaram as primeiras lágrimas.

Dai a um bocadinho entra em cena um rapaz muito bem vestido de oficial da marinha e todos nós, então, ficamos a saber que foi este o sedutor da pobre filha de João, o Corta-Mar. É o tal Jorge, um galá simpático, moreno, cabelo ondulado, voz agradável e presença distinta.

— «Criança — diz ele, apontando os degraus dum velho pelourinho que se integra no cenário — acaso olvidas o amor que te consagro? Foi aqui, no subedâneo desta cruz que eu jurei ser teu esposo e hei-de cumprir esse juramento».

Ela, no entanto, não parece estar muito convencida e tem este desabafo amargurado:

— «Não me resta nenhuma esperança se não morrer».

E logo ele, num gesto de angústia, com os olhos em alvo:

— «Que dizes, desgraçada?... queres suicidar-te?»

Lá dentro, no cubículo que serve de camarim, os caracterizadores são os próprios artistas amadores — como fazem os profissionais consagrados...

Escusado se torna acrescentar que neste momento toda a platéia chora.

No segundo acto, quasi no fim, assistimos ao tal simulacro de incêndio. A casa vem abaixo com palmas. O cínico, um pirata que se faz passar por pai de Jorge, procura, à custa das maiores velhacarias, opor-se ao casamento dos dois amantes. Foi ele quem entrou, convenientemente disfarçado para deitar fogo àquilo tudo e em ar de segrêdo, comunica à platéia:

— «Ah! Ah! Ah! A casa está rodeada de matérias inflamáveis e dentro em pouco será um montão de cinzas».

No final do terceiro acto, quando verifica que foi completamente desbaratado e desmascarado, em vez de se entregar aos dois polícias à palzana que o vêm prender, enterra um punhal no coração e numa gargalhada satânica exclama:

— «Um homem como eu sabe morrer, mas não serve de espectáculo à sociedade!».

Evidentemente que, com este final apotético, Jorge e Maria, pais solteiros dum imponente pimpolho, já se podem casar livremente. E assim ficam ressalvadas a moral pública e o simbolismo da flor de laranjeira.

\* \* \*

— Ora isto começou assim — elucida-me o director do Grupo Dramático — um dia, numa cavaqueira entre amigos, alguém se lembrou de que seria interessante organizarmos umas festas, cujo produto, na totalidade, se destinasse a minorar a situação de muitos colegas nossos que necessitam de amparo. Meu dito, meu feito. Começámos a trabalhar com o maior afinco. Arranjámos peças, contratámos ensaiador, pedimos a boa-vontade do Sindicato e o que fizemos... está à vista. Perdemos noites e noites a marcar, a ensaiar, a realizar os nossos espectáculos. Depois dum dia interminável de trabalho intenso, dedicámo-nos a esta obra que é todo o nosso orgulho. Ao mes-

mo tempo, no fraterno convívio duns com os outros, também nos divertimos. Sabemos que ainda nos falta muito para chegarmos onde desejamos chegar. Mas trabalhamos, criticamos os nossos próprios defeitos; a pouco e pouco iremos melhorando. Força de vontade não nos falta. Graças a Deus...».

\* \* \*

Abra-se um parentesis na fala do Porfírio Peixoto (ou se quiserem na de João, o Corta-Mar) e digamos nós algumas palavras para mais completa elucidação.

O Grupo Dramático do Pessoal da Carris, com toda a sinceridade podemos afirmar, é uma grande obra de compreensão social que deve ser destacada e distinguida com o maior respeito. Nos seus 9 componentes há 5 dadores de sangue. Isto diria tudo para se ajuizar do carácter destes homens se a obra por eles empreendida não fosse mais além ainda: não entrasse no lar humilde onde às vezes (tantas vezes!) falta o pão, e o azeite não chega para fritar uma sardinha.

Por outro lado, o Grupo Dramático visto sobre o palco, não desmerece em coisa nenhuma os louvores do seu público. Não direi que estão ali grandes actores. Mas há vocações: autênticas promessas. O Porfírio, o Almeida, o Bastos e os outros (como o que faz o papel de cínico no drama a que assistimos) são temperamentos teatrais do melhor quilate.

Mas já agora... deixemos o tempo falar por si.

E fechemos o parentesis.

\* \* \*

— «Não se imagina o trabalho que tudo isto nos dá — prossegue o Porfírio Peixoto.

Primeiro é a escolha da peça. É claro que temos de recorrer ao velho repertório dos teatros de amadores e

(Continua na pag. 22)





## “Kurika”

por Henrique Galvão

Uma página de  
ÁLVARO SALEMA

DIZIA André Gide, em «Les faux-monnayeurs», que uma das formas fundamentais do trágico escapou, até agora, à criação literária: a própria essência do ser. Reconhecendo que o romance foi capaz de versar, na sua profusa história moderna, os caprichos da sorte, a boa ou má fortuna, as relações sociais, o conflito das paixões e os caracteres, apontou aos que o concebem e criam esse problema difícil: exprimir a totalidade da natureza humana, certamente por via directa e não pelas suas secundárias expressões. O próprio Gide tornou difícil o entendimento da questão, acrescentando que o cristianismo realizou o esforço de transportar o drama para o plano moral — mas que nunca houve, verdadeiramente, romances cristãos.

Quando em Portugal se tenta a reforma literária do romance, apontando-lhe rumos diferentes dos que se concebiam até há pouco, deve constituir um dever de consciência a definição justa do romance e dos seus fins. Não é por desprezar a fórmula de Gide quando propõe como forma original — e talvez definitiva — o romance, antes que surja outro género a substituí-lo, a análise da própria essência do ser. Pelo que sugere e não chega a dizer nessa passagem tão inteligente mas tão incompleta, o plano mais profundo e rigorosamente mais real da natureza humana seria o plano moral — esse que o cristianismo converteu em teatro do drama fundamental da vida.

Ora se o romance, como forma mais acabada da expressão literária, representa o espírito de uma época, talvez a aceção em que André Gide empregou o termo se possa considerar hoje anacrónica. Não é no plano moral, efectivamente, que se desenrola o drama principal do homem de hoje, nem aí se pode encontrar o que é a essência do ser. Não se define actualmente no plano moral — nem pode definir-se — alguma coisa a que possamos chamar a totalidade da natureza humana. O esforço concorrente e centrípeta de muitas ou quasi todas as formas contemporâneas de estudo e compreensão do homem, leva-nos necessariamente a muito mais do que isso. Não é o homem representado pelas linhas exactas e simplistas da sua situação interior — um fantasma de fórmulas, escriptos, dogmas de maior ou menor intensidade mística, mas sempre fórmulas — o que hoje

se nos apresenta como homem inteiro. Descobriu-se nele a potência secreta e invasora dos instintos, das forças perturbadas que ascendem das recalcadas impressões originárias às aparências claras do entendimento, das ansiedades inexpressas, das insuportadas operações orgânicas que a inteligência cobre com o seu frágil véu. E em torno dessa inquieta génese do eu, estudaram-se e definiram-se as condições externas, sociais e históricas, que determinam no homem a sua autêntica «segunda natureza».

Decerto que um só aspecto destes dois não bastará para definir o homem na totalidade da sua natureza. Teve o primeiro como seu mais sensacional investigador e revelador nos tempos modernos o mestre da psicanálise, Sigmund Freud, e a sua obra ainda na fase inicial do previsto desenvolvimento; revelou a definitividade e actualíssima forma do segundo aspecto, o autor tantas vezes mais compreendido da «Segunda Família» do «Manifesto». Ser o romance contemporâneo quiser alcançar a «essência do ser» de que falava Gide, a totalidade do homem a que a nossa cultura aspira, deverá descobrir a forma de expressão, a teoria dos caracteres, o estilo e a consciência exacta dentro da obra de arte que esses dois precursores de génio lhe anunciaram.

Resta saber se o romance terá possibilidade de o conseguir; se não é muito estreita já a sua fórmula demasiado «literária» de exprimir o homem; se o romance não incluiu o mesmo intento do seu decadência como género literário e o alvorecer da nova era não lhe substituirá radicalmente um outro género cuja definição seria arriscado prever, mas se ajuste melhor à «essência do ser» como há-de concebê-la o futuro. Em suma: se o romance não será uma forma de representação humana que começa a ser anacrónica e antecipadamente fracassada todas as revisões e actualizações que se pretende fazer dele.

Que é imperfeito, insatisfatório e quasi inútil o romance de hoje, como factor de inquieto e análise do homem de hoje e adivinhação do homem de amanhã, ninguém poderá recusá-lo conscientemente. E cada experiência nova, cada pretensa «revelação», só vem confirmar esta verificação desencantada, voltando o mais dessa «outra coisa» — outro espírito para aspirações muito incertas mas que aproximam um pouco

tempo que se descortinam hoje entre claridades e sombras. Talvez o ensaio constitua agora o género de aparências mais coerentes com a índole da nossa época; mas isso exigiria muito mais longa reflexão — o que se nos depara triunfalmente no mundo literário é a turba-multa dos romances cuja insuficiência triste e frágil parece um cantar de cisne.

\* \* \*

Vergílio Ferreira surgiu na vida literária com dois ensaios de estilo bastante diverso: uma tese sobre as influências do platonismo em Camões e um estudo crítico e interpretativo sobre o humorismo de Eça de Queiroz. Em ambos os casos se notava no seu trabalho intelectual hesitação marcada entre a tese de especiosa erudição e a audácia literária de um espírito solicitado por dispersivas preocupações.

No romance publicado agora, «Onde tudo foi morrendo», não foi mais completa nem decisiva a expressão da sua personalidade de escritor. Se emprego a palavra «escritor», neste caso, é com especial intenção: Vergílio Ferreira apresenta-se neste romance como espírito saturado de artificios e convenções literárias, homem de palavras escritas mais que de sentimentos ou idéias fortemente experimentados, e por isso transsudando da obra com irremissível força. Quando o autor de um livro é, acima de tudo, um homem vivo exprimindo-se a si próprio, aos seus próximos e às suas experiências, o estilo e o conteúdo representativo da obra tomam sentido muito diferente do que encontramos neste livro. Os seus dramas, muito simples, são demasiadamente enfeitados; os personagens recortam-se com minúcia de elementos de definição que ninguém sente nem fazem nenhuma falta na vida. Em suma: se a forma de composição literária não é manifestamente retórica — porque Vergílio Ferreira teve a felicidade de o evitar — são-no a composição dos personagens e das situações. A retórica na forma é algumas vezes um processo de enriquecimento artístico; a retórica na definição dos personagens e das situações é sempre uma máscara errada sobreposta à vida, um artifício demasiado evidente, uma expressão infeliz da realidade. Como virtude compensadora, Vergílio Ferreira revela notável facilidade em manejar o diálogo. Embora não seja agradável nem necessária

\* \* \*

Henrique Galvão propôs-se representar em romances sucessivos algumas «biografias» de bichos do mato. O objectivo não é difícil, desde que a imaginação comum sobrepõe sem custo os sentimentos e as idéias humanas às representações ignoradas dos animais; e a matéria é sempre atraente, porque o pitoresco da narrativa, a originalidade sem limitações que ela consente, a simpatia imediata pelos seres confundidos na mancha variegada da selva, facultam ao narrador possibilidades sempre novas.

Henrique Galvão soube aproveitá-las bem neste livro «Kurika», em que descreve as aventuras de um leão criado entre os homens e que regressou à selva para reconstituir a experiência herdada que o sangue lhe solicitava. No torvelinho da selva, em lutas, amores e incertezas, o leão conhece e convive com outros animais, como se todos formassem uma sociedade regida por forças íntimas iguais às dos homens. E a narrativa desdobra-se com leveza e arte, algumas vezes até no perfeito encanto na matéria e na forma. A terminologia exótica enriquece pela diversidade e a «cór» das palavras o estilo de agradável fluência que Henrique Galvão sabe compor sem custo. Pode dizer-se que exagerou ao freqüência o antropomorfismo habitual em obras deste género; que os seus quadros nada oferecem de novo e profundo sobre a psicologia animal. Não foi esse, decerto, o intuito, e modestamente deve julgar-se uma obra que em caso algum poderia deixar de ser modesta. O que não pode negar-se é o encanto, a beleza da forma, o interesse ligeiro e gracioso da narrativa — sobretudo esse dom da paisagem que tudo envolve e forçosamente seduz: «Os anseios e o hálito da primavera africana, como se dessem pela tragédia, eram apenas, depois do baque surdo dos corpos, simples pulsações do silêncio — o silêncio liso da morte em que os ruídos leves passam como brisas sobre a superfície dos lagos».

A experiência adquirida por Henrique Galvão e os seus inegáveis dotes de prosador recomendam-lhe esta espécie de obras, sem grande responsabilidade de inteligência, mas capazes de revelar ao nosso público alguns dos melhores aspectos de uma literatura colonial.

## Os suicidas da literatura contemporânea

NA geração literária que saiu da outra guerra protestando e depois dela se consagrou ao apostolado da paz ou da luta contra as forças económicas e sociais que a provocaram, não é difícil encontrar dois géneros diferentes de personalidade: os que se consagram ao sentido espiritual e moral da paz, procurando melhorar os homens pelas suas razões interiores; e os que descobriram depressa o sentido económico e social que a pode assegurar, aceitando as realidades da existência colectiva e individual como elas são, sem as mascarar, diluindo-as, sob a fachada ilusória do «Espírito».

Ernst Toller foi, como Stefan Zweig, um dos primeiros. Romain Rolland consagrou-lhe um dos seus melhores livros de combate e viu nele um símbolo da Alemanha pacífica, musical e poética de que foi Goethe a suprema personificação. Dramaturgo e poeta, Ernst Toller era uma das figuras mais destacadas e sugestivas da literatura alemã contemporânea. Da prisão escreveu e publicou, logo no fim da guerra passada, algumas das suas melhores criações. Poucos anos viveu em paz, porque a breve trecho foi obrigado a exilar-se, como Tomás Mann, Feuchtwanger, Einstein e Freud, vivendo na Suíça, em Paris e em Londres, dias difíceis e amargos. Não traiu o seu pontificado de paz universal e exaltação de um «espírito europeu» harmonioso. Em 1939, nas vésperas de nova conflagração, o fracasso da sua própria vida e o das aspirações que sonhara levaram-no ao suicídio. O desespero que o matou, numa mansarda triste de Nova York, foi talvez o mesmo que arrastou à abdicação suprema Stefan Zweig e sua mulher, há dois anos, no Rio de Janeiro. Outros sofreram o mesmo destino trágico e, talvez, pelas mesmas razões essenciais: o desentendimento irreparável com um mundo que não os escutava e corria para nova catástrofe sob o impulso de forças que desprezavam e não queriam compreender. Mais do que o erro da sua época, vitimou-os o erro e a falta de realismo combativo das suas aspirações, confia-



das em ideais abstractos. Estes suicidas da literatura e do pensamento contemporâneos deixaram às gerações intelectuais que se seguiram o mais trágico e, também, o mais elucidativo dos exemplos.

# Dez minutos de entrevista



## António Navarro e a poesia moderna

**A**NTÓNIO de Navarro, o inspirado poeta de «Ave do Silêncio» e «Poemas de África», foi um dos primeiros colaboradores de «Presença». Esteve no continente africano e aí deixou a sua alma de artista enamorar-se das longas paisagens, que os seus versos souberam depurar, revelando um mundo de beleza. Prepara, agora, «Carne dos Caminhos», contos, e outro volume de versos, «Flôr de Cinzas».

A nossa primeira pergunta veio natural; como se tratava de um poeta, queríamos a sua opinião independente sobre poesia.

—O que penso de poesia? Penso que os verdadeiros poetas pensam sentindo, sentindo e dando forma a toda aquela expressão de vida que, como uma reza, lhes tocou a alma. É uma forma de amor, disperso por tudo quanto vive.

E, depois duma pausa: —Toda a poesia é misticismo, o misticismo das realidades, o halo religioso da matéria. Não se confunda o chamado materialismo histórico, com o anti-espiritualismo. Um é fórmula de conduta social, a outra uma atitude, um certo estado de espírito. Não considero irredutíveis — preciso dizê-lo, estes dois dados humanos. Um considera o caminho, o outro a forma de espírito como cada um o percorrerá.

—Nesse caso a poesia... —A poesia é eterna e nasceu com o homem e ele apenas tem que dar-lhe uma expressão humana de sinceridade para que continue cada vez mais viva. É eterna e morrerá com ele.

A conversa leva agora outro rumo: a poesia moderna.

É António Navarro, espontaneamente, com calor responde logo:

—A poesia moderna é diferente da outra porque se libertou. Uma aprisiona o poeta, a sua alma; a outra, libertando-se, liberta-o. A diferença fundamental parece-me ser esta. O resto são fórmulas. Cada poeta tem primeiro que encontrar-se totalmente, para totalmente se exprimir. Tem que construir tudo e tudo arrancar de si próprio.

Tem que encontrar o seu universo e vivê-lo ou, vivendo-se encontrá-lo. E assim é que a poesia deixa o seu âmbito fechado e se alonga e se funde pelo que é humano.

Pedimos uma explicação mais concreta e ela vem:

—A mim poderão chamar-me um poeta hermético e chelo de abstrações. Mas não é totalmente assim, embora algumas vezes o seja. Perco-me voluntariamente, mas desço à Terra quando entendo ser preciso. Além disso, procuro fazer poesia sem me esquecer de que os homens têm a sua luta e lutam pela sua posição sobre a Terra.

## A VIDA MISTERIOSA DAS PALAVRAS

**T**ODOS nós sabemos aplicar meia dúzia de frases ou de palavras, pelo menos, expressivas mas cuja etimologia os livros não registam, em cinco minutos de conversa. O «buslila», o «scabeça de turco», o «emeter uma lança em África», o «dar às de vila Diogo» — são expressões familiares e pitorescas que todos sabemos empregar, mas que bem poucos sabem porque as empregam.

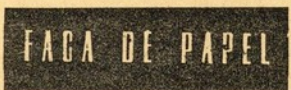
Gomes Monteiro e Costa Leão, dois nomes consagrados, duas autoridades formadas em trabalhos da mais honesta investigação, deram-nos agora «A



vida misteriosa das palavras», editada pela Portuguesa, e que é um trabalho pitoresco, útil e sério ao mesmo tempo. Sem dúvida, faziam falta na estante e na bagagem de cada um de nós, os conhecimentos colhidos na leitura deste trabalho, o qual recomendamos a curiosidade dos nossos leitores.

E com certo entusiasmo: —Vivemos uma época agitada e de transição, talvez das mais belas da humanidade pela amplitude que lhe deu o mais fácil contacto entre os homens, e é pena que todos os que viveram e sofreram, e, em suma, lhe deram o seu sangue, não os possa o tempo fixar... Fixará, todavia, os índices do seu conjunto.

—Quais? —É um tempo intoxicado. Em Portugal, nunca se pensou que o caso literário tenha importância mais decisiva do que se pensa — e parece. Daí, meu amigo, tanta pobreza!... A entrevista a longa. Aguardamos os dois novos trabalhos que António Navarro tem entre mãos, na certeza de que mais alguma cousa se vai ler no nosso país!...



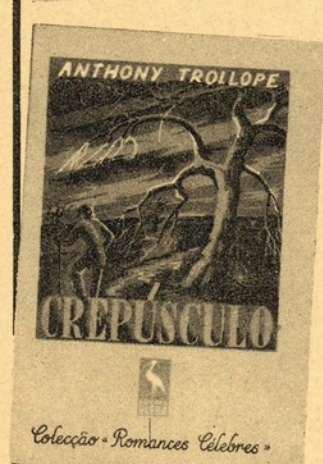
Maria Archer prepara para breve um novo romance a que deu o título de «Ela é apenas mulher» e em que se fala do drama de uma provinciana, súbitamente lançada nas tentações de Lisboa.

—A propósito da notícia que demos sobre o romance «Ânsia Suprema», escreve-nos a Parceria António Maria Pereira, informando que não editou o livro em questão, pois foi apenas seu depositário, e do que se escreveu no prefácio só tiveram conhecimento os seus depositários, depois do livro publicado.

—Helena de Aragão vai publicar mais um romance: «Coração ativo», que será mais uma afirmação dos dotes literários da sua autora.

—Depois do êxito de «O exilado de Bougie», o dr. Norberto Lopes prepara, para breve, um livro de memórias sobre a figura política do dr. Bernardino Machado.

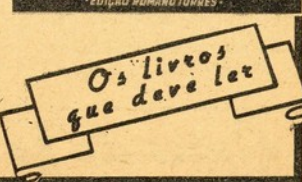
—Jaime Ferreira, nosso companheiro de jornalismo no Norte, publicou um volume «Outros homens, outras vidas» — reportagens que retratam uma época, sentidas e escritas com verdade e emoção — como o próprio autor escreveu no frontispício do seu livro, e em que a garra do jornalista dá ao escritor o braço camarada.



Novas Edições da Editora Maritimo-Colonial Rua do Comércio, 8, 1.º — LISBOA

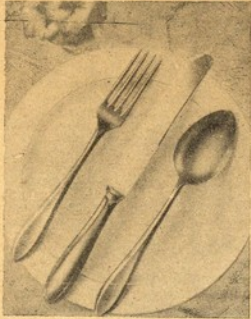


Novas Edições da Editorial «GLEBA», L.ª R. da Madalena, 211, 3.º — Lisboa



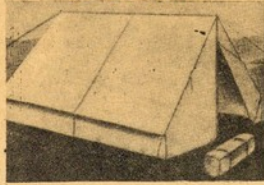
# PÁGINA DAS UTILIDADES

*Loiças, Vidros,  
— Talheres*



*Au Ménage Ideal, L.<sup>da</sup>*  
162, Rua da Prata, 166  
LISBOA — TELEF. 2 1520

**O CAMPISMO É SAÚDE  
E ALEGRIA**



TENDAS E TUDO PARA  
CAMPISMO  
**VIEIRA CAMPOS**  
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)  
215—RUA DA PRATA—217  
TELEFONE 27606

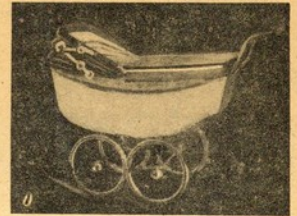


*Os óculos que preservam  
o médico e a elegância*

**Na Casa Adriano Seixas**  
Rua Augusta, 188 LISBOA

**Carrinhos e cadeiras  
para bebés**

*Elegantes e económicos*



**A pronto e com facilidades  
de pagamento**

**J. Costa & Silva, L.<sup>da</sup>**  
RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.º  
LISBOA — TELEFONE 26713

**ESPECIALIDADE EM:**  
antiquidades, joias e objectos  
de ouro e prata, em 2.ª mão



**Antiga Casa Mondino**  
de FAUSTO MÁIA VILELA  
Rua do Bemfornoso, 65 — LISBOA  
Telefone 27964



*O essencial  
para uma boa habitação*

UMA INSTALAÇÃO  
da casa **MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L.<sup>da</sup>**

PRAÇA DO MUNICIPIO, 30 — LISBOA — TELEFONE 27643

*Todas as vantagens  
de qualidade e preço*



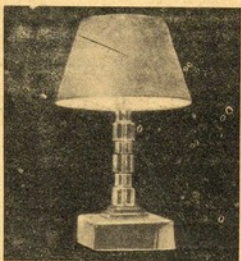
**Foto Central**

Cópias e ampliações perfeitas  
Record de rapidez (em 5 horas)

**MATERIAL FOTOGRAFICO IMPECÁVEL**

RUA DA PALMA, 37 — LISBOA  
TELEFONE 23716

**ELECTRICIDADE-ÁGUA-GÁS**



*Os melhores artigos  
aos melhores preços*  
**A PRONTO E A PRESTAÇÕES**

**ELECTRO-GLÓRIA, L.<sup>da</sup>**  
Rua da Glória, 20-A  
LISBOA — Telef. 24050



*Tudo para um belo lar  
no **LARBELO***

195, RUA DA PRATA, 197 — LISBOA

**FOGÕES ELECTRÍCOS**

**Therma**



APARELHAGEM ELECTRICA  
CASEIRA, COMO: FERROS DE  
ENCUMAR \* FOGAREIROS  
TORRADEIRAS \* FERVEDORES

**CASA CAPUCHO**

127, RUA S. PAULO, 139 — LISBOA  
139, R. MOUSINHO DA SILVEIRA, 163 — PORTO

*Antes de fazer as suas compras consulte esta página*



# LISBOA INTEIRA CONHECE A SUA VOZ

Mas não sabe quem ela é!...

Pode-se dizer que Lisboa inteira passou, o ano passado, pela Feira Popular. Se não foi inteira pouco faltou, muito pouco mesmo...

Pois bem: lembrem-se agora, os que por lá andaram — lembrem-se daquela voz melódica, meiga, gentil que anunciava os produtos da feira pelos inúmeros alto-falantes... Era uma voz de sonho — e bastantes corações ficaram enfeitiçados por ela. Rapazes conhecemos nós que lá foram muitas vezes só para ouvir aquela voz.

E agora, leitores, atenção: a voz bonita da Feira Popular tem uma história. E nós vamos contar essa história...

## A «VITÓRIA» DA VITÓRIA...

CHAMA-SE Vitória Nogueira, a dona da voz embauladora e meiga que durante meses foi uma das maiores atrações da Feira Popular de Lisboa. Chama-se Vitória Nogueira e tem dezãoito anos — dezãoito primaveras em flor, numa tentadora cara morena, nuns olhos profundos, chelos de poesia, num porte ativo de princesa em férias...

Aos sete anos, teve a sua primeira grande glória, intervindo brilhantemente na interpretação da revista «Espinho sem rival», levada à cena no Casino de Espinho. Safu-se muito bem — como ela própria diz — e teve a maior parte dos aplausos...

Depois, desde aí, a pequena Vitória ficou lançada na sua carreira e no seu sonho. Por teatros de colégios, por festas infantis — a presença de Vitória Nogueira tem-se imposto e marcado uma decidida vocação para a rádio e para o cinema.

Assim, a sua hora havia de chegar. A hora dos que têm talento chega sempre, mais tarde ou mais cedo. Vitória Nogueira entrou agora na «Menina da Rádio» — a sua estreia oficial no cinema. Um papel pequenino. De vagar se vai ao longe...

Mas, de qualquer maneira, ela sente-se feliz. Foi esse o primeiro passo. Das festas infantis ao cinema, passando pela Feira Popular, onde só esteve presente a sua voz, aquela voz de sonho que andava no ar anunciando coisas várias — é essa, indiscutivelmente, a grande «vitória» da Vitória Nogueira...

## ELA GOSTARIA DE CANTAR NA EMISSORA!

Por outro lado, a Rádio atrás-a, sempre a atraiu. Já de pequena, improvisava em casa graciosas reuniões com as suas companheiras de brincadeira e, fazendo do cabo de vassoura um microfone, cantava para as outras...

— E qual é o seu género preferido?

— A canção... Gosto de todas as canções... Algumas sensibilizam-me tanto que até me fazem chorar...

E, num trejeito mimalho: — Posso dizer uma coisa? — A vontade... — dissemos nós.

Ela então enche-se de coragem: — Não gosto nada do Fado!

É um desafio — e Vitória Nogueira fica um pouco ruborizada. De seguida, narra-nos as suas tentativas radiofónicas a sério. Aquil há tempos, cantou na Rádio Peninsular. Gostaram muito. Foi há seis meses. Não mais lá voltou. Depois convidaram-na para cantar em Rádio Graça — mas ela não quis.

— Porquê? — Nem sei bem... No fundo, o que eu gostava era de cantar na Emissora. E essa era das minhas maiores ambições artísticas.

Acreditamos que um dia, Vitória Nogueira consiga concretizar mais essa aspiração. Ela tem vontade, valor e juventude — três requisitos absolutamente necessários e suficientes para uma boa vitória...

REPORTER DOIS

## Realiza-se no Cinema S. Luiz no próximo dia 19 à noite a nossa grande festa de arte

Podemos, finalmente, dar hoje a sensacional notícia: a grande festa de arte com que culmina o nosso concurso «Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?», realiza-se no dia 19 deste mês, à noite, no cinema S. Luiz. Será um grande espectáculo de cinema e de variedades, que pela grandiosidade do seu programa deverá constituir um dos grandes acontecimentos de Lisboa. Em colaboração com a Metro-Goldwyn-Mayer — a grande empresa produtora de filmes que comemora agora o vigésimo aniversário da sua fundação — será apresentado um «clou» cinematográfico que deverá fazer sensação. A parte de variedades será constituída pela exibição dos melhores artistas da nossa rádio nalgumas das suas criações mais populares. Devem igualmente participar deste espectáculo alguns das mais distintas artistas do nosso teatro e do nosso cinema.

Será durante um dos intervalos desta «noite», que terá lugar o sorteio dos prémios do nosso concurso «Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?». Esses prémios — como temos dito — serão sorteados entre os votantes do nosso concurso. A cada cupão será dado um número. Entre esses números serão tirados, à sorte, seis — precisamente os que

correspondem aos seis prémios oficialmente instituídos. Entre os que votaram no 1.º classificado, será sorteado o 1.º prémio; entre os que votaram no 2.º, o 2.º prémio; e assim sucessivamente. Cada concorrente terá direito a um prémio, mesmo que tenha votado em dois ou mais artistas classificados, e se, por acaso da fortuna, o sorteio o favorecer com mais de um prémio. Para poder ter direito ao prémio, o vencedor terá de provar a sua identidade. Só se esta corresponder à do respectivo cupão o poderá receber. Isto porque supomos ter havido vários concorrentes que votaram com nomes supostos.

Tudo isto concorrerá, sem dúvida, para que a nossa festa alcance um brilhantismo excepcional. Assim o esperamos, pelo menos. Tanto mais que este espectáculo terá um fim bastante louvável, visto o seu produto líquido reverter a favor da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa, uma instituição que merece, pelos seus objectivos de assistência social e profissional, a maior simpatia de todos os sectores do público.

No nosso próximo número publicaremos finalmente o sensacional programa do nosso espectáculo de arte.

## INSTRUMENTOS RÁDIO-ELÉCTRICOS

É bem sabido por todos que se dedicam a sério aos assuntos radiofónicos que há indiscutivelmente a necessidade de criar música para a rádio. É o que se costuma chamar de «Música Radiofónica» — denominação dada pelo Congresso de Goettingen, em 1925, ao novo género musical. Como já disse um crítico sabelor «as suas linhas mestras residem na brevidade, na clareza de composição e de orquestração com a prioridade dos instrumentos favoráveis ao microfone».

É precisamente desses instrumentos que falamos hoje. Eles dividem-se em dois grupos. Aqueles, cujo som, produzido, de início, por vibrações mecânicas é transformado depois em vibrações eléctricas, já modificado na sua intensidade e no seu timbre. E aqueles outros, exclusivamente mecânicos, com o som determinado, de modo directo, pelos circuitos oscilantes.

Assim, não queremos deixar de citar entre os instrumentos monótonos as «ondas musicais» de Martenot, o «eterofone» de Leo Theremin e muito principalmente, o já consagrado «Trantonium» de Friedrich Frautwein. Dos outros — os polifónicos — destacaremos, sobretudo, o «spaerofone» de Mager e o «órgão de ondas», nascido da colaboração íntima de Armand Givélet e Eloy Couplet.

Das experiências realizadas em Paris pelo compositor e engenheiro Eric Sarnetli, secundado brilhantemente por Saxe Júnior — nasceram novos horizontes para a vida radio-

fónica. De facto, os instrumentos rádio-eléctricos vieram dar um notável incremento à chamada «Música para a Rádio» e, hoje em dia, são as próprias grandes emissoras que se interessam sobremaneira por essas inovações. A testemunhar tal verdade, bastam os exemplos da Rundfunk-Versuchtoelle, aproveitando o emprégo de «Trantonium» e da British Broadcasting Corporation apresentando nos seus programas o «spaerofone». Antes da guerra, também a Paris-Mondiale instalara no seu estúdio um «órgão de ondas».

Estamos decerto diante dum futuro promissor para a Música Radiofónica. O futuro nos dirá que mais maravilhas ainda estão por descobrir, dentro do campo da Rádio...

E. M.



## UM NOVO IDOLO DA AMERICA



A América é fútil em ídolos — já todos sabem. Eis um dos seus novos favoritos, no mundo musical e radiofónico. Chama-se Oscar Levant e consideram-no um verdadeiro génio excêntrico. Já é conhecido dos americanos — mas só agora o elevaram a favorito. Compositor e pianista famoso, o seu «Nocturno», à memória de George Gershwin tem hoje a honra de ser uma das músicas mais populares da América.

Aqui vemos três fotos do novo ídolo: Oscar Levant reanimando-se depois de oito horas de trabalho consecutivo; Oscar Levant tentando que o filho cante já naquela idade... e Oscar Levant acompanhando a trinuante Mary Martin, cuja voz é adorada pelas radiowiventes de todo o Mundo...

## Um hipnotizador radiofônico



Colocado por detrás da janela da cabina de controle, Slater fala para o estúdio através dum auto-falante e põe quatro marinheiros em transe hipnótico.



Sob o domínio de Slater, um marinheiro hipnotizado dactilografa uma carta imaginária. Os outros hipnotizados esperam em pé ou sentados que lhes mandem fazer qualquer coisa.



Saltando por cima dum indivíduo hipnotizado, Slater prova que a pessoa em transe não sente absolutamente nada.

HÁ muita gente que está convencida de que os programas de rádio têm certos efeitos diplomáticos sobre os ouvintes, induzindo-os a um profundo transe soporífico.

Na América, onde todas estas coisas são estudadas, quer por técnicos, quer por amadores, fizeram-se interessantes experiências sobre hipnotização radiofônica, com o pretencioso designo de acabar com a guerra mais depressa...

O criador desta inovação hipnótica, Dr. Ralph Slater tem uma opinião muito pessoal sobre as condições em que a actual guerra principiou. Segundo ele, os alemães foram hipnotizados pela voz do chanceler alemão, transmitida pelos microfones das emissoras germânicas. E a provar as suas palavras, mostrou aos redactores da revista americana «Life», que deu publicidade a estas experiências, fotografias que apresentam grupos de alemães sentados em torno de telefones em transe hipnótico. E Slater insiste que pode deshipnotizar o povo alemão, utilizando um emissor de onda curta...

Para demonstrar a veracidade das suas idéias, Slater trouxe a um estúdio, um grupo de pessoas que anteriormente se sujeitaram às experiências. O dr. Slater foi para a cabine de controle, onde os passeantes o não podiam ver, e, durante algum tempo, falou no microfone com a sua voz quente e persuasiva, até os pôr a todos em transe hipnótico.

(Continua na pág. 70)

## Poder-se-à controlar a temperatura atmosférica?



No milénio tecnológico que os cientistas prometem à civilização para depois da guerra, o prof. Albert Elde Parr, director do Museu Americano de História Natural, prevê a possibilidade de se poder controlar a temperatura atmosférica.

Discursando perante um grupo de alunos do Instituto de Meteorologia da Universidade de Chicago, o professor Parr observou indignadamente que os cientistas pouca atenção têm dedicado aos problemas climáticos. «As nossas relações com as forças que dirigem a temperatura atmosférica e o clima», declarou ele, «estão ainda numa fase cultural absolutamente primitiva».

Porém, as idéias do oceanógrafo Parr acerca do controle climático encontram-se também bastante atrasadas; mas oferecem aos meteorologistas algumas sugestões muito curiosas, entre as quais destacaremos: «a possibilidade de criar, mecanicamente, uma zona de calma no momento e no sítio em que se desencadear um tufão ou um furacão; a possibilidade de refrescar ou aquecer a temperatura a que estiver sujeita uma cidade qualquer, o que se poderá conseguir pelo emprêgo, nos edifícios, de fachadas especialmente destinadas a gerar calor e reflectir a luz solar, e ainda a possibilidade de controlar os efeitos do sol pelo aproveitamento inteligente da luz solar e das sombras».

Todavia, o mais eminente meteorologista dos Estados Unidos, Carl-Gustaf Arvid Rossby, director do Instituto de Chicago, sorri cépticamente perante tais idéias novas, e declara: «Nos Estados Unidos, os estudos geofísicos têm realzado um carácter muito popular. Em relação à Escandinávia, onde estas ciências se encontram muito mais desenvolvidas, estamos ainda numa fase primária. Para se chegar a conclusões concretas, o primeiro cuidado do homem deve ser estabelecer um equilíbrio estável entre ele próprio e tudo aquilo que o rodeia, e sobre este ponto de vista continuamos muito verdes...».

Rossby concorda com o prof. Parr que, presentemente, ainda ninguém tem conhecimentos profundos a respeito dos problemas atmosféricos; os meteorologistas, por exemplo, ainda não têm uma idéja precisa sobre o motivo por que algumas nuvens deixam cair chuva e outras não.

Mas, Rossby conseguiu realizar uma coisa que nunca ninguém se tinha lembrado ainda: prever as condições atmosféricas pela utilização de sons emitidos por camadas de ar existentes a grandes alturas, em vez de se limitar a observar os mostradores dos aparelhos de temperatura, pressão e umidade.

Quando, em 1928, Rossby criou a primeira escola de meteorologia para treino dos aviadores, deu início aos primeiros vãos de observação atmosférica realizados nos E. Unidos. E assim, conseguiu verificar que as massas aéreas retêm a mesma unidade específica e a mesma temperatura potencial desde que saem da zona polar até atingir a zona temperada. Daqui resultou conseguir previsões mais exactas, calculadas a distâncias muito maiores do que até então.

Segundo ele próprio declara, Rossby está convencido de que a guerra estimula o progresso em meteorologia, mas não espera que da segunda Guerra Mundial resultem maravilhas tão completas que possam ser consideradas milagres. Aconselha aqueles que terão o encargo de planejar as futuras cidades a estudar meteorologia e os meteorologistas a estudar, igualmente, os planos para a construção dos novos aglomerados populacionais; mas, afirma que, na melhor das hipóteses, as cidades do futuro só serão uns quantos graus mais frescas no verão e outros tantos graus mais quentes no inverno.

As medidas mais práticas, a adoptar nas cidades do post-guerra, no campo do controle atmosférico, serão as que tornarem possível o desaparecimento dos fumos e gases expelidos pelas chaminés — o que talvez se possa conseguir pela construção de túneis subterrâneos. Com isto, conseguir-se-lia a maior quantidade de radiações ultra-violetas, melhor visibilidade, menos nevoeiros e, provavelmente, menos chuvas.

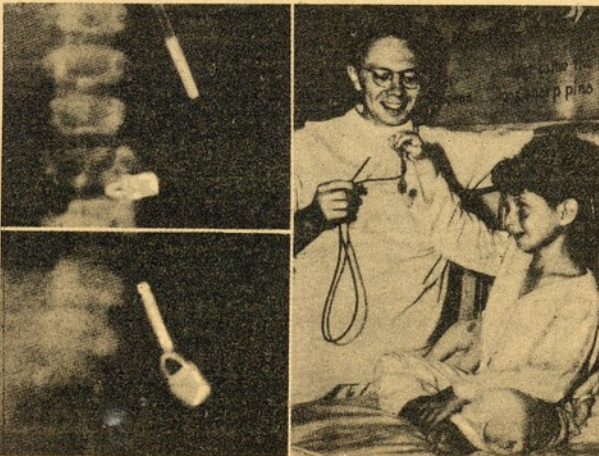
## Quando as crianças engolem objectos...

NOTÍCIAS desta natureza são vulgares. Um criança engole uma porção de alfinetes ou agulhas, outra bebe o conteúdo dum garrafa que tanto pode ser vinho como ácido sulfúrico, etc.

Pois este garoto, cuja fotografia publicamos, fez mais: engoliu um cadeado que se lhe alojou no esôfago. Quando a família deu por isso, levou imediatamente o pequeno Donald Brown, assim se chama o

nosso herói, ao Hospital Judaico de Brooklyn, onde o dr. Samuel Silber, que desejava a todo o custo evitar uma operação, tratou de pedir à «General Electric» que lhe fornecesse um pequeno ímã que o garoto pudesse engolir de forma a atrair e a retirar o cadeado.

Assim se fez, e as fotografias da esquerda mostram-nos, em radiografia, como foi realizada esta estranha operação.



## NO CAMPO PEQUENO UMA TARDE DE TOIROS INESQUECIVEL

**N**ÃO há palavras com que se classifique a corrida de toiros do passado dia 4, no Campo Pequeno, no que respeita ao trabalho dos colossais toureiros que são Manuel Rodriguez «Manolete» e Carlos Arruza — primeiras figuras nas suas Pátrias, e que numa competição absoluta mostraram, de maneira claríssima, quanto o temperamento rático pode influir na maneira de tourear. Num — o espanhol — a seriedade, a calma, a certeza matemática — o toureiro de régua e esquadro que deslumbra; no outro — o mexicano — a alegria, a valentia generosa, a graça imensa em tudo o que executa — o toureiro de inspiração momentânea que encanta!

Postos em confronto, como dignos embaixadores de uma arte que em Espanha e México tem os mais brilhantes cultores, a corrida de toiros, já de si tão colorida e rica de emoções, assume proporções grandiosas de beleza raríssima e adquire, esquisitos matizes — dos que só o redondel pode oferecer. E foi o que aconteceu no Campo Pequeno na tarde de 4, nessa corrida que ficará memorável para quantos tiveram a felicidade de a assistir.

Em presença de toureiros de tal qualidade, não há lugar para partidarismos exagerados, e todos aplaudem com fervor, não podendo condenar-se o que bate mais forte as palmas por este ou aquele, porque entre dois artistas igualmente grandes, o entusiasmo que provocam depende da sensibilidade pessoal e da maneira de ser de cada assistente. Cabe aqui dizer que os palmas que batemos foram de mais entusiasmo as que dedicámos a Arruza. Por ser melhor que «Manolete»? Não importa averiguar. O que sabemos é que o que o mexicano fez falou mais à nossa sensibilidade, teve infinitamente mais cor do que o que «Manolete» executou. Manuel Rodrigues desenhou admiravelmente; Carlos Arruza aquarelou com toda a gama de cores da mais rica paleta. Depois, enquanto «Manolete», grande, enorme com o capote, repetiu sempre o mesmo «quite» — série de «verónicas» colossais, belíssimas, rematadas com «meia» estatuidária, Arruza não repetiu um só, e fê-lo por «verónicas», «gaoneras», «orticanas», «faróis», «chicuelinas», numa variedade assombrosa; bandarilhou duma forma inconcebível, deixando-se ver do toiro, levantando os braços como ninguém, parando e marcando a saída (até dá vontade de dizer que «pára» e «manda» com bandarilhas). «Manolete», no 6.º touro, fez uma «faena» enorme, séria, verdadeira, sempre erguida a figura, sempre mandando, mas quanta maior finura não esmaltou a de Arruza no 8.º, quando bordou de maneira preciosa a série de passes mais variada e bela que ainda vimos! É que o mexicano não toureou apenas: falou-nos do México distante, do seu alegre folclore, da sua pintura característica, da sua alma sempre ingénua e criança!

Que figura estranha, admirável, a desse colosso do toureiro espanhol, «Manolete», que nos deu um curso completo de bem tourear! Que bizarria, que genial inspiração a desse admirável toureiro mexicano Arruza, que nos veio mostrar que a fitigrana doirada sobre seda fina tem absoluta razão de ser no traje de tourear!

E a verdade é que, recordando o muito que a corrida teve de inesquecível, todo o resto esquece, tudo mais desaparece ante as imagens que esses toureiros nos ofereceram.

Mas porque a eles se deve grande parte do brilhantismo da festa, não podemos esquecer também os toiros da Casa de Palma, que permitiram tão maravilhosas «faenas». Excluídos o quinto e o sétimo, foram touros ideais para os toureiros — alguns verdadeiras péras doces.

Uma idéia vaga diz-nos ainda que «Morenito» teve uma «faena» voluntariosa, talvez um grande par no terceiro da tarde, que João Nuncio cravou um «curto» magistral, digno remate duma lide acertada e por vezes brilhante, que Procópio tirou umas boas «verónicas» e que Manuel dos Santos esteve bem, como sempre, na «inteligência».

Sim, ficou-nos uma idéia desses detalhes, uma idéia vaga, porque o que ficou gravado nitidamente e para todo o sempre na nossa memória foi a fantástica actuação de «Manolete» e Arruza!

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



«Manolete» rematando um «quite», Arruza toureando de «muleta» e o mesmo artista passeado em ombros em meio de louco entusiasmo.



O pequeno Calixto lanceando de capote.



Eduardo Oliveira tentando uma novilha.

## Uma tenta na Baracha

**A** muita gentileza dos «ganaderos» Irmãos Oliveira, de Samora Correia, permitiu-nos assistir no passado dia 24, à tenta e retenta de vacas no seu alegre estadado da Baracha.

Recebidos fidalgamente pelos simpáticos lavradores, a tarde que nos proporcionaram foi das que dificilmente podem ser esquecidas por um verdadeiro aficionado.

A tenta, que submeteu à prova quinze magníficos exemplares, foi superiormente dirigida pelo ex-matador de toiros Alejandro Saez «Alé», com a preciosa colaboração do novilheiro Augusto Gomes e dos bandarilheiros Domingos e Sebastião Sarailva, tendo picado as rézeas, com aquela soma de conhecimentos e valentia exigidos, o «ganadero» sr. Eduardo Oliveira. O resultado foi dos melhores que temos registado, pois apenas uma vaca foi reprovada, merecendo as restantes, classificações que saídas de um critério de selecção bastante exigente, oscilaram entre bom e óptimo. Para es-

pantar, o comportamento das rézeas retentadas que se mostraram bravas e nobres como se pela primeira vez sãsem a terreiro.

Numa delas, executou Gomes uma «faena» em que firmou todo o seu valor de toureiro fino, sabedor e valente.

Com duas bezerras, exibiu-se também o pequenito Calixto, filho do sr. Carlos Oliveira, que tendo apenas dez anos, toureira com tal intuição e conhecimentos que bem pode ser classificado como «filho prodígio» do toureiro português.

A amabilidade dos proprietários foi até permitir que alguns convidados experimentassem as suas habilidades, decorrendo assim a festa e o jantar, onde se trocaram os mais expressivos brindes, de uma alegria sã, num ambiente são.

Pelo que vimos e admirámos, julgamos poder afirmar que os toiros da ganaderia Oliveira, Irmãos, de Samora Correia, serão, dentro de pouco tempo, dos melhores da Península.

## CAPOTAZOS

UM ALVITRE



Muito raramente nas nossas praças se consegue presenciar «faenas» de «muleta» com principio, meio e fim. Deve-se, isso, em grande parte, ao facto dos «matadores» terem a consci-

ência de que não é preciso dominar o toiro, visto que o estoque é substituído por uma bandarilha e daí não se arriscarem com adversários que a ausência de varas deixa chegar demasiadamente duros ao último «tercio». Este mal não se remediaria, em parte, aumentando o castigo dos toiros, por exemplo com mais um ou dois pares de bandarilhas do que é costume colocar-se? Cremos que sim, e com isso só lucraria a festa e, conseqüentemente, o público.

POR QUE NÃO EXPERIMENTAR ?



Portugal conta, felizmente, com um novilheiro cujos méritos, ninguém de boa fé pode pôr em dúvida, tanto mais que já se apresentou em Espanha, competindo de igual para igual com dois toureiros de reconhecido valor. Este ano volta ao país vizinho, desta vez para tourear em Madrid.

Embora ninguém seja profeta na sua

terra, parece-nos dever de todo o bom aficionado animar este rapaz que já deu boas provas e julgamos que o interesse de bilheteira não diminuiria pela sua inclusão nos cartazes, com a categoria que na realidade tem. E já que entre nós se encontra um novilheiro mexicano de razoável valor, por que não proporcionar o encontro de ambos? Um «mano-a-mano» Rangel — Augusto Gomes tinha motivos de interesse; por que o não experimentam as empresas?

UM SONHO



António Rangel, o excelente novilheiro mexicano, tendo ido tourear um dia a uma corrida de «feria» num dos Estados do seu país, deparou

com toiros de tão poucas qualidades que se limitou a fazer o indispensável para os despachar «si pena ni gloria».

Ao sair da praça, porém, dirige-se-lhe um aficionado que, abraçando-o com entusiasmo, o felicita pelas «faenas» executadas, que classificava de magníficas.

Rangel ficou naturalmente surpreendido e, julgando que o estavam apoucando, vai para responder quando alguém do lado o adverte:

— Cala-te, homem! Este aficionado bebeu de mais durante o almôço e tóda a corrida esteve a dormir. Sonhou que te viria fazer as mais extraordinárias «faenas» e por isso te felicita...

## Os cães e os donos

**C**OMO há-de ser isso da ração de pão para os cães?

A pergunta não é nossa. Já foi posta em público e parece que aflige, ainda assim, avultado número de pessoas, o que, de um modo ou de outro, dá bem a medida do carácter paizante e angustioso que se atribue ao problema.

Na verdade, não terem os cães que comer — é caso para altas preocupações. E isto por tudo: porque os cães são docéis, amáveis, prestimosos, domésticos — e compreensivos, isto passando, como se sabe, pelos cães de mil feitios e de mil e quinhentas raças, os de pélo curto e os lançados, os perdigueiros e os serras, os de orelha murcha e os de orelhas arrebitadas, os pernaltas e os anões, os cães de trazer ao colo e os cães de rebanho. E todos têm direito à sua vida, ao menos por intermédio das suas sôpas. De modo que, efectivamente, teria de considerar-se como autêntica e lamentável falta, condenável dentro dos mais rudimentares princípios de simples humanidade, o facto de não se garantir, aos pobres cães, tão amigos do homem, o pão indispensável à sua subsistência diária. Onde estariam, nesse caso, os nossos sentimentos? Por onde andariam, desse modo, as nossas concepções? Para onde caminhariam, afinal, os supremos instintos e conceitos da nossa espécie superior se deixássemos morrer os pobres cães, não diremos já à mingua fôsse do que fôsse, mas, ao menos, à mingua de sôpas?

A Sociedade Protectora dos Animais teria pretexto e razão dobrada para convocar uma assembléa geral. Talvez que nem os seus salões habituais chegassem para isso. Mas não fazia mal: pedta-se emprestado o Coliseu, para que pudessem ter ali os seus Estados Gerais todos quantos, mesmo sem pagar quota à Protectora, se sentissem, nesse irremediável instante, tocados do supremo e sagrado ímpeto de revolta contra o mundo desorganizado e egoísta, que pensasse em tudo — em fazer circular automotoras a 200 quilómetros por hora, em fazer voar avlões-foguetes a 700 quilómetros ou mais, em fazer vomitar projecteis de tonelada por canhões de bordo a 30 quilómetros, em despejar lá de cima bombas de arrazar quartelões — e só se esquecesse, indecorosamente, de garantir aos cães o seu estimável prato de sôpas.

O cão tem, na verdade, nos tempos decorrentes, uma alta função socialidade. Sem esquecer os cães de guerra, que se desempenham de arduas missões próprias dos mais ardilhosos soldados, há os cães-polícias, os cães de ir à caça, os cães de companhia e os cães de ternura. E ver, por aí fora, quantos cuidados provocam, da parte de bondosos criaturas, alguns esquisitíssimos canídeos, com lacinhos e poupa, exemplares raríssimos, porventura ignorados de Lineu mas dignos da admiração e do carinho de respeitabilíssimas senhoras que não têm mais a quem consagrar os seus afectos porque se esqueceram, afinal de contas, de que a natureza as fez para mães de filhos e não para mães de cães. Mas o instinto maternal precisa de se exercer — e o cão tem, ainda assim, o precioso e meritório efeito de tubo de escape e segurança dêsse seu respeitabilíssimo e irrevogável instintos. Está claro que, mesmo para as que não têm filhos, haveria o recurso dos filhos que não têm mãe — mas nem tódas as idéias podem ocorrer a tempo e o cãozinho gracioso, ligeiro, atarracado, disforme, de olhos de carneiro-mal-morto pode muito bem suprir essa falta. Só há, por isso, que entoar um hino de louvores. Só há, pois, que nos regozijarmos, pela certeza, que todos podemos ganhar, de que não estão definitivamente perdidos, nesta pobre humanidade a que pertencemos e a que, às vezes, com tanta injustiça, nos apeete chamar egoísta e enlouquecida, os melhores e mais dignos sentimentos de caridade pela espécie.

Por isso, o problema da ração de pão para os cães é um problema capital, de uma urgência e de uma inadabilidade incontrovertidas. Pela nossa parte, associamo-nos aos justos clamores que se têm levantado e que já encontraram oportuno eco em letra de jornal, porque a Imprensa é a sagrada defensora das causas justas e dos humildes. Votamos, pois, entusiasticamente, pelo pão para os cães!

...Mas antes disso que se não esqueçam de garantir o pão — mesmo àquelles pobres-diabos que passam a vida intelra a trabalhar e que nem sequer se chegam a lembrar de que podem ser donos de cães...

JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS



## FALA-SE ESTA SEMANA

JOÃO DE BARROS



*É já uma frase feita mas nem por isso perde o seu sentido verdadeiro a expressão: «nos fracos mais pequenos, é que se guarda a essência mais fina...». Nada mais verdadeiro nem mais aplicável a propósito do último livro de João de Barros, lançado a público recentemente: «Canto de Prometeu» é a essência de uma alma e a expressão moral de um indivíduo, um condensado magnífico, intencional e eloquente — a poesia no seu mais alto significado humano, com junções sociais. «Canto de Prometeu» — uma legenda da espiritualidade e da inteligência do seu autor e uma homenagem a tudo que no homem e nas nações constitue o melhor sentido de independência moral — ficará como uma das melhores e mais nobres manifestações poéticas de João de Barros, poeta e pensador do nosso tempo — amigo e colaborador desta revista.*

MARIA DA CONCEIÇÃO MAGALHÃES



*É uma interessante coleção de contos búlgaros, esta que a nossa prezada colaboradora, D. Maria da Conceição Magalhães, acaba de publicar, numa correcta tradução. Escolhidos com um sentido de verdadeiro interesse entre as modernas produções da literatura búlgara, todos os contos põdem pela sugestão dos assuntos, pois, não há dúvida, em todos é o opulenta a originalidade dos autores, não obstante muitos dêles irem buscar assuntos de uma surpreendente simplicidade. Por tudo isso, «Contos búlgaros» vão de certo constituir um êxito que, aliás, é merecido*

EDGAR MARQUES



*Pode dizer-se que Edgar Marques se encontrou agora neste seu último livro. Depois de algumas procuras, em romances que, aliás, alcançaram a boa opinião do público e da crítica, Edgar Marques dá-nos agora «A marca do Diabo», um livro cheio de análise, dissecação de almas e profunda observação da vida. No seu último romance — todos o disseram — Edgar Marques atinge um bom, um excelente lugar, entre os modernos romancistas portugueses. Estamos certos de que o público já a estas horas lhe demonstrou este mesmo parecer...*

*A Ordem dos Advogados fez advogado em Portugal o sr. embaixador do Brasil — de há muito, ou desde sempre, advogado de portugueses, na amizade de brasileiros. A sessão em que foi entregue o diploma de honra ao sr. dr. Neves da Fontoura teve um brilho e um significado excepcionais e foi presidida pelo sr. dr. Acácio Furtado, bastonário da Ordem, que se pôz a ler o seu importante discurso.*

## Apêlo à terra e ao homem

NAUGUROU-SE recentemente e esteve patente até há dias, uma exposição de ovinos, organizada por entidades portuguesas e espanholas e com o concurso de inúmeros países. A nossa terra mostrou, pela informação da Associação Central da Agricultura Portuguesa, quanto podemos e valemos, em matéria de produção de gado fornecedor de carnes, leites e lãs. Numa hora em que o país ainda se interroga num até quando durará a vida anormal criada pela guerra, esta lição veio demonstrar que os portugueses não estão tão desprevidos. Temos organismos coordenadores e seleccionadores de raças, temos a indústria particular disposta a vencer dificuldades, a atacar um problema sério da nossa pecuária. Fêz-se um apêlo ao homem e à terra, mostrou-se-lhes a necessidade de contribuir cada vez mais e hoje mais do que nunca para que nos bastemos a nós próprios — e pode dizer-se que, nesse campo, está a dar o melhor resultado a campanha do Estado. A terra desentranha-se em frutos pelo braço forte do homem, e o homem dá à terra todo o magnífico potencial da sua energia, todo o magnífico exemplo da compenetração do seu dever a cumprir.

Será tudo, já hoje, o que nos basta?

Certamente que não. Foi o próprio organismo ordenador desta magnífica exposição que veio dar-nos conta do que se tem feito e aquilo que há muito não se fazia em Portugal, país de largas tradições ovinas, desviado ou esquecido de dar ao mundo as lãs, o leite, o queijo que podia produzir em grande escala e de primeira qualidade.

Em boa verdade, se a Associação Central de Agricultura não viesse divulgar os tão excelentes resultados das suas operações, o país ignoraria que dispomos de uma equipa estudiosa do problema. Parece, portanto, que tudo deve considerar-se dito e exposto. Da nossa parte, indiscutivelmente, nada temos a acrescentar — a não ser o aplauso ao trabalho para reintegração de uma indústria nacional e tradicional, no verdadeiro caminho do seu progresso.

Mais braços, mais amor à terra e a tudo o que dela vem e provém, háo-de ajudar-nos a vencer a crise de momento. Todos por um e um por todos — não seremos poucos nem fracos.

# Santos Mendes

realizador de cinema  
ou talvez não...



SÃO cinco horas da tarde, dum tarde esplendorosa de luz deste magnífico mês de Maio. Estamos nos escritórios de «Atlante Filmes», firma que tem a seu cargo a produção de um novo filme português, cujo nome — podemos já dizê-lo — é «A Noiva do Brasil».

Diante de nós, sentado à sua banca de trabalho, o sócio-gerente daquela firma, Vítor dos Santos Mendes, que vai dirigilo. Elemento de valor, o seu passado de jornalista cinematográfico, de empresário e de técnico de cinema é, seguramente, garantia do futuro brilhante dum carreira que inicia agora como realizador.

Foi como tal que o quiseamos ouvir. E Santos Mendes quem marca o início desta conversa amigável, estendendo-nos a cigarreira, onde dezoito ou vinte «cigarros «Únic», nesta hora de dificuldades para os fumadores, pareciam sorrir-nos e falar-nos ao mesmo tempo, dum sonho das mil e uma noites. Estranhámos a abundância de cigarros e o silêncio à volta do filme que vai realizar.

— Sim, de facto tem-se feito silêncio à volta desta nova produção. Por pouco, não iniciávamos as filmagens com ausência total de propaganda, até mesmo daquela que brota espontânea nos «mentideros»...

— Naturalmente, não acredita na publicidade...

— Não é nada disso. Mas, de há um tempo a esta parte, os jornais têm, muitas vezes, servido de isco para cérebros anunciadores procurarem capital... De modo que para evitar confusões de «bem-intencionados», tanto eu, como os meus colaboradores, temos guardado sigilo, até mesmo para evitar que se me atribuissem propósitos de publicidade pessoal. Ao público, interessa-lhe o filme e os intérpretes. O director raramente conta.

— Mas V. vai ser o realizador da «Noiva do Brasil» — atalhámos, na esperança de o levarmos a falar de si e dos seus projectos.

— Perdão, serei apenas director. Nunca pensei em dirigir «A Noiva do Brasil», pela simples razão de nunca ter pensado em dirigir filmes. Por mais de uma vez me quiseram «arrastar» para tal. Recusei sempre e apresentei motivos; nem sequer me demoveram confrontos apresentados,

porque cada um, já dizia o velho Calino: «sabe as linhas com que se cose»...

— E sorrindo:  
— Não vá julgar que me quero dar ares de pessoa superior que se faz rogada. Quero apenas não desmerecer da confiança que em mim depositaram, entregando-me, não só o cargo de director dum filme, mas também os capitais necessários à sua produção.

— E onde se farão as filmagens?

— Nas «Seleções Impérios». E, já agora, deixe-me abrir um parêntesis para «suavizar» um pouco as «cabras e lagartos» que por aí correm a respeito das «Seleções». Sem procuração para o fazer, lembro que construíram, pela primeira vez em Portugal, e com operários portugueses, material dum laboratório automático, equipamento de estúdio de gravação e de iluminação de estúdios, e que fizeram ultimamente uma série de filmes curtos que não deshonram a indústria.

— E portanto com material já experimentado e afinado que será feita «A Noiva do Brasil»?

— Absolutamente. O director de som será o técnico catalão Ramon Ubeda a quem se deve a parte técnica daquela firma.

— E quanto aos intérpretes?

— Conto com alguns elementos do nosso teatro e cinema, cujos nomes é ainda cedo para revelar. Pode, no entanto, dizer que o principal papel feminino será desempenhado por uma estreante, Patrícia Lancaster, pseudónimo de uma interessante e inteligente figura da nossa sociedade.

— Já prestou provas?

— Deposito enorme confiança no valor e aptidões cinematográficas de Patrícia; e, se assim não fosse, nunca teria lembrado o seu nome, porque o papel, ou melhor os papéis — pois interpreta duas personagens diversas — podem considerar-se uma prova de exame, em que, estou certo, passará com distinção.

— Estava quasi esgotado o questionário. Faltava só perguntar que género de produção Santos Mendes ia — vá lá, façamos-lhe a vontade!...

— dirigir.

— Já de pé, informa-nos:  
— Trata-se de uma comédia de fio policial, com emoção e ternura, por onde passará alguma coisa do nosso «folclore».

— E de quem é o argumento?

— É meu mas, na parte literária, tive a directa e feliz colaboração de Fonseca Mendes — que não é meu parente, mas um camarada e amigo de há muitos anos...

Já passava das seis horas. No cinzeiro, morria feito nada o único dos «Únic» que Santos Mendes nos oferecera. Restava agora a cinza do cigarro — e o apontamento para a entrevista...



Realizou-se o habitual pedtório e venda de emblemas, a favor da A. N. T. Durante dois ou três dias, Lisboa teve as suas ruas cheias de raparigas bonitas como estas desta foto, que, chegando-se aos que passavam, pediam licença para colocar aquela borboletazinha simbólica na lapela dos casacos. Infelizmente, o tempo há-de ter prejudicado muito a missão dos que queriam dar e daqueles que pediam para os muitos que, sem recursos, se vêm minados por doença que não perdão.

# NOTAS RÁPIDAS



Durante o banquete que reuniu mais de 1.300 oficiais do exército, e que serviu de fecho às comemorações do «28 de Maio», o sr. Presidente do Conselho fez notáveis afirmações, devendo colocar-se em grande plano o discurso do sr. sub-secretário de Estado da Guerra, e em que os moldes da política interna foram mais uma vez afirmados. Damos um aspecto da mesa da presidência ao banquete.



Recentemente, o governo português agradeceu o sr. José de Erice, cônsul de Espanha no Pôrto, com a Ordem de S. Tiago da Espada. As insígnias foram-lhe entregues numa luzida sessão, a que compareceram todas as autoridades civis e militares da capital do norte. Na foto, vê-se o homenageado, à direita, com o colar ao pescoço.



Há dias, a «M. P.» esteve em festa: a Comissário Nacional da Mocidade ofereceu àquêle grupo de rapazes um magnífico barco de recreio de que foi madrinha a esposa do sr. comandante Soares de Oliveira. Na foto, vemos um aspecto da cerimónia que teve alegria e simplicidade.



Os alunos do Colégio Militar, que terminaram o curso em 1844, reuniram-se, há dias, numa simpática festa de confraternização. Evocaram os companheiros mortos numa cerimónia religiosa e foram depois cumprimentar os professores e alunos actuais daquêle estabelecimento de ensino, onde foram recebidos pelo sr. coronel Manuel de Carvalho, seu director. Almoçaram velhos e novos, trocaram discursos expressivos actuais professores e antigos alunos, e fizeram-se algumas fotos, como esta que encima a presente legenda.



PROBLEMA N.º 2

## Mataram uma mulher

Teve o melhor acolhimento da parte dos leitores esta nossa série de problemas policiais. Eles enviaram-nos as suas respostas, em grande número, e estamos a seleccioná-las. Podemos, porém, dizer desde já que poucos acertaram e que, portanto, poucos irão para o quadro de mérito. Mas estamos certos, os bons «detectives» irão aparecendo, com o decorrer do tempo. E agora examinemos o problema n.º 2 — «Mataram uma mulher!» — cuja solução pode ser enviada até ao dia 15 de Junho, nas condições expressas no nosso número anterior.



**1** QUANDO descobriram o cadáver de Fern Devore na pequena clareira do bosque, perto da casa em que ela vivia com George Todd e Ed. Miller, a polícia prendeu imediatamente os dois homens. Havia já algum tempo que se suspeitava das actividades duvidosas dos três companheiros. Presumia-se que pertenciam a uma quadrilha de «gangsters» e que utilizavam a casa do bosque como refúgio seguro. Uma coisa saltou logo à vista dum dos detectives, na ocasião em que o cadáver foi descoberto. Os caracóis de Fern tinham vestígios de lama. E ele acentuou: «Há duas semanas que não chove por aqui. Como é isto possível?». Então o outro deu a sua opinião: «Na enseada de Ottor, a água está agora bastante baixa. Quem sabe se não haverá uma ligação entre os dois locais, neste crime?».



**2** A enseada de Ottor, encontraram-se de facto duas espécies de pegadas e sinais de luta. Mandaram-se buscar vários pares de sapatos de Fern e um dos pares, servia, precisamente às pegadas mais pequenas. Por sua vez as botas de Todd, o homem da blusa às riscas, ajustavam-se às pegadas maiores. A primeira acusação recaiu sobre Todd. «Você matou-a aqui e transportou depois o corpo para o bosque! Não é verdade?».

Miller olhou o companheiro: «Bem me queria parecer que este «passarão» planeava algum sarilho... A pequena não queria sair com ele. Foi preciso levá-la, qual a força». O detective-chefe perguntou-lhe: «E você, que fez hoje?». Miller respondeu calmo: «Estive em casa. Não sei durante todo o dia!». Foi então a vez de George Todd confessar: «Sim, Fern e eu estivemos aqui. Quis beijá-la e ela resistiu. Mas juro que não a matei! Deixei-a aqui e fui à cidade. Tenho testemunhas disso». O Inspector-chefe dirigiu-se ao ajudante e apontou um dos homens presos. «Ponha as algemas àquela. E o assassino... E a rapariga não foi morta nem na enseada nem no bosque».

Qual deles foi o assassino? Onde se deu o crime? Qual a dedução do Inspector-chefe?

LEIA A SOLUÇÃO NO PRÓXIMO NÚMERO

CRIMES CÉLEBRES

## O mistério da sala azul

**A**S vezes, pode descobrir-se o criminoso por um simples «truc» — disse o Inspector Shalt para os seus amigos. Lembra-se de «O mistério da sala azul»? Foi eu que tratei disso. E tudo se resolveu com um simples artimanha...

E, devagar, chupando o seu inseparável charuto sem fumo, Shalt contou o caso da Sala Azul...

\* \* \*

Numa bela tardinha de outono, fôra chamado, apressadamente, pelo sub-chefe Wile.

— Eh, Shalt, um crime misterioso... Encarregue-se disso... Foi no 425 de Brooklyn, zona central.

Dai a pouco, Shalt chegou ao local do crime e informaram-no do que se passara. Stauford, um jovem empregado bancário, telefonara à polícia, dizendo que ao regressar a casa, nessa tarde, encontrara o cadáver de Philip Burner, seu colega de Banco e companheiro de quarto.

A casa compunha-se de duas divições: um quarto e uma saleta toda forrada de azul. O cadáver de Philip Burner estava na sala azul, recitado num «maple» ainda tinto de sangue. A autópsia revelou que Burner fôra morto com dois tiros de revólver e que se encontrava em estado de embriaguês, quando fôra assassinado.

Shalt começou as suas investigações. A arma homicida desaparecera. Stauford estivera até meio da tarde com o colega, em casa. A porteira outra-os discutir acaloradamente. Stauford confessou que isso fôra verdade, que tinham discutido sobre a conduta de Burner, quasi sempre embriaguado e com fôlha de mau comportamento no Banco. Depois, como Burner teimasse em beber mais, Stauford deixára-o, telefonara a James Vill, outro colega bancário, para vir aconselhar Burner e fôra meter-se numa «matinée», donde saíra apenas por dez minutos para ir tomar um refresco, de frente.

As declarações de Stauford confirmaram-se. No cinema e na loja de gelados lembravam-se dele. Shalt tomou nota do filme: «Uma mulher perigosa» e do seu entrecho.

De seguida, empregou a sua melhor atenção sobre a figura de James Vill. Era um rapaz magrinho, olheirento. Quasi a gaguejar, disse que de facto batera à porta de Burner mas sem resultado. Ele acedera ao pedido de Stauford, porque era católico praticante e queria desviar a alma de Burner do mau caminho.

Shalt viu-se um pouco embaraçado dentro desse labirinto que representava o mistério da sala azul. Mandou prender como suspeitos Stauford e Vill, apesar dos protestos enérgicos de ambos. E informou-se no Banco da situação dos três empregados.

Até que um dia chegou à esquadra e mandou chamar Stauford e Vill, dizendo ao primeiro:

— Preciso de saber uma coisa: em que altura voltou para o cinema?

Stauford pensou antes de responder.

— Pouco depois do intervalo!

Mas gentilmente Shalt procurou ajudá-lo:

— Teria sido na altura em que a rapariga parte de avião... aí a meio da segunda parte, não?

Stauford confirmou.

— Sim... Foi antes disso, precisamente!

Então, Shalt apontou-o aos polícias:

— Desmascarou-se! Foi ele o assassino... No filme, a rapariga nunca fôge de avião!

E Stauford nem se atreveu a negar. Confessou tudo: ele e Burner eram sócios. Aproveitando-se das distrações de Burner, roubava-o, mas o outro dera por isso. Dai, a discussão. Nessa tarde deixára-o embriaguado, fôra ao cinema, viera para matar o companheiro adormecido e regressara ao cinema de novo. Além disso telefonara a Vill, com quem não simpatizava, para fazer recair as suspeitas sobre ele.

\* \* \*

— Como vêm, bastou um simples «truc»! — afirmou o Inspector Shalt. — Os criminosos ligam pouca importância a certos pormenores...

### BOA FOTOGRAFIA!

NO estrangeiro, os «reporters» fotográficos — sobretudo os que estão em contacto com a polícia — passam os dias e as noites em busca de assuntos inéditos e sensacionais que possam satisfazer a sófrega curiosidade do público. E, assim, por vezes eles conseguem instantâneos magníficos de oportunismo e de interesse. Eis, por exemplo, esta fotografia. Tem uma história sugestiva. Um conhecido laráprio assaltou um estabelecimento, numa das ruas principais de Brooklyn. Por acaso, um porteiro viu-o e foi dar parte à po-



licia. Um fotógrafo que estava presente aproveitou imediatamente a ocasião e correu. Conseguiu fotografar o assaltante no próprio momen-

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1

Foi esta a dedução do Inspector Cobb para descobrir a assassino de Pryor:

«Em princípio, a posição da arma e do cadáver são compatíveis com o suicídio de Pryor. Mas se a lancharia do gasolina se encontrava pela manhã junto ao cais, isso queria dizer que alguém se utilizara dela depois de Pryor ter ido para o «yatch». Devia, portanto, haver um assassino. Por outro lado, se era verdade a afirmação de Inês, quando dizia que perdera o ramo de flores, antes da despedida de Pryor — Byron mentira ao afirmar que perdera a boquiilha na mesma altura. Byron fumava, na ocasião em que Pryor se afastara para o «yatch» — e fumava com a sua boquiilha (foto 1). Acusado do assassinio, Byron confessou a verdade: telefonara a Pryor, dizendo que deixara a carteira a bordo. O outro veio buscá-lo, para ele procurar a carteira. Então, Byron, ciumento e exaltado, matara Pryor com um tiro de revólver. Arranjara tudo habilmente, para usar a uera dum suicídio — mas esquecera-se da boquiilha...

to em que saía pela montra do estabelecimento, à ordem das autoridades. E o que se pode chamar uma boa fotografia!

UMA FIGURA DE LISBOA QUE DESAPARECE

# Evaristo, o velho criado dos "Anarquistas," deixou de servir à mesa...

Uma entrevista onde se fala de tudo: um desastre de "eléctrico", os dias no "Caldo-verde", a freguesia de "Londres", a delicia de sr. Dr. Júlio Dantas, os almoços de António José de Almeida e a tertúlia de Brito Camacho.



**S**EMPRE a sorrir, afável e pronto ao primeiro chamamento do freguês, Evaristo goza do privilégio de ter servido uma geração de homens notáveis. Meia-Lisboa artística e boémia o conhece — e o considera como um dos melhores criados de mesa. E da Galiza, para além da nossa fronteira do Minho, e ainda hoje, com mais de meio século de vida portuguesa, o seu sotaque de galego se faz notar. Ele, também não esconde. Cada um não renega a sua terra — tem até, fora dela, um certo orgulho em mostrar que *não é de cá...*

Pois o velho Evaristo está com os setenta anos à porta — e abandona a sua actividade. Porque esteja cansado? Nada disso. — Os patrões bem me queriam — mas não posso — diz-nos, a sorrir.

— Tenho saúde de ferro, nunca conheci uma dor de cabeça, gosto disto, mas que quere o sr.? Já é tempo de largar o serviço... Vou para a minha terra. Tenho lá família, filhos, e qualquer cousita. Quero acabar junto deles os meus dias.

— Lembra-se dos primeiros fregueses que serviu?

Evaristo, põe a mão no ar — como a dizer: está pronto, é um instantinho! — velho estribilho que repete aos fregueses — e começa assim:

— Eu fui tudo. Estive num colégio — e fui da Carris.

— Da Carris?

— Sim, sr. fui condutor. Ao principio dos eléctricos. Um dia vinha num carro atrelado. Ia a cobrar um bilhete a um passageiro quando o carro da frente, estacando, repentinamente, me cuspiu à distância. Fiquei como morto, estatelado na rua. Meteram-me no carro — isto foi na rua do Terreiro do Trigo — e, quando se chegou ao Terreiro do Paço fui, dentro dum trém, levado ao Hospital. Ia todo ferido. O médico de serviço deu-me umas cousas a cheirar. Reanimou-me e ficou espantado com a minha robustez. Pois, apesar de cheio de dôres e agrafes, fui a Santo Amaro fazer as contas. Diz-me o homem da bilheteira: «faltam 25 tostões!». Eram umas notas que havia pequeninas. — «Não pode ser, disse eu. — «Devem faltar dez réis!» O homem, irritado, deu-me a mala. Eu metia as notas no cantinho, quasi no fórrro do cabedal. Revistei e encontréi... — «Quanto aos dez réis — estão aqui!» — e tirei-os da algibeira do coltê.

E Evaristo explica:

— Sabe, era o dinheiro que o passageiro me devia ter dado do bilhete que cortei mas não cheguei a receber, porque fui nessa altura cuspidor! — Deixei a Companhia — e fiz-me então criado de mesa. Estive no «Salão Londres», no Cais do Sodré! Foi a primeira casa. Muitos marítimos, gente embarcada e estrangeiros. Os jantares eram sempre regados com cerveja. Um Inglês corpulento, com uns ombros fortíssimos que era imediato dum paquete, bebia, durante o jantar, dois litros e meio de cerveja... e em cima costumava pedir um «cálce». Eu já o entendia. O «cálce» era uma caneca das grandes! Custava então, um bom

jantar 7 tostões! Canja, fritura de miolos, peixe grelhado, vinho à discrição, pão e o que se quisesse, um fruteiro variado, pudim e espumante, café e bagaço!

— E a gorgeta?

— A gorgeta era satisfatória. Havia fregueses que deixavam ficar três tostões por um jantar de sete — isto é, quasi cinqüenta por cento!

— Criado do «Londres»?

O velho Evaristo faz uma pausa. Passa os dedos pelos cabelos brancos que já se vão tornando raros, e retoma, com a voz um pouco trémula da saudade:

— Foi para o «Caldo Verde». Um «restaurant», género casa de pasto Boa caldeirada de sardinhas, sarda — e o polvo, que era uma especialidade da casa. Caía lá o poder do mundo. De noite, gente boémia. Actrizes de fama — e pintores, fidalgos e cavaleiros, tudo comendo, em cima do pão as belas sardinhas da costa, assadas sobre brasas. Havia, volta e meia, fados e desgarradas. O caldo-verde, claro, era, para rebater. Muito boas ceias lá servi... Donde, porém, mais saudades tenho é do «Madridi» Era um «restaurant» chic, em pleno Chiado. Servia-se muito bem. Olhe, parece que ainda estou a ver o Dr. António José de Almeida, entrando a porta, com os livros de baixo do braço, sorrindo, e pedindo o seu almoço muito simples: uma posta de pescada. Os srs. Artur Brandão e Teixeira de Sousa eram, também, fregueses. Mas o dr. António José de Almeida, êsse conversava muito — e atendi um rôr de gente.

O velho Evaristo anima-se. Recorda depois a sua estadia no «Petit-Sulço» e no «Tavares Pobre».

— Af — diz a rir — a freguesia era imensa. O género de almoços económicos atraía toda a gente. Enquanto nos outros lados custava um jantar 7 tostões, no Tavares Pobre apanhava-se uma indigestão por 450 réis. E julga que era assim alguma cousa a passar?...

E o Evaristo, com certa graça, faz o gesto, pondo as duas mãos desviadas um palmo da barriga.

— Era de estoirar! Um prato de corvina com batatas e feijão verde, regado com bom azeite; depois, vinha cabeça de vitela, uma travessa a transbordar, meia garrafa de vinho, pão o que quisesse, fruta e café... Não tínhamos tempo a perder. Nunca havia uma mesa vaga. Trabalhava-se imenso.

— Mas af a gorgeta não devia ser muito larga...

— Eram mais pequenas — dava uma cousa para as outras. Da generosidade dos portugueses, acredite sinceramente, que nunca me esquecerei. Olhe que assisti a muitos almoços de rapazes estudantes, destes que fazem a vida com certa dificuldade: pois escolhiam os pratos mais baratinhos, na lista — ...e nunca deixavam de dar gorgeta.

O velho criado fica um momento pensativo. A sua vida recuou quarenta anos. É uma romagem ao passado, por esta cidade onde as pilecas, as tipóias, falscavam sobre a calçada. Lembra-se depois do «Olimpia-Clube». Também aí esteve. Ele e

mais 4 criados atendia o grande salão. Juntavam-se aí elementos das várias cores políticas. Recordo Luz de Almeida, com o grande laçarote, que falava na sua mesa, diante duma corte de admiradores. Custava, nesse tempo uma arrôba de bacalhau, do alto, suco, 27 tostões!

E, depois de pensar um pouco:

— No café Chiado, onde estive, conheci — e Evaristo faz uma vénia profunda — o Dr. Júlio Dantas!

— Era sócio do café! Muito deleitado. D. Vicente Armoso aparecia também. A tertúlia de Brito Camacho deliciava-me — eu ria-me só de os ver tão bem dispostos! Ah! mas de quem eu também gostava era do sr. Gualdino Gomes, da Biblioteca, que o vulgo denominou de «Anarquistas»... Os patrões, muito amigos e da mesma terra trataram-me sempre bem! Por aqui fiquei — e daqui, com muita mágoa me vou embora!

— Porque chamam «Anarquistas» a um restaurante que tem um aspecto tão conservador?

— Quando foi da morte do rei, os patrões ainda tiveram que ir à polícia. «A Ilustração» publicou a fotografia da casa, dizendo que ali se juntavam elementos avançados, e chamando por isso, ao restaurante «O café dos anarquistas».

Realmente, o Buça e Costa, da maganaria, apareciam frequentemente. França Borges, o José do Vale e o Pade Zé, que era do «Mundo», estavam sempre para o cavaqueio. De modo que a polícia quis saber se êles aqui falavam de política. A «Brasileira» também era, nessa altura, frequentada por elementos «suspeitos». Tudo passou — só o nome dos «Anarquistas» ficou ao restaurante, decorridos tantos anos. Aqui tenho servido uma geração. O sr. General

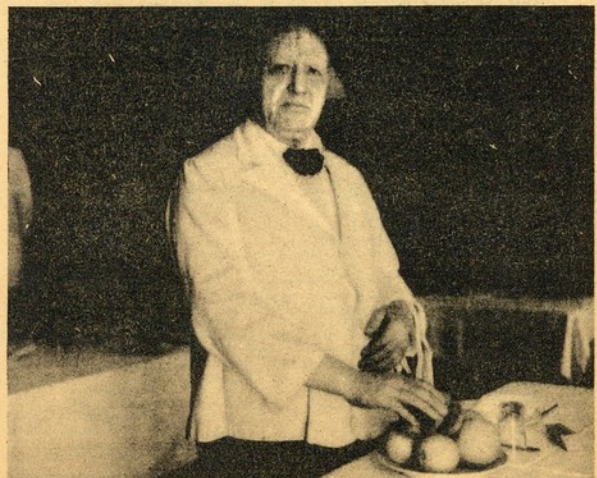
Norton de Matos, vinha aqui muitas vezes, e tive a honra de servir S. Ex.ª.

Evaristo recorda de repente:

— Olhe, a uma terça-feira, o sr. eng.ª Espregueira Mendes comeu nesta mesa — e apontou. Pois, na quinta, estava no poder, lá nos ministérios! O sr. Araújo Correia, que foi ministro e é administrador da Caixa, já o serviu! Podia lembrar-me duma infinidade de nomes. Jornalistas, actores, fidalgos — um mundo, que têm procurado esta casa e foram servidos por êste seu humilde criado. De todos levei saudades. Todos me estimaram e trataram com atenção. Para todos, também, tive sempre um sorriso, visto que a gente, na nossa missão não pode nem deve ter mais nada. Vou para a minha terra, no cancelho de Baltar, mas a minha vida vivia aqui. Quero estar junto da família — mas ainda me dá esta saudade de ter de deixar uma terra que já sentia ser minha... Mas que se há-de fazer? A vida corre, foge. Ontem, era um moço, hoje estou um velho, quasi com 70 anos! De Portugal levei saudades — e deixo duas lágrimas — as lágrimas dum velho, humilde criado, que durante quarenta anos aqui grangeou a sua vida, honradamente. E veja, senhor — diz-nos o velho Evaristo, emocionado — o sr. D. José Mesquita e o sr. Amaral, que é da «Caxa», quando souberam que me ia embora — por minha livre-vontade, claro — arranjaram uma subscrição entre os fregueses da casa, para eu levar uma lembrança! E já têm para cima dum conto de réis! Depois disto que quere que lhe diga mais?

— Mais nada, Evaristo, e obrigado! Que possa viver na Galiza outros 70 anos — lembrando-se de Portugal...

MANUEL MARTINHO



«Um humilde criado para o servir» — dizia o velho Evaristo...

# NOTAS RÁPIDAS



Como foi noticiado, a Sociedade de Produtos Lácteos — a Nestlé — promoveu, há tempos, um concurso pecuário, em Avanca, sob a orientação técnica da Direcção Geral dos Serviços Pecuários. Aqui vemos a mesa do júri e, passando, uma engrapada camponesa, que conduz um belo exemplar bovino.



A concorrência de gado leiteiro foi numerosa. A sombra das belas árvores, os concorrentes trocam impressões e aguardam a sua sorte. Qual será, na verdade, a decisão do júri?



O MELHOR  
*Baton*

**RAPIDE**  
CREME DE BARBEAR

SEM PINCEL  
E  
SEM SABÃO

## ALFREDO TRINDADE

(Continuação da pág. 21)

— Uma última pergunta, Alfredo: que te parece o estado actual do nosso ciclismo?...

O corredor de Valada esboça uma expressão de desânimo:

— Que é um estado de adormecimento em cima das bicicletas. Há por aí muitos técnicos que estão a asfaltar o ciclismo e os coiredores. Que os monopolizaram e os manejam a seu bel-talante. É pena. Porque há rapazes com habilidade e que viverão sem nunca saber o que podiam ter sido!

Damos razão ao extraordinário ciclista. E preguntamos: para quando, um outro Nicolau e um outro Trindade?...

## Um hipnotizador radiofónico

(Continuação da pág. 14)

De seguida, aproximou-se dos hipnotizados e obrigou-os a fazer essas coisas disparatadas que todos os hipnotizadores ordenam às suas vítimas.

«Se bem que a sessão não tenha sido radiodifundida, Slater demonstrou realmente que podia hipnotizar pessoas pela rádio; mas, além disto, nada mais fez...» escreve um dos jornalistas que assistiu à exibição. E acrescenta: «Quanto à maneira como tentona deshipnotizar a Alemanha, Slater não foi lá muito claro».

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

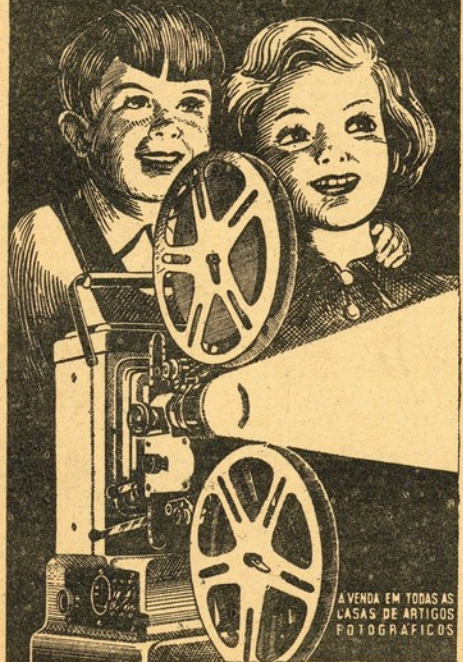


Outros modelos desde 300\$00

O CINEMA EM CASA COM UM PROJECTOR

# PAILLARD

CONSTITUI A ALEGRIA MAXIMA DA FAMILIA



AVENDA EM TODAS AS  
CASAS DE ARTIGOS  
FOTOGRAFICOS

Considerações

a propósito do possível reaparecimento de Alfredo Trindade

**D**IZIA-NOS alguém, há semanas atrás: «Você já reparou na falta de entusiasmo pelo ciclismo? Nota-se a ausência de umas notícias de sensação, que antigamente faziam delirar o público e vender loucamente os jornais. Não lhe parece?».

Não pudemos negar a evidência. Já tínhamos mesmo pensado no caso mais de uma vez. Foi ontem ainda e já apetece dizer: «bons tempos, os que andámos enovelados com consecutivas reportagens de ciclismo, — reportagens, na aceção larga da palavra, desde a descrição do mais pequeno pormenor, relacionado com as corridas, até ao desenrolar da prova, comentada tecnicamente e literariamente, passando por aquêles apontamentos tanto do agrado das massas, porque servem fielmente a sua psicologia: as entrevistas, as opiniões dos ciclistas, seus anseios, suas alegrias e tristezas.

O público vivia assim as competições a par e passo, como se nelas se encontrasse. Como grândola de toda esta ilusão, havia as mais belas e mais gráficas, descendo ligeiramente ao pormenor, à minudência.

Fêz-se assim uma época, que poderemos classificar de «áurea», criou-se um ambiente de constante dúvida, pressupondo interesse.

A imprensa, — toda ela — agitava os sectores desportivos, apresentando-lhes os nomes populares, — tantos feitos à sua custa, seja dito em homenagem à verdade, — quasi os tornando ídolos.

Porém, independentemente do auxílio prestado pela letra de forma, havia dois homens, que eram bem o expoente máximo do espírito de competição: Nicolau e Trindade!

Só estes dois chegavam para valorizar uma corrida. Mas como em redor deles gravitavam mais algumas dezenas de adversários, ávidos de os baterem, não para conseguir esse objectivo de despendir quanta capacidade física pudessem, resultava que as provas eram, de uma maneira geral, rendidamente disputadas, — e, como diz o adágio: «quem tinha unhas é que tocava guitarras!».

O afastamento dos dois ribatejanos, pela força do tempo que não perdía, as dificuldades ocasionadas pela anormalidade da situação internacional, abriram ao ciclismo português novos panoramas.

O calendário de provas passou a ficar em branco, quanto às «Volta dos Campeões», «Volta às Gafas», «Volta ao Cartaxo», «Circuito de Vila Moreira», «Circuito de Palmeira», «Giro do Minho» e tantas outras organizações particulares, inspiradas todas elas, na tão discutida como grandiosa «Volta a Portugal!»...

A quebra foi sensível, nítida. Não vem agora ao caso discutir se hoje se estará a andar mais, que no tempo de Trindade e Nicolau. Queremos apenas salientar, que por um conjunto de circunstâncias, o ciclismo



desperta incontestavelmente menos interesse. O jornalismo desportivo, em relação ao ciclismo, esfriou. Causa primordial. Os corredores não sentem estímulo. Vencem uma prova e quasi se não dá por isso. Também, talvez por essa razão, eles não demonstram «garra», não exibem a vontade, — exaltada anos e anos em letras gordas, — do Nicolau e do Trindade. São comodistas. Lutam somente a duzentos metros do fio de chegada. O sistema está a constituir regra, o que admite portanto excepções. O período actual é de racionalamento do esforço. Falassem nisso aos dois intransigentes campeões. Os seus temperamentos não compreendiam o que fosse uma prova tranquilizadora... Se os outros não pudessem, eles lá estavam para andar... E tantos «récorde» baquearam!

Hoje, vemos que há técnica a mais. Que a reportagem duma corrida se circunscreve quasi à análise do material empregado, das diferenças dos carrões, e da posição do tronco!... O lado emocional, que prende a atenção do público, pôs-se de parte. Os resultados estão à vista. Acreditamos que é assim. Porque o amigo que nos interpelou sobre o assunto, apaixonado da velocidade, acreditou também!

Noticiou-se algures, que Alfredo Trindade e José Marquês iam correr esta temporada, pelo Boavista, do Porto!

Recordámos a acção dos dois corredores, nos seus tempos. Surpreendemo-nos francamente, em ver os seus nomes outra vez na balla. E pusemo-nos em contacto com o homem de Valada.

— Então voltas a correr, Alfredo? O antigo campeão nacional, que numa célebre digressão ao Brasil não perdeu uma única prova, sorri com a maneira impetiva como entramos, aliás justificada por uma amizade de uma boa dúzia de anos:

— É certo que eu e o Marquês recebemos uma proposta para correr pelo Boavista. Não decidimos ainda.

O exemplo do Atlético

**N**AS Universidades devem ser recrutados os futuros atletas. Campo vasto para aliciar, nelas se moldarão os indivíduos que amanhã devem envergar as camisolas dos clubes de desporto.

Este principio ou esta doutrina — foi expresso por mais de um orador, no recente banquete de homenagem aos quinze jogadores do Atlético Clube de Portugal, vencedores do Campeonato de Lisboa de «rugby». Essa reunião constituiu uma excelente jornada de manifestação clubista e serviu esplendidamente para demonstrar a crescente popularidade do Atlético e a sua cada vez mais positiva força de agremiação que sabe o que quer.

Os jogadores campeões são todos estudantes de agronomia, vivendo paredes-meias com o campo da Tapadinha.

Não surpreende, pois, que tivessem escolhido o Atlético para o representar em bela modalidade que é o «rugby».

Quando em resposta ao presidente do Atlético, o director do Instituto Superior de Agronomia disse que não era o Atlético que devia agradecer aos seus jogadores-estudantes, mas sim estes a quem, houve, além da compreensiva expressão de fidalga gentileza, um fundo de autêntica verdade. Os jogadores deram esforço generoso. Foram aprimorados (nem um único mereceu qualquer reprimenda do organismo dirigente). Mas encontraram também no clube um ambiente entusiástico, de franco apoio, tanto da parte da direcção, como dos associados. A camisola do Atlético foi honrada por eles — e honrou-os!... Conjugaram-se os dois sentimentos da melhor maneira. E a resultante dessa harmonia tinha de ser vitoriosa e, sobretudo, frutificadora, como de resto se accentuou praticamente na interessantíssima festa de consagração.

O facto dos «rugbistas» serem estudantes, com base de cultura sólida e nódos de desportivismo, facilitou, sem dúvida, o trabalho mútuo. Representa, em nossa opinião, um exemplo a seguir e simultaneamente uma crónica. As colectividades deveriam escolher os seus representantes nos organismos educativos. Hoje, e amanhã ainda mais, as camadas novas, vêm orientadas na pedagogia. Preparados para enfrentar com melhor visão determinados problemas que se deparam na vida. Podem ser praticantes exemplares e no futuro dirigentes cónscios da sua responsabilidade — e revestidos de experiência própria.

Os jogadores de futebol de campo, de «rugby», recolhem a impressão, que pode muito bem ser uma certeza, de que as Escolas Superiores darão, proximamente, o maior contingente de atletas a todas as modalidades desportivas. Com beneficio para estas, e com honra para aquêles.

O Atlético de Portugal abriu também um convidativo e amplo precedente. É a primeira vez que, no nosso País, um núcleo de estudantes se acolhe sob a bandeira de um clube de desporto e marca posição de tanto relevo. Ainda bem. E tanto melhor, se para a temporada próxima, conforme se pensa, virmos a presença de mais estudantes de cursos superiores, representando o Atlético, — ou outras quaisquer colectividades!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Todavia, não era para irmos para a estrada...

— Só pista...

— Sim. As condições são boas. Mas há muitos problemas a resolver. Muitos e sérios...

— Por exemplo, cita um...

O pequeno-grande Alfredo, 38 primaveras em ótimo estado, acede:

— Quando eu voltei ao Sporting depois de ter estado no Belenenses, declarei que não queria ganhar nada. Prometeram-me então que me fariam uma festa de despedida, e para a qual eu contava com o José Maria Nicolau, que nessa reunião também diria adeus a toda a actividade. Fiz duas épocas, fiel ao meu compromisso. Simplemente, até agora, já mais se falou na festa. Mantêm-se as promessas, o que se me afigura pouco, a mim que sempre fui «leão»

dos pés à cabeça... De forma que necessito esclarecer o assunto.

— Agradava-te ir correr pelo Boavista?

— De uma coisa tenho a certeza: é que seria bem recebido. E até...

— Sim... E até...

— Se pensasse fazer lá a minha festa, seria a maneira de eu agradecer aos portugueses e cavalheirismo de que sempre me rodearam. Estou convencido de que a minha festa, no Porto encontraria o melhor ambiente.

— Sentes-te em condições de competir?

— Na pista ainda não acabei. Fisicamente, estou magnífico. Sei como se corre em pista; ela não tem segredos para mim. A estrada é que não voltarei.

(Continua na pág. 30)

Bodas de prata de um professor de ginástica

NO passado dia 1, faz hoje oito dias o professor Aníbal Ramos festejou vinte e cinco anos de actividade pedagógica.

Um quarto de século ao serviço de uma causa bela e nobre, sempre com a mesma devoção e o mesmo carinho.

Aníbal Ramos foi diplomado pela extinta Escola Superior de Educação Física (Sociedade de Geografia de Lisboa). Nomeado para o magistério primário da educação física, mantém-se na Escola Profissional D. Maria Pia, há precisamente 25 anos.

No Lisboa Ginásio Clube, há onze anos que é professor, sendo mesmo o decano do corpo docente daquele Instituto. É igualmente professor da F. N. A. T. desde a constituição das suas classes (1939-40).

Exerceu igual lugar na Associação dos Escoteiros de Portugal, de onde tem o curso do Campo-Escola Central de Escoteiros-Chefes; do Maria Pia Sport Clube, onde leccionou senhoras e homens; acompanha a Mocidade Portuguesa desde a primeira hora. Mas Aníbal Ramos desdobra-se. Ainda podemos ouvir a sua voz de comando na Companhia Industrial Portugal e Colónias (Beato), na Escola Nacional e na da Miss Brice's.

Como galardão justíssimo da sua alta competência Aníbal Ramos foi nomeado, por decreto, vogal-efectivo

da Comissão Orientadora da Educação Física da Assistência Pública. Felicitamos o distinto professor pelas suas Bodas de Prata — e fazemos votos para que não se canse no seu infatigável, mas ordenado labor, para bem de quantos têm a fortuna de ser seus alunos.



**AUTO-LUSITANIA**  
AV. DA LIBERDADE, 75-77-79

## Triste condenação!...



Está condenado ao guarda-  
napo quem não sabe que *tódas*  
*as nódoas se eliminam fáci-*  
*mente mediante o*

### CASULO Limpa-Fatos

célebre produto que só custa  
2\$00 mas suprime por completo  
*lustro, nódoas, mau cheiro e*  
*torna os fatos como novos*  
*e mais duráveis.*

Um composto notável de 6 sub-  
tâncias químicas inofensivas.

Em todas as dro-  
garias

REVENDA:

SCHROETER  
& ALMEIDA  
Rua da Madalena,  
128, 2.ª — LISBOA



## MARIA LALANDE

(Continuação da pág. 8)

— Pouco. Mas, sabe?, fiquei im-  
pressionadíssimo com o filme «Amor  
de Perdícios».

— Acha que há peças alemãs que  
possam ser representadas em Por-  
tugal?

— Muitas! Mas só devem ser pos-  
tas em cena aquelas que se baseiam  
e aspectos da vida humana e não  
em factos políticos.

— Projectos para breve?

— Fica um nadinho indeciso e res-  
ponde:

— Talvez... Penso apresentar uma  
boa comédia alemã ao público portu-  
guês.

Levanta-se. Estava terminada a  
entrevista. O repórter pede-lhe uma  
foto de «A ascensão de Joáquina»,  
como foi representada em Berlim...

Por detrás da cama onde a «Joá-  
quina» sonha estão três anjos corpul-  
entos.

Erwin Meyenbourg exclama:

— Parecem «boxeurs», não pare-  
cem?...

REPORTER UM

## O pessoal da Carris também sabe repre- sentar

(Continuação da pág. 9)

mesmo assim, Deus sabe quanto nos  
leva a Sociedade de Autores... Evi-  
dentemente que temos sempre de es-  
colher em harmonia com o nosso pe-  
queno elenco. Distribuem-se os pa-  
péis, mete-se o Paulino na caixa (um  
grande ponto, palavra de honra!) e  
começamos, durante noites e noites,  
a estudar as deixas, a marcar os ges-  
tos e a corrigir os defeitos que vão  
aparecendo.

Já nos tem acontecido coisas muito  
engraçadas. Quere ouvir?

— No «Erro Judicial» em determi-  
nada altura do segundo acto, há uma  
cena em que eu sou agredido e tenho  
de gritar por socorro, num grito de  
terror — como se a morte estivesse  
a dois passos de mim. Leu-se a peça,  
fêz-se a marcação e quando chegá-  
mos aos ensaios de *apuro*, desde logo  
procurei imprimir à representação o  
máximo de intensidade dramática.

«Socorro! Socorro!» gritei eu, com  
quanta força tinha nos pulmões. Ao  
mesmo tempo — veja o que são as  
coincidências... — tive a infelicidade  
de tropeçar numa cadeira: caí e, em-  
bora sem gravidade, fiquei a escor-  
rer sangue. Os meus companheiros,  
conforme podiam, trataram de me  
fazer tratamento, mas nesta altura  
entram-nos pela porta dentro, nada  
menos que dois polícias fardados. O  
que foi? o que não foi?... tinham  
sido os meus gritos de socorro, grita-  
dos com toda a alma, que haviam  
provocado aquela atitude zelosa do  
chefe da esquadra vizinha.

Bem nos desculpámos e justificá-  
mos, mas isso sim... Estava-se mes-  
mo a ver que ali tinha havido coisa.  
Para o confirmar bastava a minha  
cabeça a escorrer sangue.

Como não podia deixar de ser o  
Grupo Dramático foi, todo interli-  
nho, dar um passeio até à esquadra.  
Mas tudo acabou «em bem», como  
era natural; com fartas gargalhadas  
que inundaram de boa disposição as  
próprias autoridades. Em todo o caso  
empenhei a minha palavra de honra  
em como não voltaria a gritar por  
socorro, com aquêle vozeirão de  
mata-mouros.

\* \* \*

Fiquemos por aqui.

Se o leitor supõe que o «Grupo  
Dramático da Carris» não é capaz  
de atingir altos momentos de bom-  
gosto e de seguro sentido teatral  
desafiamo-lo a ir ver «As Duas Cau-  
sas». Marque bilhetes; ali não exis-  
tem contratadores parasitas nem bi-  
lheteiros deshonestos. Vá!

...E diga-nos depois se perdeu o  
seu tempo.

SILVA BASTOS



A legenda imortal do amor de D. Pedro e Dona Inês de Castro  
interpretada de uma maneira magistral por Francis

## BAILADOS VERDE-GAIO

E

## CONTACTO ESPIRITUAL

DUAS CRONICAS PORTUGUESAS  
NO NOTÁVEL NÚMERO DE

# SINAL

A MELHOR REVISTA DA  
ACTUALIDADE EUROPEIA

*Crónicas sensacionais: Reportagem ilustrada do bombardeamento de Montmartre — A. R. S. S. no Mediterrâneo — O homem que viu Staline — Panteão dos cérebros — Quando caem bombas — E as crónicas portuguesas «Bailados Verde Gaio» e «Contacto intelectual».*

BELAS FOTOGRAFIAS A CORES

A VENDA EM TODA A PARTE — ESC. 2\$00 ex.



O PETROLEO «PIVER»,  
tónico biológico para o  
cabelo, destrói radical-  
mente a caspa e faz  
cessar a queda do  
cabelo.

O PETROLEO «PIVER»,  
é mais uma sensacional  
criação de...

L.T. PIVER



BRILHANTINA FLUIDA  
«MONTEGIL»  
LUBRIFICANTE E ONDULANTE

Superior ás melhores  
A VENDA NAS BOAS CASAS



Casa José Costa ~ Rádio Luz

Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa

Tel. 24888

# OS NOSSOS INQUÉRITOS SEMANAIS

## 6.º INQUERITO: OS FILHOS NO LAR!... — Série A

**P**ROSSEGUEM com o habitual interesse estes nossos inquiridos, a que as nossas leitoras correspondem, enviando respostas curiosas. Lamentamos, contudo, que nesta série A, apenas cinco sejam as escolhidas.

Este inquirido, sendo interessantíssimo, é, sem dúvida, bastante suscetível de diferentes interpretações. Mas, de acordo com aquela que achei mais lógica, procurei responder segundo o meu critério:

Um casal não pode, ou antes, não deve escolher o número de filhos, mas sim aceitar com alegria aqueles que Deus lhes mandar. E quantos mais, melhor, para encherem de alegria o lar e de mocidade o nosso Portugal de amanhã.

O filho único é por vezes um peço — por si e pelos pais. Se lhe falta, ficam inconsoláveis pelo desgosto de se verem sós, sem um outro que lhes faça, em parte, esquecer o que Deus lhes tirou. E — por que não reconhecê-lo? — o filho único é em geral excessivamente amado, transformando-se, por vezes, desastrosamente, num pequeno tirano que, pela vida fora, será sempre incapaz de domar os seus instintos de autoridade e soberania.

E vós, mães cristãs que me lêdes, aceitai os filhos com que Deus abençoou o vosso lar e criai-os, criai muitos, que serão a esperança do nosso Portugal futuro».

### LIOLINA — Ovar

«Embora eu seja ainda solteira, julgo não existir parcela de maior valor para aumentar a felicidade dum casal, como seja — dar-lhe Deus um filho.

Várias pessoas declaram que um filho único traz mais responsabilidades — morais — para os pais, visto ser só para esse filho que se dirigem todas as atenções, todos os cuidados, mimos, carinhos, etc., e por conseguinte a máxima benevolência que afecta a educação da criança.

Tais casos, penso que só acontecem com os pais de carácter mal-formado e que não sabem ser bons juizes dos actos de seus filhos premiando-lhes os bons e castigando-os nos maus».

### LISBOETA REBELDE

«A primeira pergunta do inquirido ao problema dos filhos» é difícil responder acertadamente, porque é uma coisa que depende das possibilidades materiais e de condições físicas do casal. Havendo poses, acho que três filhos constituem um grupo encantador. Por isso mesmo, na minha opinião, os noivos só se deviam casar tendo a sua vida completamente

desafogada para poderem criar os seus filhinhos num ambiente calmo, de só alegria, sem as aflições da pobreza.

Não sou da opinião do filho único porque todas as crianças precisam de convivência íntima com outras da mesma idade e ainda porque gosto de ver um grupo de irmãos amigos, habituando-se a pensar uns nos outros, tendo completamente banido da sua educação o natural egoísmo que sempre têm todos os filhos únicos».

### MARIA ELISA

«Acho que nunca se pode nem deve estipular o número de filhos dum casal. Todos os que pensam em fundar um lar devem lembrar-se do fim primário do casamento — assegurar a continuidade da espécie humana — e, portanto, contentarem-se com o número de filhos que Deus lhes der.

Não posso de maneira nenhuma ser apologista do filho único, pois que geralmente são mal-educados, egoístas, mimalhões, etc.».

### MARIA PACÓVIA — Leiria

«Os filhos no lar são, de facto, um grande problema. Um casal sem filhos é qualquer coisa de triste, que mais tarde pode transformar a vida de dois entes que se julgaram bastar».

O filho único não é de modo alguma aconselhável. Transforma-se num ídolo para aqueles que o criaram e julga depois — para os indiferentes — poder continuar a ser um ídolo. Daí, uma desilusão forte e uma revolta que o pode tornar num intolerável!

Quanto ao número de filhos — é coisa que não devemos contar. Venham todos os que forem destinados a vir.

Mas, cuidado, pais tuberculosos ou alcoólicos, pais doentes de sangue ou na miséria! atrair filhos ao mundo para os tornar em monstrosinhos desgraçados — é um crime como qualquer outro!».

### UMA MULHER DE HOJE

#### 7.º INQUERITO COMO EDUCAR OS FILHOS?

— Qual acha preferível: a educação em casa ou na escola?

Porquê?

\* \* \*

As respostas a este inquirido devem ser enviadas num postal para «Página Feminina de Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa — até 13 de Junho.

# PAGINA FEMININA



## A breve história de Madeleine

**M**ADELEINE olha o salão imenso. Em volta, nem o mais leve ruído perturba aquele ambiente austero onde as cadeiras vazias tomam um relvêo assustador. É a véspera do grande dia. Dêsse dia que irá marcar a sua vida futura, a possibilidade de angariar recursos para os seus, de reconstruir a sua casinha desfeita!

Madeleine Perrou perdera tudo ou quasi tudo num bombardeamento que sofrera a vilazinha onde morava. Ficara sem pai, sem o irmão mais velho que morrera na frente, com uma irmãzinha de poucos anos e a mãe, doente e cansada, sem recursos e sem alento para enfrentar de novo a vida.

Madeleine fora professora de duas meninas que tinham abandonado a França e das quais nunca mais ouvira falar. Logo a seguir, viera a guerra, um desmoronar de sonhos, um sobressalto constante.

Nas longas noites de insónia e vigília, perguntava a si mesma: Que fazer? que fazer? Mas respondia-lhe o troar do canhão.

Agora, as noites eram mais calmas e a vida continuava a rodar na cidade para onde fora procurar abrigo. E continuava perguntando sempre: que fazer? que fazer?

Mas inesperadamente surgira uma possibilidade: ser modêlo! Todavia, para isso, era necessário captar a atenção da assistência à grande festa da Primavera. Se Madeleine triunfasse, teria pão, teria lar, teria sorrisos nos lábios pálidos da pobre mãe que ela tanto estimava!

Madame Stoffel — a gerente da casa — dissera-lhe nesse dia: «Minha pequena, estás na tua mão ganhar dinheiro. Sé distinta, correcta, sorri amável. Não apareças com essa cara de aflição. Por muito bela que seja a tua «toilette» perderá o brilho nesse rosto sem vida!»

Madeleine agradecera o conselho. E pé-ante-pé, quasi tremendo de medo, viera sôzinha, desistindo de um ladrão pelo corredor, olhar aquela sala que seria o seu juiz!

E agora, em frente das cadeiras vazias, ela tenta sorrir, endireitar o corpo cansado, o peito dorido. Tenta ensinar a maneira distinta e mais correcta de apresentar o seu modêlo.

Olhando aquelas cadeiras de aspecto austero, ela vê-as cheias de gente elegante indiferente ao seu caso e cujo único intuito é apenas escolher o melhor modêlo para o seu perfil. E preciso, pois, esquecer a sua timidez, o seu sofrimento. Está em jogo o seu futuro e o futuro dos que lhe restam. Madeleine sabe que é preciso sorrir para vencer. E Madeleine sorri. Sorri, porque vê em pensamento o seu lar reconstruído, a mãe com mais conforto, a irmã pequenina menos magra e pálida!

Madeleine vê tudo isso e vê muito mais!... Vê os homens voltando para casa, sorrindo, gritando contentes que a guerra acabara! Vê um rapaz alto, um rosto sujo de pólvora, uns olhos escuros brilhando de alegria, uns lábios decolorados que lhe segredam: volte!

E Madeleine, esquecida de si própria, passando elegante em frente das cadeiras vazias, murmura baixinho: «Jean Pierre!».

Da porta, vem uma voz firme, a voz de Madame Stoffel.

— Muito bem, amadmoiselles Perrou. Se estiver assim amanhã, estou certa de que fará sucesso!

Madeleine volta-se surpreendida. No salão imenso, as palavras de Madame Stoffel ficam ainda ecoando no espaço vazio. Mas o grato som de Madeleine Perrou fugira amedrontado. Ficára-lhe apenas a esperança. Uma esperança trêmula como uma luzinha brilhando lá ao longe na estrada íngreme que vem subindo!...

MARIA LIA



## Correspondência

**JULINHA** — A sua resposta era enorme, enorme!... Impossível, portanto, de ser publicada. Para a próxima vez, veja se consegue dizer tudo num bilhete postal ou num espago equivalente.

**UMA DONA DE CASA** — Experimente passar por água ligeiramente morna as meias de seda fininhas, antes de as estrear. Talvez consiga o resultado desejado!

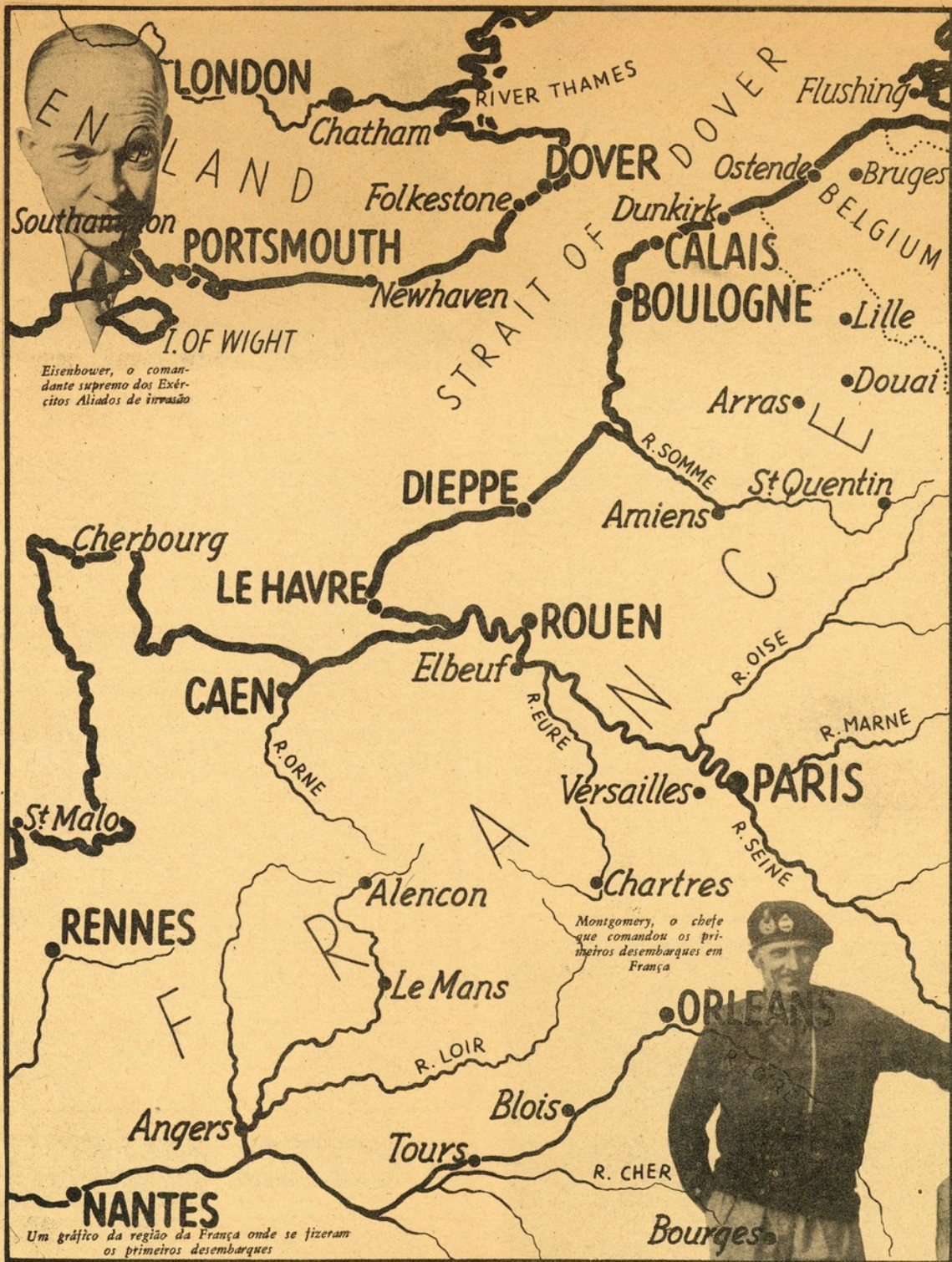
Aproxima-se o tempo das férias no campo ou na praia. As senhoras distintas que se preocupam com a elegância e com a moda, devem pensar na sua «toilette» própria. Podem encontrar desde já os mais lindos modelos exclusivos no **GABY couturier**, Rua Braamcamp, 6 r/c. — Lisboa

## A RECEITA DA SEMANA

### ARGOLINHA DE AMÊNDOA

Amêndoas doces peladas e	500 gr.
placadas .....	500 gr.
Agúcar pilado .....	500 gr.
Gémas de ovos .....	7 gr.
Farinha de trigo .....	50 gr.
Manteiga para untar .....	q. b.

Dissolve-se o açúcar nuns quatro decilitros de água e leva-se ao lume até que a calda chegue a ponto de cabelo. Depois, tira-se a vasilha do lume, junta-se à calda a amêndoa e mexe-se tudo muito bem com uma colher de pau; encorporam-se na massa as gémas de ovos e bate-se até enxugar. Depois, deita-se a farinha, mexe-se e leva-se de novo a massa a lume brando a cozer, até que se despeque do tacho. Deita-se depois a massa em pratos para arrefecer, tendendo-a em seguida em cordeles com os quais se formam argolinhas que postas em tabuleiros untados com manteiga vão ao forno a cozer.



Eisenhower, o comandante supremo dos Exércitos Aliados de invasão

Montgomery, o chefe que comandou os primeiros desembarques em França

Um gráfico da região da França onde se fizeram os primeiros desembarques

## “Post-Scriptum”

# A INVASÃO

**E**STA crónica de última hora é um verdadeiro «post-scriptum» à que se publica, como normalmente, na secção competente. Desde há meses que, comentando a marcha da guerra e as perspectivas internacionais, sempre nos pareceu dever encarar-se a invasão da Europa ocidental como operação inevitável — e assim mesmo a classificámos em crónicas recentes.

A antecedência, porém, com que estas crónicas têm de ser elaboradas nem sempre permite que nelas se foquem mais que aspectos, por assim dizer, de ordem geral, perdendo-se, por vezes, o melhor carácter de oportunidade. Na resenha habitual, que vai publicada, como de costume, na página «Do Mundo», anotando-se a conquista de Roma assinala-se o facto como podendo considerar-se o «choque psicológico» porventura necessário para que o supremo comando aliado, estabelecido na Inglaterra, pudesse lançar os seus homens na grande operação que desde há meses era esperada e prevista para esta época.

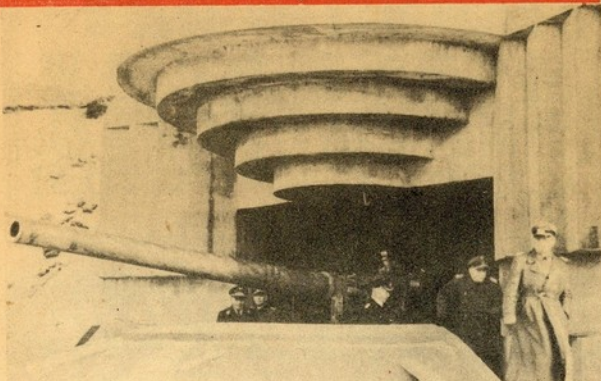
Efectivamente, a 6 de Junho de 1944 — dois dias depois da queda de Roma, e a poucos dias de quatro anos sobre as datas da entrada da Itália na guerra (10 de Junho) e da queda da França (22 de Junho) — a rádio mundial acordou os povos com a notícia de que o generalíssimo Dwight Eisenhower tinha, finalmente, lançado os seus milhões de homens, por ar e pelo mar, através do canal da Mancha, contra a «fortaleza» europeia.

A quatro anos de distância, deste modo, a terra da França volta a ser

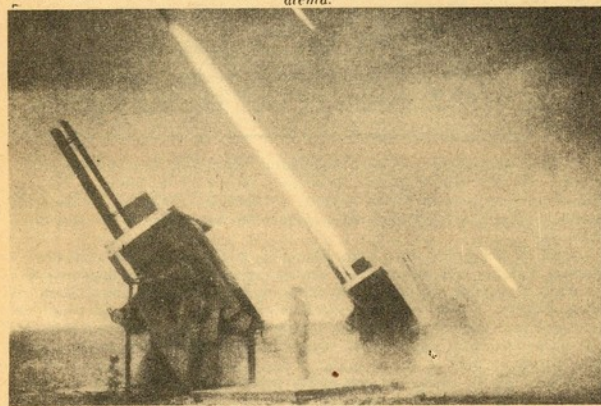
pisada pelos exércitos aliados, para novo combate com os exércitos alemães. Nestes quatro anos, o panorama do poder militar mundial transformou-se de ponta a ponta. Do zero militar de após Dunaquerque, a Grã-Bretanha ergueu-se num daqueles imprevistos rasgos de coragem e de tenacidade que ilustram largamente a sua história, até à altura de uma grande potência militar. Com a entrada dos Estados Unidos e da Rússia na guerra, foi possível ver constituir-se a mais poderosa coligação de todos os tempos — enquanto a Itália capitulava e se fragmentava, enquanto o Japão sofria a surpresa de ser detido e repellido, e enquanto a Alemanha, ajudada a campanha a oeste, se via a contos com a campanha a leste, que se revelou, afinal, cheia de surpresas. A partir deste momento, a Alemanha tem diante de si a realidade da guerra em duas frentes.

Mais que uma batalha de soldados, esta guerra, afinal, revelou-se a primeira batalha industrial de todos os tempos. Os soldados, se não podem prescindir da sua audácia e da sua robustez, passaram a ser, antes de mais, especialistas de engenhos de todas as espécies. As reservas que contam são as reservas industriais, o apetrechamento mecânico, o seu potencial de produção. Os grandes arsenais ditam agora, mais que nunca, o poder militar. Cada um joga as suas possibilidades.

# NOTAS DE GUERRA



Os alemães continuam a preparar-se para a invasão. Dizem, até, que a esperam preparados — o que não é de admirar, se atentarmos no tempo que os Aliados em pôsto diante d'esses preparativos. Aqui vemos o general von Salmuth, portador da Cruz de Cavaleiro, visitando os bastiões da costa do Atlântico alemã.



Pode dizer-se que não há recanto de Londres que não esteja hoje guardado de um famoso canhão «Z», como estes que se vêem na foto. Os seus tiros formam uma densa cortina à volta da capital do maior império do mundo. Por esse motivo, as incursões alemãs são cada vez mais fracas e mais caras em perdas de homens e material, como os comunicados nos indicam diariamente.



A guerra não poupa homens nem monumentos. Por isso destruiu em Itália esta igreja, monumento da arquitectura italiana. No meio dos escombros, porém, incolune e sem uma beliscadura, ficou apenas a imagem de um grande português: Santo António de Lisboa, que os italianos dizem de Pédua...

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



**AUGUSTO DE CASTRO** — Do alto da sua tórrea ebúrnea, dali dominando a Avenida da Liberdade, que é um dos pulmões da Europa, Augusto de Castro, diplomata e escritor, pegou na pena de jornalista e traçou o mapa moral e psicológico do mundo. Guarda avançada da civilização europeia — não disse ele que essa civilização, que é nossa, estava em riscos de ser tragada pela influência dos povos orientais? — do alto do «Diário de Notícias», que é como quem diz nos seus artigos de fundo, Augusto de Castro comenta os acontecimentos que vão desenrolando-se no mundo. O seu espírito cintilante fere tanto como a sua pena penetrante e as longas vistas que lança sobre a Europa envolta nas fumaças desta guerra. O antigo ministro de Portugal em Roma e em Bruxelas, amigo e conhecido das grandes figuras da vida mundial, é, ele próprio, uma grande figura da actualidade portuguesa. Algumas das suas crónicas, a entremear juízos políticos que apresenta à sanção pública, ficarão sendo um dos mais sugestivos e expressivos momentos da literatura portuguesa, contemporânea de Júlio Dantas — e poucos mais. Há pouco, os jornais celebraram a entrada do autor de «Fumo do meu cigarro» e de «O amor e o tempo» na Imprensa, como director do jornal que há quatro anos voltou a dirigir. O seu nome — nome literário que a Europa conhece na «double» forma de escritor traduzido e autor representado — aqui o deixamos todo exposto, tal qual o copiamos do «Anuário» da Academia, onde tem assento desde 1921, e tal qual foi registado no ano luminoso do seu nascimento — ano duro que não se situa no tempo mas no brilho com que pela primeira vez apareceu a assinar um trabalho literário: Augusto de Castro Sampaio Corte-Real...

(Caricatura de SANTANA)



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXV - A campanha africana



Ritchie, comandante do 8.º exército, era agora o alvo de todos os grandes ataques alemães. Talvez fosse a sua falta de visão do perigo a razão principal da queda de Tobruk.

### O DESASTRE BRITÂNICO NA LÍBIA

NO final do seu relatório, o general Auchinleck referia o que se passara até o dia 17 de Junho, data em que, segundo o seu depoimento, o comandante do 8.º Exército, general Ritchie, tomara a decisão de abandonar ao inimigo o triângulo estratégico El Dula — El Adem — Sidi Rezeigh sob a protecção da R. A. F. Depois disso, o comandante do 8.º Exército, perante a investida do inimigo tomara mais a deliberação de retirar, deixando a cidade de Tobruk com aquilo que, no relatório de Auchinleck, era considerado como uma guarnição adequada.

Nenhuma dúvida deixara esse relatório de que o pensamento do general Ritchie consistia, essencialmente, em repetir a manobra que dera a Wavel e em 1941 a possibilidade de manter o Afrika Korps no limite da fronteira do Egipto pela manutenção de Tobruk, duma guarnição valorosa e

adestrada na guerra do deserto beneficiando do apoio e da protecção efectiva da esquadra. Mas, para que esta concepção resultasse, era indispensável que a guarnição que Ritchie ali deixara mostrasse as mesmas qualidades de decisão e de iniciativa que havia revelado aquela que ali deixara o general Wavel.

Sem essa condição prévia, era evidente que toda a ideia de resistência eficaz teria de ser abandonada e que os alemães se não limitariam, desta vez, a atingir o limite fronteiriço do Egipto mas tentariam, decerto, penetrar profundamente neste país e alcançar Alexandria como primeiro passo para chegar à região do Suez. Em 1942, não se tratava, como em 1941, de realizar uma operação de sentido local mas de realizar uma operação integrada no conjunto do plano alemão o qual visava, em última análise, a apertar o Próximo Oriente na tenaz da Wehrmacht em coincidência com a progressão projectada ao longo do Cáucaso na frente leste.

É natural que Ritchie não tivesse visto toda a magnitude do problema pois de contrário é quasi certo que Tobruk teria sido deixada com uma guarnição adequada, sim, mas à grandeza duma tentativa de excepcional envergadura, de que a campanha da Líbia constituía apenas um dos aspectos, embora de incontestável importância e significação.

### OS FRANCESES NA LUTA

As passagens do relatório de Auchinleck passavam sobre um desastre de grandes proporções que, entretanto, se verificara e de que ia depender todo o conjunto da batalha e até, em certa medida, a sorte do continente africano durante algum tempo. Fora precisamente entre 11 e 17 de Junho que os ingleses haviam sido derrotados, e de maneira quasi inconcebível, graças à tática de Rommel.

O comunicado alemão do dia 11 era o primeiro a referir a retirada dos franceses de Bir-Hakeim, o pilar sul da defesa aliada. Esse pilar fora defendido com uma coragem excepcional desde o início do avanço alemão, e pudera agüentar-se graças aos sacrifícios consentidos pelo respectiva guarnição. A retirada dos defensores de Bir-Hakeim fizeram-se a coberto da noite, sem que fosse presentida pelo inimigo. O comunicado alemão de 12 assinalava: «Ocupámos esta manhã a fortaleza de Bir-Hakeim pilar meridional do sistema defensivo britânico.

O comunicado britânico do dia 13 confirmava esta versão, e acrescentava alguns pormenores sobre o comportamento dos defensores da fortaleza. Esses defensores eram em número de quatro mil e a sua resistência prolongara-se ao longo de dezasseis dias contra o ataque de duas divisões do Eixo, a 19.ª divisão alemã ligeira, e uma divisão motorizada italiana a «Trieste».

As primeiras informações de origem alemã sobre o tratamento a aplicar

aos prisioneiros de guerra franceses, capturados no sector de Bir-Hakeim, diziam que esses prisioneiros, pertencendo a uma nacionalidade que se não encontrava em estado de guerra com a Alemanha, seriam tratados como franco atiradores. Do lado inglês, anunciaram-se represálias, no caso de isso vir a acontecer. Esta questão levantou grande celeuma na imprensa dos dois países, sendo finalmente resolvido que os franceses detidos em Bir-Hakeim teriam um tratamento idêntico ao dos restantes prisioneiros de guerra feitos no campo de batalha.

### O MOMENTO CRUCIAL DA BATALHA

Num discurso, proferido em 2 de Julho na Câmara dos Comuns, o Primeiro Ministro referiu o que se passara, localizando no dia 13 de Junho, o dia considerado fatídico para as armas inglesas, o momento crucial da batalha, cuja decisão ia reflectir-se numa série de consequências imprevisíveis, e de certo modo dramáticas.

«Até 13 de Junho, disse o sr. Churchill, pode dizer-se que a batalha se manivera indecisa. As perdas eram sensivelmente iguais para os dois lados e o nosso serviço de recuperação de carros estava funcionando bem. Sendo os nossos efectivos, no seu conjunto, superiores aos do adversário podíamos também sofrer um número mais elevado de perdas sem que esse facto se traduzisse em prejuízo para nós. A nossa superioridade de efectivos mantinha-se, portanto, através de tudo.

Mas no dia 13 registou-se uma súbita transformação. Na manhã desse dia, estavam empenhados na luta cerca de trezentos dos nossos «tanks». Quando veio a noite, desses trezentos «tanks» restavam-nos apenas setenta. Nesta cifra não se incluem os «tanks» ligeiros. As perdas que sofrermos não tiveram compensação em perdas igualmente sensíveis do inimigo.»

Em resumo: o sr. Churchill, com a apresentação dos seus números, deu uma ideia bastante precisa do desastre que ocorrera na Líbia. O núcleo das forças blindadas britânicas desaparecera, num só dia, tornando precária a continuação da luta que era, fundamentalmente, uma luta de carros. Os setenta carros, que restavam ao general Ritchie, não bastavam para alimentar sequer a esperança de continuar a combater. Era isso que determinara a ordem de retirada a que se referia o relatório de Auchinleck.

Na altura em que proferiu o seu discurso, o Primeiro Ministro não possuía ainda informações bastante pormenorizadas para poder referir e apreciar, com exactidão, o que se passara. «Não sei, ao certo, o que se passou no combate desse dia, acrescentou ele. Ocupo-me apenas dos factos que relatei para que a Câmara decida se o que se passou é o resultado dura direcção deficiente da guerra, da qual eu tomo inteira responsabilidade, ou se estamos perante um destes incidentes imprevisíveis, da natureza daqueles que caracterizam todas as batalhas. A magnitude do que se passara e as consequências do que se passara eram de tal ordem, que o sr. Churchill julgou conveniente pôr, na balança das decisões, todo o peso do seu prestígio pondo claramente a questão de confiança ao parlamento.



A cidadela de Bir-Hakeim que abriu o caminho de Tobruk e de Bardia



Os soldados, mesmo nas horas de perigo para as tropas aliadas, não perdem o seu bom espírito. Os «tanks» eram o seu livro de histórias humorísticas

## A PERDA DE DUZENTOS «TANKS»

Como se produzira o desastre, laconicamente anunciado pelo Primeiro Ministro? Rommel preparara aos «tanks» britânicos uma verdadeira ratoeira na qual estes haviam caído. A bolsa alemã, aberta ao sul de El Acroma, e que o general Ritchie, dada a sua disposição, considerava um erro tático cometido pelo seu adversário no campo de batalha, tinha a forma de um ângulo facilmente penetrável e que convidava ao ataque.

Rommel guarnecera, porém, os lados desse ângulo propício com artilharia anti-«tank», cuidadosamente dissimulada. Ritchie julgou que podia lançar os seus carros, explorando as deficiências aparentes que o ângulo de El Acroma oferecia, e por isso se lançou impetuosamente ao ataque. O comunicado do Cairo, que dava conta deste acontecimento, dizia laconicamente: «Travaram-se ontem ao sul de Acroma combates de carros blindados». Os comunicados do Eixo do dia seguinte anunciavam, porém, que as suas forças haviam ultrapassado Acroma e iniciado uma marcha decidida para leste.

Não podim restar dúvidas de que a batalha de «tanks» se decidira espectacularmente a favor de Rommel, e que aos ingleses restava apenas o recurso de salvarem do desastre tudo aquilo que pudesse ainda ser salvo e, antes de mais nada, as forças que se encontravam ao norte, perigosamente expostas no saliente de Gazala. Depois da derrota dos seus carros, na armadilha de Acroma, o mérito do general Ritchie esteve em não ter perdido o sangue frio realizando, com êxito, a segunda parte da operação e evitando, como já vimos, que o grosso do 8.º Exército tivesse sido apanhado por uma manobra de cerco do tipo daquelas que os alemães haviam já realizado em outros teatros de operações. Só assim foi possível, mais tarde, defender em Alamein a rota do Suez.

## OS MOVIMENTOS DA RETIRADA

As forças que se encontravam perigosamente expostas no saliente de Gazala eram, como já vimos, constituídas pela 50.ª divisão britânica e pela 1.ª divisão sul-africana. No dia 14 de Junho, a 1.ª divisão sul-africana, do comando do general Pienaar, iniciou o movimento de retirada protegida pela 50.ª divisão britânica. Esta continuou, durante algum tempo ainda, nas posições que ocupava, não só para cobrir a retirada dos sul-africanos mas também para cobrir a retirada dumha divisão blindada britânica que estava a ser intensamente atacada pelos alemães.

Quando chegou a ordem de retirada para a 50.ª divisão britânica, esta corria o risco eminente de ser cercada e aprisionada, situação de que foi salva graças a uma manobra bastante hábil do comando britânico. Em vez de fazer retirar aquela divisão para leste, tal como o comando alemão esperava, o comando britânico mandou avançar para ocidente, penetrando profundamente na parte do dispositivo do Eixo ocupada pelos italianos e causando, entre estes, uma verdadeira surpresa. Foi depois dessa diversão, que perturbou o comando germano-italiano, que a 50.ª divisão britânica se encaminhou claramente para leste, a fim de evitar um aniquilamento que, noutras condições, seria certo e fatal.

As baixas sofridas pelas forças em retirada foram relativamente insignificantes. A divisão sul-africana teve apenas seis mortos e a divisão britânica também não sofreu perdas apreciáveis, embora as informações do Eixo tenham falado dum número elevado de prisioneiros feito durante a sua retirada. Este facto demonstra que o desastre do dia 13 estava a ser reparado o melhor possível pelo comando britânico que, no meio da desordem criada pelo aniquilamento das suas forças blindadas, não havia perdido o sangue frio e mantinha o controlo da situação. Esta, porém, era evidentemente crítica e exigia providências imediatas e firmes para não degenerar numa catástrofe total, tanto mais que as forças do Eixo, aproveitando as circunstâncias, iniciavam audaciosamente a sua marcha para leste.

## O COMUNICADO E AS EXPLICAÇÕES

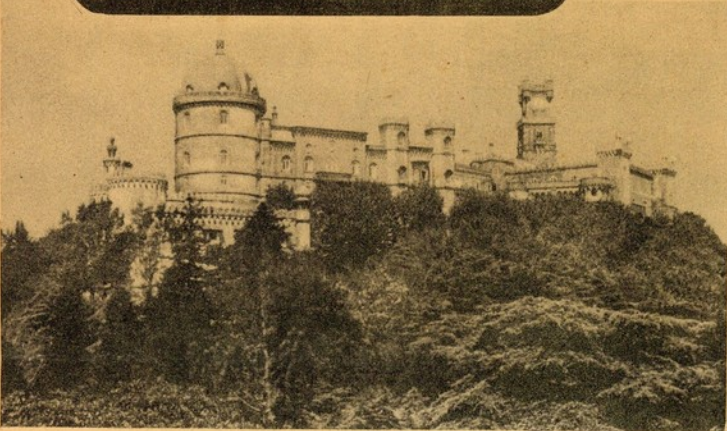
Referindo esta fase da batalha, o comunicado oficial do Cairo confirmava o relato que fica feito e dava-lhe, da seguinte forma, a sua sanção: «Ao receberem ordem de retirada, as forças que se encontravam no saliente de Gazala dividiram-se em duas colunas. Uma, a mais importante, seguiu ao longo da estrada costeira enquanto os restos das forças blindadas britânicas travavam uma acção retardadora junto a Acroma. Parte dessas forças, em retirada, recebeu ordem para se acolher a Tobruk (era a guarnição adequada de que falava o relatório Auchinleck) ao passo que as restantes iniciavam a sua marcha em direcção à fronteira do Egipto. Uma outra coluna britânica, menos numerosa, composta de forças móveis, seguiu um percurso mais longo e arriscado. Durante a noite atravessou para leste dos campos de minas, passou ao longo da retaguarda do inimigo, ladeou Bir Hakeim e, depois de ter penetrado no deserto, conseguiu reunir-se ao grosso das forças do 8.º Exército em retirada.»

Por seu lado o sr. Churchill, no discurso de 2 de Julho de que temos já referido algumas passagens, acrescentava a esse relato o seguinte: «Devido à destruição das nossas forças blindadas, registadas no dia 13, Rommel passou a ser o mais forte. O campo de batalha passou a ser dominado pelo inimigo e os seus «tanks» puderam ser reparados e postos novamente em acção, ao passo que os nossos, uma vez avariados, deviam considerar-se definitivamente perdidos. Muitas consequências funestas se seguiram a este dia de luta. Entre essas decisões figurou a de retirar as forças que se encontravam em Gazala. A divisão sul-africana retirou para Tobruk, e a 50.ª divisão britânica conseguiu libertar-se da pressão do inimigo por uma manobra arriscada que a obrigou a percorrer duzentos quilómetros no flanco do inimigo. No deserto, as forças são obrigadas a percorrer distâncias enormes, quer quando avançam, quer quando recuam, não lhes sendo aplicáveis as nossas velhas concepções de guerra, pois numa só noite se podem perder ou ganhar cem quilómetros de terreno.»

Depois da retirada das forças britânicas que se encontravam no saliente de Gazala, o êxito do plano encarado pelo general Auchinleck dependia da possibilidade de defender, com êxito, a cidade de Tobruk, repetindo a tática praticada pelo general Wavel em 1941. Tobruk devia funcionar como um espinho enterrado na carne da ofensiva alemã, impedindo esta de prosseguir para além da fronteira do Egipto. Como veremos, esse projecto malogrou-se rapidamente pela rendição inesperada da guarnição encarregada de repetir a proeza que os australianos e os neo-zelandeses, à custa de pesados sacrifícios, haviam levado a cabo um ano antes.

(CONTINUA)





## Notícias sensacionais sobre a indústria dos caminhos de ferro

**P**ARA darmos uma idéia das vantagens dos caminhos de ferro, transcrevemos os seguintes pormenores, comunicados por um viajante que fez muitas vezes o caminho de Liverpool a Manchester em carruagem de vapor:

— Quatro vezes de manhã e quatro vezes de tarde têm lugar as partidas de cada cidade. Há duas classes de carruagens: as de primeira classe sòmente partem uma vez, em Newton; e isto só por um instante, afim de ser azetizada e inspecionada a máquina. As de segunda classe tomam e largam viajantes em doze pontos da linha; mas isto pratica-se de uma maneira tão pronta que a demora é pouco considerável. A máquina de vapor é colocada na frente do combóio, tendo após ela um carro coberto para levar carvão, água e utensílios. Neste «fourgon», seguem os engenheiros.

— E como alimentam a caldeira?  
— Por meio de uma bomba mergulhante, alimenta-se a caldeira à vontade. O carro coberto ou «fourgon», é puxado por ganchos de ferro, os quais regulam à vontade, deslizando a primeira carruagem e, depois, as outras, em número de dez, de vinte ou mais, até o número necessário para transporte de passageiros e suas bagagens.

— As mercadorias vão com as bagagens?

— Não. As composições de combóios de mercadorias fazem-se separadamente das horas destinadas a particulares. Há carruagens expressamente preparadas para o transporte de gado, cujo número de cabeças é imenso. Os porcos, bois e outros animais vivos, vindos da Irlanda, chegam dessa maneira, sem fadiga e sem demora, a Manchester. Daí, seguem para o interior do país.

— Quantas pessoas transporta, em média, cada combóio?

— De 130 a 150 pessoas, com a respectiva bagagem. Esta é colocada sobre o tejadilho de cada deligência ou carruagem. Chegados os passageiros ao escritório, ali a polícia vigia pela boa ordem. Só permite a entrada àquelles indivíduos que têm negócios a tratar, destina-lhes lugar e trocam-lhes, por um bilhete numerado, o do lugar comprado. Com este, tem de corresponder o bilhete de cada carruagem.

— E como é a partida? Como se sabe quando saem os combóios? Deve ser uma grande confusão!

— Nada disso. Toca uma sineta, já todos os bilhetes estão entregues, a máquina começa a mover-se vagarosamente, até que o ligeiro de cada carruagem tenha recebido a tensão necessária. Depois partem com a velocidade do ralo mas sem abalo e com menos ruído que um deligência vulgar.

— E como conservam os caminhos?

— Há sempre, de noite e de dia, na estrada, operários e guardas para examinar e conservar em bom estado o caminho. De distância a distância, vêem-se estações e, nelas, pessoas da companhia dos guardas. Usam um papel branco sobre o chapéu negro e estendem o braço para anunciar, por esse sinal, que a estrada está livre e em bom estado. Barreiras elevadas e recintos onde não há obstáculos naturais, impedem a passagem para a estrada de gados ou de pessoas de mau aspecto. Detem-se a máquina e o combóio à vontade; e, apesar da rapidez e da novidade desta maneira de viajar, todos dela se servem; mulheres, raparigas e crianças — sem temor e sem perigo.

Uma berlinda colocada no meio do combóio, é especialmente destinada à mala do correio, a qual sai dos pontos extremos duas vezes por dia.

— O caminho entre Liverpool e Manchester, quanto tempo leva?

— As treze léguas de mala-posta que separava o caminho a percorrer de uma cidade a outra, transportem-se agora em uma hora e um quarto, pouco mais ou menos, sem fadiga. É claro que, em lugar de 30 a 40 carruagens de quatro cavalos, a rolaem todos os dias entre estas duas cidades, antes de 1830, não há mais que uma.

— Faz muita impressão o combóio?

— Eu lhe digo: quem olhe os objectos colocados junto à estrada de ferro, só indistintamente, confusamente, os divisa, por causa da grande rapidez da viagem. Mas quem observe os objectos remotos, e o todo da paisagem, mal se dá conta da velocidade com que se é transportado.

— E os preços?

— Quer seja para viajantes, quer para mercadorias, são muito moderadas. Para viajantes, os preços mais elevados não excedem 1.00 réis, e os menos 55, compreendidos os lugares nos «combibus» elegantes. Estes, como já disse, transportam os viajantes de diferentes pontos das cidades respectivas ao escritório de partida e vice-versa.

— O capital inicial devia ter sido muito elevado...

— A despesa d'este espantoso estabelecimento foi muito do dobro da que se calculara a principio. Ou seja: em vez de 400.000 libras esterlinas, ultrapassava 820.000 libras. Contudo, apesar d'este aumento, os accionistas, duplicando os seus capitais, retiraram oito por cento de interesses em 1830. Quanto a 1831, tudo fazia crer em lucros superiores a dez por cento. E assim aconteceu podendo a companhia constituir um fundo de reserva para aperfeiçoamento do primeiro caminho de ferro construído no mundo, e redução dos preços primitivos.

## OS NOSSOS JORNALS DE "FIM DE SEMANA" e o primeiro caminho de ferro

Saldanha, o comboio Lamarjant, de um só «rail», D. Fernando e as linhas Lisboa-Porto

**E**ya moda predominante: a exumação das figuras e casos curiosos do passado, dêsse ontem sempre presente no palpitante hoje e com fortes projecções no enigmático amanhã... A «avôzinha» dos combóios, ainda não há dez anos que cumpriu o seu primeiro centenario. E lá ficou, no depósito central de Santa Apolónia, muito rebrilhante nos seus metais amarelos, à espera do segundo. Na sua centenária e sólida construção inglesa, caldeira à prova de bomba, forníhos prontos a deglutir carvão de pedra ou, na sua falta, troncos de pinheiro rechimantes e olorosos — longa história tem a avô. Conheceu o grande marechal-duque de Saldanha, o homem dos bigodes e suíças, tudo muito branco na pele rosada de acido que fazia marchar o Portugal do seu tempo a golpes de lambor-nor. Também o engenheiro simplório mas estupefaciente na sua época, foi exaltado por Fontes Pereira de Melo, exaltador máximo da locomotiva e da locomoção; rocu, desdenhosa, ela, a máquina de dupla via, pelo caminho de ferro Lamarjant, de um só «rail», e pronto condenado ao insucesso, na esplêndida estação do Arieiro, junto às azinhagas de onde se cortava para Sintra.

Como tudo, teve o «combóio» partidários e adversários. Também havia os neutros — por comodidade. Ou os que se apeçavam à rotina da «avôzinha», tropeçando, nas estradas, com toda a casta de saltadores: ou, por último, os que se apeçavam à barca de velas e uma roda de pás a sirandar, e preferiam os azares das tormentas à quasi certeza do tonitroante e esgaraçado arcabuz... Por tudo passou e de tudo conheceu a «avôzinha». Ela que nos perde, agora, esta evocação: uma espécie de medalhão antigo, onde ficam bem os bigodes de D. Fernando, os seus espousos com D. Maria II e as suas labutas de sazo-coburga-gotha por industrializar, a ser possível, este país de pastores e de gentes sofredoras do litoral.

## Na inauguração do primeiro comboio português houve um «acidente» e um inquirito à carruagem real

**E**M 21 de Outubro de 1856, foi publicada a primeira portaria para a segurança da circulação da linha férrea entre Santa Apolónia e o Carregado. Precedentemente, inaugurara-se a de Sintra, discutira-se o seu aproveitamento e a questão das bitolas apaixonara os ânimos dos patriotas. Fora uma linha experimental — mas, como em tudo, o espirito sistemático de desconfiança, inato no português, retivera os capitais e os corpos. Muitos anos decorreram até que a imperiosa necessidade de acompanhar os progressos da técnica, nos obrigaram a rasgar o centro do país com a primeira secção importante do que seria, depois, a linha do Norte.

Ainda então, conforme a abundante, preciosa e completa colecção legislativa de que é proprietário o nosso amigo e senhor inspector dos Caminhos de Ferro, Raul Esteves dos Santos, que a muitas outras diligências alia à de poligráfico, o espirito de desconfiança e prevenção exageradas se manifestava e nos vexava em disposições ridiculas e já anacrónicas como as que seguem:

«...ordena o Governador Civil de Lisboa que as autoridades nos concelhos e freguesias por onde passa a dita linha ou que dela ficarem mais próximas, que façam constar, por meio de editais afixados nas portas das Igrejas paroquiais e nos lugares mais frequentados, que é absolutamente prohibido transitar sobre o caminho de ferro, ou seja a pé ou em qualquer transporte; atravessar o mesmo caminho sobre a via; a não ser nas passagens de nível; deixar o gado entrar na linha; etc., etc., etc.»

Uma vez expedidas pelo Marquês de Loulé todas as prohibições possíveis e imagináveis, lá se inaugurou a estrada-via em 24 de Outubro de 1856. Tudo ficava expectante em Lisboa, e o rei D. Pedro V, recém-casado com a rainha D. Estefânia, assignava toda aquela papelada que o eterno Loulé lhe levava a assinar.

No dia 30 de Outubro, num atmosfera tensa, circulava o boato: «atenção, que o jornal do Commercio atenuava com o vocabulo: «acidente». Tudo se desenvolvera conforme o programa e, até, facto inconfirme em Portugal, no dia e hora marcados! Eis a noticia official do sensacional acontecimento:

«...ocorreu, porém, um acidente desagradável. A viagem da estação de Lisboa à do Carregado fêz-se em quarenta minutos; a da volta, durou duas horas por terem rebentado os tubos de uma das locomotivas que

reboçavam o combóio. Este combóio-se de catorze carruagens e esteve parado em Sacavém bastante tempo. A locomotiva que não avariou trouxe a Lisboa a carruagem real e mais cinco carruagens, voltando depois a Sacavém para rebocar as restantes.»

«As máquinas que rebocavam o combóio em dupla tracção eram antigas e estavam gastas por terem servido na construção». Mas o Governo, em portaria de 2 de Dezembro seguinte, nomeou o major Belchior Garcez, e os fiscaes Simões Margiochi e Tomás Lóbo de Avila, para «examinarem, indagarem e confirmarem quais as causas dos accidentes na viagem a que concorreu El-Rei em Agosto e na viagem de inauguração».

O publico, passado o primeiro pânico inicial, aproveitou logo as vantagens que a linha férrea lhe proporcionava. Uma estatística mostra que, desde o 3.º de Dezembro de 1856, a 5 de Janeiro de 1857, isto é, em cinco semanas, circularam 15.870 passageiros. Era o progresso...

CONSIGLIERI SA PEREIRA



Do alto do seu pedestal, o velho e imperturbável Saldanha parece ainda apontar o caminho «Sempre em frente», para o progresso...

## Deus não dorme

### UM FILME QUE AINDA NÃO FOI REALIZADO

**A** CABAMOS de ler um romance notável: «Deus não dorme», de Suzanne Chantal. Poderá o leitor estranhar, à primeira vista, a referência a uma obra literária na página de cinema. Mas se nos quiser acompanhar ao longo destas linhas, facilmente compreenderá a razão porque hoje falamos dum livro, no lugar onde costumamos comentar os filmes ou os problemas que lhes dizem respeito.

Suzanne Chantal é um nome familiar dos que se interessam por estas coisas de cinema. Durante muitos anos foi chefe de redacção de «Cinémonde». A sua actuação, em semelhante cargo, coincidiu justamente com o período mais brilhante do grande hebdomadário parisiense. Nos domínios da Imprensa, estas coincidências não são obra do acaso, mas o reflexo da personalidade dos mentores ou orientadores. No caso presente, o êxito de «Cinémonde» foi o triunfo incontestável de Suzanne Chantal.

Pode considerar-se decisiva a influência daquela revista no jornalismo cinematográfico mundial. Com efeito, deixou de ser o relatório frio de um produto comercial, para ganhar relevo e brilho literário. Perdeu as características pretensiosas de dissertação de fim de curso, em proveito de uma vulgarização de que o próprio cinema veio a beneficiar.

E ninguém como Suzanne Chantal soube imprimir à descreditação biográfica da estrêta o sabor alicianse de um romance vivido — como ninguém igualmente a excedeu na forma de tratar com frivola profundidade — passe o paradoxo — um problema do cinema, por mais transcendente que se apresentasse. Como jornalista cinematográfica, Suzanne Chantal fez escola.

Portuguesa pelo coração, Suzanne Chantal acaba de publicar «Deus não dorme», um dos mais belos tributos que uma estrangeira poderia prestar a Portugal — ao Portugal hospitaleiro e amigo, que foi o refúgio da Europa nos dias trágicos de 1940, quando a guerra, alastrando caaa vez mais, tudo ameaçava subverter numa onda de fogo.

É o primeiro livro, sobre tal tema, que se escreveu em todo o mundo. Pela sua categoria literária, pelo seu interesse como romance, pelo prestígio do nome que o subscreve, está destinado a conquistar todos os mercados, a ser traduzido em tôdas as línguas. Portugal ficará devendo a Suzanne Chantal este inestimável serviço: ter dado ao mundo a verdadeira imagem da nossa dedicação, do carinho com que acolhem os refugiados, na hora da desgraça e do sacrifício. E no momento em que pessoas menos escrupulosas, tendo filmado as mulheres do campo nas fainas agrícolas, as apresentam em documentários, como refugiadas estrangeiras a trabalhar em campos de concentração portugueses, é, para nós, extraordinariamente grato que, numa obra como «Deus não dorme», se faça justiça à conduta do país em tão dramática emergência.

Pela nossa parte, consideramos o romance de Suzanne Chantal o argumento empolgante de um filme que Hollywood não perderá. Pela própria construção, sem seqüência cinematográfica — os episódios desenrolam-se dentro da ordenação lógica das cenas de um filme — «Deus não dorme» está destinado à consagração do cinema.

Para além da acção — que é o drama da humanidade perante a guerra — há o «mundo íntimo» de cada uma das personagens, rico de sugestões psicológicas e de excepcionais motivos de interesse. A obra torna-se, assim, um argumento à espera de realizador — um filme de guerra diferente de tudo quanto o cinema nos tem dado.

Ozalá Hollywood, quando o obter em imagens, respeite a localização dos episódios e tenha o escrúpulo bastante para não deformar ambientes e intenções. Porque, ainda agora, em «Refugiados» (Journey for Margareta), escamoteou Lisboa da reportagem de W. L. White e transferiu para a América as cenas que na realidade se passavam em Portugal.

Recomendamos aos leitores o romance de Suzanne Chantal, escritora e jornalista de cinema. Através das suas páginas experimentarão a sensação do espectador da «preleu» — ao ver um filme apaixonante, que ainda não começou a ser explorado...

FERNANDO FRAGOSO



## A TRÁGICA HISTÓRIA DE AMOR

Que Bette Davis viveu

**E**STAVAM casados havia três anos. Bette Davis e Douglas Farny — ela vedeta de cinema, êle construtor e desenhador de aviões — formavam um dos pares mais unidos e mais felizes da Cinelândia. Por motivos de ordem comercial — as firmas produtoras impõem com frequência cláusulas sobre a vida sentimental — o seu casamento mantivera-se fora do plano publicitário. E, assim, o mundo não foi informado pelas trombetas da fama do enlace de uma das mais famosas vedetas da Cinelândia.

Há meses, em lua de mel que ameaçava não ter fim, foram os dois ao México, gozar merecidas férias. Bette, ao regressar, contou aos jornalistas o encanto de que a jornada se revestira, na descoberta de um mundo ignorado.

De regresso, voltaram ao seu trabalho — ao estúdio e às oficinas. E subitamente estalou o drama. Farny a caminho de casa, em pleno Hollywood Boulevard, caiu inanimado. Conduzido ao hospital, não mais recuperou os sentidos. E morria poucas horas depois, antes da própria Bette Davis poder chegar à cabeceira do seu leito de dor.

Poucas artistas, como ela, terão vivido, no cinema, tantas e tão dolorosas histórias de amor. A realidade, porém, por singular capricho, reservou-lhe o mais trágico desfecho para o seu noivado de felicidade.

Bette Davis é hoje uma viúva inconsolável — embora nos filmes continue a interpretar, como ninguém, as heróicas românticas que vivem a felicidade de um grande amor.

## A FORÇA DAS PLANTAS

**O** cinema científico, que nos tem revelado os mais prodigiosos mistérios da natureza, acaba de demonstrar, num filme recente, a «força das plantas».

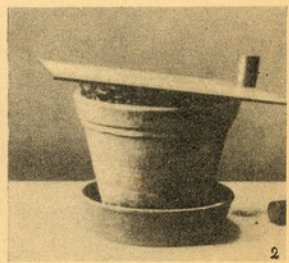
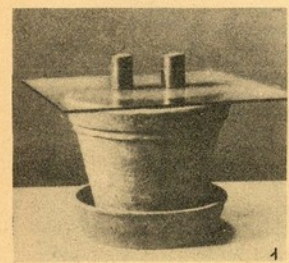
As imagens juntas documentam, melhor do que as nossas palavras, o extraordinário poder das plantas em crescimento:

1 — Num vaso, com terra convenientemente adubada, semeiam-se alguns bagos que vão germinar. A preparação é coberta com um vidro, sobre o qual se colocam dois pesos.

2 — Ao fim de alguns dias, a planta conseguiu levantar o vidro do lado em que recebia luz. Um dos pesos está por terra. O outro, por via da inclinação, não tardará em cair.

3 — Os dois pesos tombaram. A planta, cada vez mais desenvolvida, liberta-se da chapa de vidro, que lhe tolhia os movimentos.

4 — ...E desenvolve-se, finalmente, livre de todos os obstáculos que se antepunham ao seu natural crescimento.



## DOIS ÍDOLOS DE BRAÇO DADO

Ginger Rogers e Frank Sinatra, os dois ídolos de hora que passa, vão aparecer juntos num filme. Ginger aguarda que a guerra acaba para voltar ao lar, onde se encontrará de novo com Jack Briggs, o seu marido, agora servindo na marinha. Frank, por seu turno, é o homem do momento. As mulheres mostram-se apaixonadas pela sua voz. Tanto assim, que os jornais afirmam que a guerra é o «assunto n.º 2» da América, porque o «assunto n.º 1» é Frank Sinatra...





**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA**  
(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
3	(Meia hora de programa especial)						
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEA	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGeo	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

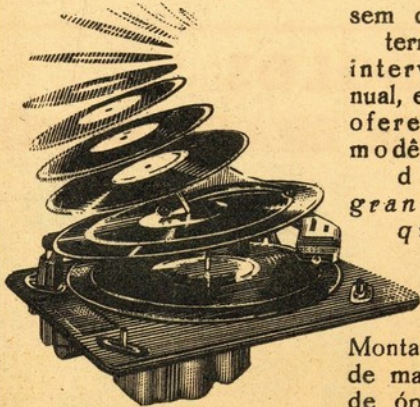
«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA**

## DISCOFONES AUTOMÁTICOS

45 minutos de música



sem qualquer interrupção ou intervenção manual, eis o que vos oferece o novo modelo para 8 discos grandes e pequenos.

Montado em caixas de madeira pulida de óptimo acabamento.

Peça uma demonstração nos

**Est. Valentim de Carvalho**

**R. NOVA DO ALMADA, 97**



**UM LIVRO EXCEPCIONAL!**

NOVO VOLUME de  
«AS MAIORES OBRAS  
DO NOSSO TEMPO»

**ACABA DE SAIR:**

**VIAGEM**

**AO FIM DA NOITE**

por LOUIS FERDINAND CELINE

*Uma das verdadeiras obras primas da nossa época*

*Uma das três ou quatro maiores obras da literatura francesa do século XX*

*Um romance que vários editores disputaram*

*Um livro que foi coroado com vários prémios*

**VIAGEM AO FIM DA NOITE**

Vende-se em todas as livrarias do País

Pedidos à EDITORIAL SECULO

Rua do Seculo, 63 — LISBOA

composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.



**O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

## PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



# ★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-8.º — LISBOA

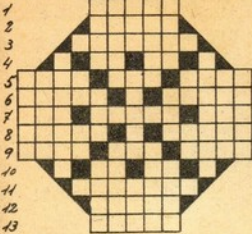
PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 31

Por Jorge Eliot Martins (Lisboa)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Galardão. 2 — Espapar. 3 — Insecto que dá som com as asas. 4 — Apellido; multidão. 5 — Excepto; grande quantidade; altar de sacrifícios (pl.). 6 — Animáculo da classe dos aracnídeos; mentira. 7 — Frequentavam; pulmões das aves; deixet-me enganar. 8 — Fio de latão; oscilar. 9 — Rosto; preposição; nome de mulher. 10 — Porco; assistia. 11 — Cortara com a serra. 12 — Confiado. 13 — Admiráveis.

**VERTICAIS:** 1 — Uma das libras, que faz parte do arquipélago dos Açores. 2 — Flizera óco. 3 — Solda alcalina. 4 — Gestor; tumor. 5 — Outra vez; interjeição; aparelho para coser livros. 6 — Nome de homem; intercepta. 7 — Esteiro na embocadura de um rio; impossível; trocar. 8 — Ordem religiosa; voz do gato. 9 — Vaguelo; argola; arcos. 10 — Fisionomia; pronuncia ou compreende as palavras escritas. 11 — Resposta dos deuses aos que os consultavam. 12 — Navegais. 13 — Passara de dentro para fora.

PROBLEMA N.º 30

Solução

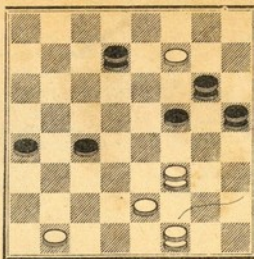
**HORIZONTAIS:** 1 — Abres; apoio. 2 — Diabo; zelar. 3 — Ermar; goia. 4 — Urano; varar. 5 — Salor; Ir; Sá. 7 — Al; ma; acato. 8 — Tapal; fogos. 9 — Ovar; avias. 10 — Moira; miado. 11 — Ousar; almas.

**VERTICAIS:** 1 — Adeus; átomo. 2 — Birra; Iacou. 3 — Ramal; país. 4 — Ebano; marra. 5 — Soror; ai; ar. 7 — Az; vi, afamo. 8 — Pegar; covil. 9 — Olor; aglam. 10 — Ralas; toada. 11 — Orara; ossos.

## DAMAS

PROBLEMA N.º 34 (Concurso)

Por António Eduardo Igrejas (Melgaço)

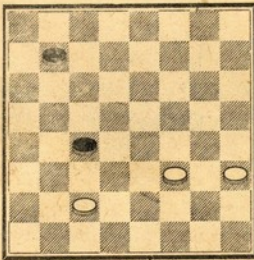


Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 9

(Concurso)

Pelc capitão Evaristo António Borges (Pórtó)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 32

(Concurso)

Solução

26-15 ; 14-19 ; 15-6  
16-3 ; 23-7 ; P. ganham.

PROBLEMA N.º 33

(Concurso)

Solução

20-23 ; 18-21 ; 9-13 ; 3-7  
27-20 ; 25-18 ; 18-9 ; 12-3

17-21 ; 21-30

3-13-27 ; 19-12

30-23-16-7-14-32

P. ganham.

FINAL DE JOGO N.º 11

1.ª hipótese

23-27 ; 30-20 ; 20-2 ; 5-10  
31-22 ; 13-9 ; 22-19 ; 19-15  
2-20 ; 20-2 ; 2-5 ganham.  
9-5 ; 5-1 ; P.

2.ª hipótese

23-27 ; 30-20 ; 20-2 ; 5-10  
31-22 ; 13-9 ; 22-18 ; P. g.

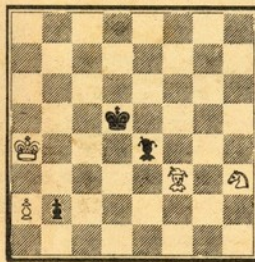
3.ª hipótese

23-27 ; 30-20 ; 5-10  
31-22 ; 22-18 (ou 19) ; P. g.

## XADREZ

ESTUDO N.º 6

Por P. Henerek



Jogam as brancas e empatam.

ESTUDO N.º 5

(W. e M. Platow)

Solução

1. f4.Bxh3 (o melhor para evitar o mate). 2. Be1+. Rg4. 3. Bxh3+. Rxf4. 4. Bd2+. Re5. 5. Be3+. Rd6. 6. Bd4+. Rf7. 7. Ba5+. e as brancas ou ganham a dama, jogando Bg2, ou obrigam o rei preto a retroceder, empatando.

## CHARADAS

SOLUÇÃO DO N.º 159

1) Bifronte. 2) Composto. 3) Culdação. 4) Fumosos. 5) Contrapor. 6) Provete. 7) Galolias. 8) Duvidosos.

CORRESPONDENCIA

António José Loureiro (Póvoa do Varzim) — Brevemente será publicado um dos seus problemas.

Nicolau de Moraes (Viseu) — Pode remeter os seus problemas. Tem que vir a tinta da China preta. A solução num outro desenho com qualquer tinta. Não esquecer também de indicar de que léxicos se serviu para a confecção dos mesmos.

António Eduardo Igrejas (Melgaço) — Não maça nada. Mande sempre.

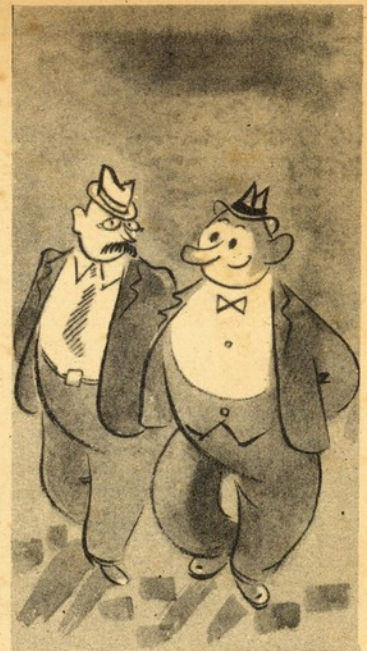
José Simões (Caldas da Rainha) — Não me chegou a remeter o resultado do campeonato das Caldas da Rainha. Aguardo e agradeço breves notícias.

Cândido Policarpo (Lisboa) — Num dos próximos números é publicado mais um dos seus problemas.

Filipe Alistão Reys Teles Moniz Corte-Real (Vila Teixeira — Ballundo — Angola) — Começo hoje a remeter-lhe a «Vida Mundial Ilustrada». Saudades de todos e um grande abraço deste seu amigo

Ventura  
incrédulo...

Por ZÉCO



—Será realmente verdade, ó Ventura, serem as loiras mais meigas do que as morenas?...



— Cala-te lá, homem!... A minha Beliarda já foi as duas coisas e está sempre na mesma...

## 4.º Campeonato de Xadrez, Inter-clubes



Final do IV torneio de xadrez inter-clubes, jogado no «hall» do Casino Estoril, e em que saiu vencedora a equipa da Costa do Sol. Aos brilhantes campeões xadrezistas as nossas felicitações.

# TRAGEDIAS DOS SIMPLES

CONTO DE GABRIELA SÁ PEREIRA ~ Ilustração de RUDY

— Bandidos! Gatunos!

...E a Ana, sentada à porta da casa, continuou modelando as suas aparatosas malgas.

Mexia depressa os dedos que lembravam garas amarelas. Movendo-os, transformou uma simples bola de barro em côncava tijela. Depois, fô-lhas agudas, que se agarravam a nervuras encarcacoladas, terminaram a obra.

A Ana espreguiçou-se, abriu uma bocarra enorme e ficou pensativa.

Que furiosa estava! Até tinha comichão na cabeça! Tremeram-lhe os beiços e ela apertou-os, engulindo assim uma golfada de palavras. Remexeu-se inquieta e golpeou à terra com os pés. Vi! como era agudo o espinho que se lhe entorrou num dos dedos gordos. E lágrimas retorcidas, que há muito vacilavam aos cantos dos olhos, caíram pesadamente.

Murchava o dia. Os primeiros sombreados apareceram. O sol afundou-se na curva do horizonte, ensangüentando a estreita língua de terreno que se finava na estrada e nascia na branca casita. A longa fila de papoilas, galdo rubro da leitosa parede fronteiriça, empalidecia.

As silvas que cercavam os bens da Ana tomaram um aspecto estranho, misterioso... Pensava-se a cada momento ver sair dali um anão barbudo ou alguma fada etérea. Mas não! Só eram habitadas por grilos e lagartos vistosos.

O ar cheirava bem, como se minúsculas ampolas de cristal boiassem nêle e, ao estalar, fôsem borrifando os seus aromas rústicos.

Noitecera.

Junto ao trabalho da tarde, a Ana matutava. Um arpepiozinho correu-lhe a espinha. Safa! Negrejava que nem carvão.

Trass! Saltitando, um novêlo acinzentado atravessara a cancela que fechava a propriedade e chegou-se à mulher. Era uma galinha.

— Anda, bicha, vai dormir, vai. Ah! maganinha...

Meneou a cabeça e entrou em casa. Safu de lá com um ovo que lhe fazia o punho grosso e colocou-o sobre palhinhas douradas, ao canto da capoeira.

— Ai! ai! Ser dona duma galinha e ter que comprar ovos. Uuumm!...

Encolheu os ombros com raiva e foi-se deitar. A galinha fazia-lhe companhia, encarrapitada num ferro da cama.

Altas horas da noite ainda a Ana fazia uuumms.

\* \* \*

A criação da mulher resumia-se naquele monte de penas mudo de bico e dum par de patas. Com que carinho tratara dêle desde pinto! Enchia-lhe o papo de milho. Baptisara-o, também. *Mariquita* — foi o nome escolhido. No seu terreno havia muitas minhocas, gorduchas e transparentes. Babava-se ao ver a galinha esgaravata afanosamente e depois engulir os viscosos cordôzitos.

Nos seus imaginados guadros do futuro, nunca entrava a morte de *Mariquita*.

— Nanja eu — dizia vagarosamente.

Mas alguns daqueles belos sonhos via-se rodeada por um bando de pintos felpudos, banhados por uma chuva de milho...

Sim! Ela ainda teria um galinheiro transbordante de bicharada. Mais cheio que o da Rosário! Ah! Aquela Rosário... Presumida duma figa! Delambida, que olhava com ar chocarreiro para a *Mariquita* e cuspinhava ao passar junto da Ana!

— Mas quem se julga aquela porcalhona,

quem se julga?! — costumava bradar irritada a Ana.

O certo, era que a galinha começava a pôr e a dona ainda não pilhara um único ovo.

De duas uma; ou lhos surripiavam, ou então... Vasculhou a casa. Metera o nariz em todos os cantos do quintaleco e nada!

Passara-lhe pela cabeça que a *«Mariquita»*, desprezando as fôfas palhas que com tanto gôsto amanhara, fôsse deixar os apetecidos ovos nalgum buraco escondido. Afinal, nada.

Roubavam-na!

\* \* \*

O anoitecer dera uma idéia maravilhosa à Ana. Deixaria o seu rico ovo ao relento naquela noite. Se êle desaparecesse... Oh! se desaparecesse, tinha de caçar o atrevido rapinante.

Pobre Ana! Aquele ano corria mal para ela. Não tinha podido criar um cevado, como costumava, e a burra aleijara uma pata. Pobre Ana!

\* \* \*

Quando de manhã abriu a porta da casita, pareceu à mulher que tudo tinha mergulhado num mar de nata. Uf! Que frio! Se sentisse andar, encontraria resistência, pela certa. O ambiente dava a impressão de se poder partir em enormes fatias que pingariam gordura amarelinha.

Apesar de tudo, decidiu-se. Arregaçando o saiote branco e batendo o queixo, foi espereitar a capoeira.

O ovo lá estava, confundindo-se com o espaço.

A Ana olhava.

Então, era a patifa da galinha que ia pôr nos quintais das vizinhas! Talvez na da Rosário! Que horror, no da Rosário! Aquela suja, que ao acabar de lamber o ovo da sua galinha havia de cuspir e rir satisfeita — se soubesse que era dela, da Ana, da miserável que só tinha uma galinha! E ela que desconfiara do pobre Joãozinho que passava de madrugada com as ovelhas e um pão moreno, que trincava todo o dia. Ingrata, má. Ela a arranjaria. Com os ovos da *«Mariquita»* é que a Rosário não voltaria a ceiar...

Pegou numa faca, foi-se à galinha que dormia regalada e — zazz! — cortou-lhe o pescoço.

Não tardou que chamas pálidas e delambidas começassem a aquecer uma panela onde nadava a *«Mariquita»*.

— Um! raio de vida! Tudo corer mal. Este ano, nem o porco.

A palavra *porco* recordou-lhe outra, *chiqueiro*. O verão vinha a galope. O mosquedo ia medrar no entulho do chiqueiro. As moscas não a deixariam viver...

Foi limpá-lo.

Uma claridade rosada invadira os campos. Ouviu-se o chiar agudo e característico dos carros de bois. Os homens animavam-nos com frases entreteídas de pragas. Alguns cantarolavam baixo. Iam todos de pele retezada e com um copo de aguardente dançando no estômago vazio.

A Ana, com uma pá, limpava o chiqueiro de tôda a casta de imundícies.

Súbito, trrrchass...

Vi! Aquilo eram ovos! Inteiros uns, quebrados outros, mas... ovos!

A mulher estacou. Arrefeceram-lhe as mãos. Sentiu que uma vareta de gelo lhe enchia a coluna vertebral. Largou a pá.

Entrou em casa triste e muda.

Chamas vermelhas envolviam a panela. A água fervia encapelando-se em brava tempestade. No fundo, a *«Mariquita»* acabava de cozer; uma pellicula amarela cobria-a. Na chaminé faiscaava uma faca tinta de vermelho. Ao lado, pequena montanha de penas escuras espalhava uma sombra triangular sôbre os tejos estalados. As gotinhas de sangue que salpicavam a parede tinham-se transformado em carrapetzinhos escuros.

...E uma cabeça úmida rematada por uma crista descôrada, metia o biquito numa brasa que o esturrava lentamente.

Naquela noite, a Ana deitou-se de barriga vazia...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãs), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27